

FACULDADES EST

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ROSANE PHILIPPSSEN

ENCONTROS E RESISTÊNCIAS: O FÓRUM DE REFLEXÃO DA MULHER
LUTERANA, SUA ORIGEM E CONTRIBUIÇÕES ÀS MULHERES DA IECLB

São Leopoldo

2017

ROSANE PHILIPPSSEN

ENCONTROS E RESISTÊNCIAS: O FÓRUM DE REFLEXÃO DA MULHER
LUTERANA, SUA ORIGEM E CONTRIBUIÇÕES ÀS MULHERES DA IECLB

Trabalho Final de Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia
Fundamental Sistemática
Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos
e Diversidade

Orientador: Oneide Bobsin

São Leopoldo

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P552e Philippsen, Rosane
Encontros e resistências: o fórum de reflexão da mulher
luterana, sua origem e contribuições às mulheres da IECLB /
Rosane Philippsen; orientador Oneide Bobsin. – São
Leopoldo : EST/PPG, 2018.
100 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2018.

1. Luteranas – Brasil. 2. Fórum de Reflexão da Mulher
Luterana da IECLB. 3. Teologia feminista. I. Bobsin, Oneide.
II. Título.

ROSANE PHILIPPSSEN

ENCONTROS E RESISTÊNCIAS: O FÓRUM DE REFLEXÃO DA MULHER
LUTERANA, SUA ORIGEM E CONTRIBUIÇÕES ÀS MULHERES DA IECLB

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia
Fundamental Sistemática
Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos,
e Diversidade

Data de Aprovação: 15 de janeiro de 2018

Oneide Bobsin – Doutor em Teologia – Faculdades EST

André Sidnei Musskopf – Doutor em Teologia – Faculdades EST

Dedicado a Marcia Blasi, irmã e amiga.

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação de mestrado é resultado de um presente. Presente dado pelo amor sororal de uma mulher para com outra mulher. Agradeço profundamente à Marcia, que me incentivou, me convocou, e fez tudo, mas realmente tudo para que eu chegasse até aqui. As coisas materiais e imateriais, casa, cama e comida. Amor, abraço e colo! Grata sou! Junto com Marcia, Mauro que me recebeu em sua casa e, com seu exemplo, mostra que é possível relações familiares que respeitam cada um e cada uma. Muito carinho por esta família incrível formada junto com Arthur e Alex, bem como as peludas Terra e Sofie.

Agradeço a Elaine que viu muito antes de mim esta realização, nesta mesma conversa Eliana, Rachel e Cristina, companheiras de Fórum. Com especial carinho à Vera Roth que muito auxiliou com histórias e documentos e todas aquelas mulheres que acreditaram e ousaram num espaço que fosse ao encontro da diversidade.

Refaço os passos e lembro de André dizendo que um dia estaria aqui. Que honra ter sido sua aluna! Nesta mesma ocasião lembro de Adriana e o suporte da Igreja da Suécia pela bolsa de estudos. Junto aí todas as amigadas que ganhei de pessoas muito amadas do Programa de Gênero e Religião. Especialmente à Dani que revisou o texto. Agradeço à Faculdades EST: que sonho realizado! E que biblioteca! Assim como funcionárias e funcionários da instituição sempre presentes em qualquer necessidade. A cada professora, a cada professor que compartilharam seus saberes neste período, especialmente ao meu orientador Oneide que deu a tranquilidade necessária para este trabalho, assim como cada “bibliografia” que conheci pessoalmente. Uau! A cada colega de caminhada: que turma mais querida e especial. E por especial, a amada companheira Pâmela com quem mais de perto pude caminhar.

Ao amado Gérson Eduardo que sempre me apoia nestas empreitadas, se desdobrando para dar conta de tantas demandas. Aos guris Hendrik e Victor que precisam lidar com esta mãe sempre questionadora. Agradeço a Nádia, minha inspiração, que mesmo longe, sempre auxilia a mãe-aluna e ao Washington que é filho também. Agradeço a Deus por me ouvir e me dar voz!

*Ao lembrarmos as histórias do passado, nós nos
alimentamos para fazer a história do presente.*

(Wanda Deifelt)

RESUMO

Entre encontros e resistências, as experiências das mulheres luteranas são resgatadas, com recursos da historiografia feminista, primeiramente para desconstruir a ideia essencialista da mulher luterana. Num segundo momento, para apresentar os questionamentos que as mulheres fizeram nas páginas do Jornal Evangélico e outros periódicos relacionados a IECLB e, em terceiro, o espaço no qual mulheres luteranas líderes, entre encontros e resistências, foram reconhecendo novos jeitos de se reunir e se organizar. O Fórum de Reflexão da Mulher Luterana resultou do questionamento de mulheres luteranas que tantas vezes são invisibilizadas, silenciadas e não nomeadas. Desde os primórdios em terras brasileiras, a riqueza nos jeitos de ser mulher luterana conduz à pergunta de quem são estas mulheres. A percepção de que são muitas e que trazem na sua história uma diversidade de experiências é também uma forma de resistir à homogeneização que descaracteriza as mais variadas formas de se reunir e se organizar, nos mais diferentes lugares, espaços e níveis escolares. Nas mais diferentes relações e idades. As páginas do Jornal Evangélico entre os anos 1985-1995 retratam o contexto da concepção do Fórum, em 1990, trazendo as falas e registros de mulheres luteranas de diversos segmentos. Embora não seja o único, é o principal meio de registro das vozes de mulheres que desejavam refletir sobre muitas outras questões despertadas pela Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres, a Teologia Feminista e pelo próprio movimento da sociedade brasileira em geral. No contexto da VIII Assembleia da Federação Luterana Mundial, estas mulheres líderes perceberam sua diversidade e falta de articulação e se propuseram a realizar encontros, almejando a troca de experiências, a busca de capacitação, e o sonho de uma instância que pudesse coordenar os diversos grupos e organizações de mulheres na IECLB. Uma Secretaria da Mulher foi a principal reivindicação deste grupo de lideranças. Uma instância que articulasse e representasse todas as mulheres da IECLB. Mas não foi consenso e resistência houve a este projeto, significando rompimentos e novos rumos para este grupo de mulheres líderes, que passaram a se encontrar como Fórum de Reflexão da Mulher Luterana e realizando fóruns nacionais desde 1995 até a atualidade.

Palavras-chave: Mulheres. Mulheres luteranas. Fórum de Reflexão da Mulher Luterana. IECLB.

ABSTRACT

Between encounters and resistances, the experiences of Lutheran women are recovered, with resources from feminist historiography, first to deconstruct the essentialist idea of the Lutheran woman. In a second moment, to present the questionings which the women made on the pages of the Evangelical Journal and other periodicals related to the IECLB, and in a third moment, to be a space where Lutheran women leaders, between encounters and resistances, came to recognize new ways of gathering and organizing themselves. The Reflection Forum for the Lutheran Woman resulted from the questioning of Lutheran women who are so often invisibilized, silenced and not named. From the beginnings on Brazilian land, the richness in the ways of being a Lutheran woman led to the question of who these women are. The perception that they are many and that they bring in their history a diversity of experiences is also a way to resist the homogenization which characterized the many varied ways of gathering and organizing, in very different places, spaces and school levels, in very different relations and ages. The pages of the Evangelical Journal between the years of 1985 – 1995 show the context of the conception of the Forum, in 1990, presenting the talk and registers of Lutheran women of various segments. Although it is not the only one, it is the main means of registering the voices of women who wished to reflect on the many issues sparked by the Ecumenical Decade of Solidarity of the Churches with the Women, by Feminist Theology and by the movement of the Brazilian society in general. In the context of the VIII Assembly of the Lutheran World Federation these women leaders perceived their diversity and the lack of articulation and proposed to carry out gatherings aiming at exchanging experiences, seeking formation and the dream of a space which could coordinate the various groups and organizations of women in the IECLB. A Department of Women was the main demand of this group of leaders. A space which could articulate and represent all the women of the IECLB. But there wasn't consensus and there was resistance to this project, implying in ruptures and new paths for this group of women leaders, who started to gather as the Forum of Reflection of the Lutheran Woman and has been carrying out national forums since 1995 up to current times.

Keywords: Women. Lutheran women. Forum of Reflection of the Lutheran Woman. IECLB.

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS	7
INTRODUÇÃO.....	9
1 DA MULHER LUTERANA.....	15
1.1 Mulher luterana ou mulheres luteranas?.....	15
1.2 A diversidade de mulheres na IECLB a partir de suas experiências	18
1.3 Mulheres luteranas: de imigrantes isoladas e esposas de pastores às associações de senhoras e irmandade evangélica.....	19
1.4 Mulheres luteranas: de catequistas e diáconas a estudantes de Teologia até pastoras e missionárias da IECLB	28
1.5 Mulheres luteranas de todas as cores e saberes, no campo e na cidade	33
1.6 Resumo do capítulo	34
2 DE REFLEXÃO	37
2.1 A reflexão das mulheres dentro de um contexto social, político, cultural e religioso....	37
2.2 Os questionamentos de mulheres refletindo nas páginas do Jornal Evangélico (1985-1995)	40
2.3 A cátedra de Teologia Feminista na EST	47
2.4 A Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres.....	50
2.5 Resumo do capítulo	54
3 FÓRUM.....	57
3.1 Questionamentos e demandas.....	57
3.2 A VIII Assembleia da Federação Luterana Mundial.....	60
3.3 O “Recanto”	62
3.4 As primeiras reuniões	63
3.5 Por uma secretaria da mulher	67
3.6. Alguns nós nas relações.....	70
3.7 Resumo do capítulo	76
CONCLUSÃO	79
REFERÊNCIAS	85

LISTA DE SIGLAS

CAPA: Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia

CD: Conselho Diretor

CI: Conselho da Igreja

CMD: Casa Matriz de Diaconisas

CMI: Conselho Mundial de Igrejas

CONIC: Conselho Nacional de Igrejas Cristãs

DMO: Dia Mundial de Oração

EST: Escola Superior de Teologia

FACTEOL: Faculdade de Teologia

FLM: Federação Luterana Mundial

FRML: Fórum de Reflexão da Mulher Luterana

IECLB: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

JOREV: Jornal Evangélico

MEL: Mulheres Evangélicas Luteranas

OASE: Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas

OGA: Obra Gustavo Adolfo

ONU: Organização das Nações Unidas

PPL: Pastoral Popular Luterana

SOUC: Semana de Oração pela Unidade Cristã

INTRODUÇÃO

A bênção do Deus de Sara, Abraão e Hagar,
A bênção do Filho nascido de Maria,
A bênção do Santo Espírito de amor,
Que cuida com carinho, qual mãe cuida da gente,
Esteja sobre todas nós. Amém¹.

Sou mulher luterana, nascida e criada nesta Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Participo da vida comunitária intensamente desde o ensino confirmatório. Por estar inserida no mercado formal de trabalho iniciei, juntamente com outras mulheres da comunidade onde participava, em 1996, um grupo para preparar um retiro somente para mulheres. Percebíamos que as mulheres estavam, em geral, em praticamente todas as atividades comunitárias, servindo aos diversos grupos. A OASE (Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas), com sua forma tradicional de encontros nas quartas-feiras à tarde, não me possibilitava participar das reuniões. E eu queria. Eu desejava. Eu precisava. Eu necessitava de um espaço seguro para poder falar da situação de abuso que vivenciava desde a minha infância e que ainda estava muito longe de superar. Imaginava um lugar seguro para compartilhar minha história com outras mulheres. Eu realmente precisava de ajuda. Mas como não era viável, o retiro foi, então, uma ideia que proporcionaria um espaço de encontro só de mulheres, para todas as mulheres da comunidade.

O primeiro retiro realizou-se em 1997 e, desde então, ele ocorre anualmente. É destinado a todas as mulheres da Comunidade Evangélica Luterana Bom Pastor de Curitiba e convidadas também. Deste retiro, organização e avaliações, nasceu o MEL – Mulheres Evangélicas Luteranas – que, ao lado da OASE Madalena, é um espaço para as mulheres, contemplando aquelas que estão no mercado formal de trabalho, realidade da grande maioria na atualidade. Os dois grupos funcionam bem, cada um a sua maneira, e também em parceria quando o interesse comunitário necessita. E está tudo bem. Não há crises nem disputas. Desde o início ficou bem claro que os objetivos eram distintos, sendo o MEL muito mais um grupo terapêutico.

Dentro da estrutura da Igreja (IECLB) o grupo de mulheres mais representativo e reconhecido é a OASE. Por não serem associados à OASE grupos

¹ SOSA, Pablo. Bênção. Tradução de Jaci Maraschin. In: KIRST, Nelson. (Org.). *Cantos Litúrgicos da América Latina: Cantos Litúrgicos de América Latina*. [Miriã; 2]. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Centro de Recursos Litúrgicos, 2006, p. 33.

de mulheres como o MEL ficam fora de discussões e articulações maiores no âmbito da Igreja, sejam sinodais ou nacionais.² Dessa forma, esses grupos de mulheres não estão representados nestas instâncias.

Ao tomar conhecimento do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana e através das informações obtidas, foi possível inferir que nesse espaço mulheres que não participam da OASE poderiam, também, ter visibilidade e participar das discussões na IECLB. Assim, em 2010 participei do VIII Fórum Nacional, que ocorreu em Curitiba, e de lá saí eleita para atuar na coordenação junto com mulheres que também não sabiam muito bem o que significaria isto. Os quatro anos de coordenação foram muito proveitosos pessoal e comunitariamente. Conheci melhor a Igreja da qual faço parte e conheci pessoas que muito enriqueceram minha história pessoal.

Embora tenha cursado Teologia na Faculdade Evangélica do Paraná (FEPAR) a Teologia Feminista não fez parte do meu currículo de graduação, pois a ênfase era a Saúde Integral, numa proposta interdenominacional e voltada à capelania hospitalar. Entretanto, o trabalho com as mulheres no MEL e a coordenação do Fórum me levou a autoras como Elaine Neuenfelt, Wanda Deifelt, Ivoni Richter Reimer, Nancy Cardoso, Elza Tamez, Maricel Mena López e Luise Schottroff. De forma autodidata buscava subsídios que respondessem aos inúmeros questionamentos que fazíamos enquanto grupo e, sem ter consciência, já estava enveredando pelo feminismo e pela Teologia Feminista. Por esse motivo, ao ingressar no Mestrado Profissional na Faculdades EST, não havia dúvida alguma sobre a Linha de Pesquisa. Assim, iniciei os estudos em Gênero, Feminismos e Diversidade, já que essa Linha refletia minha prática como liderança comunitária. O mesmo motivo me levou a escolher como objeto de pesquisa o próprio Fórum de Reflexão da Mulher Luterana.

No período em que estive na coordenação do Fórum, descobrimos que havia pouca informação sobre o mesmo e sua história. Por isso, identificar as origens do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, nomear suas lideranças e

² A estrutura eclesial da IECLB reflete a visão de uma igreja sinodal, onde a comunidade é a menor unidade orgânica e a base de trabalho. A comunidade congrega os membros da Igreja e duas ou mais Comunidades de uma mesma área podem formar Paróquia. Por conseguinte, o Sínodo é formado pelo conjunto de Comunidades e Paróquias de determinada área geográfica. Atualmente, congregam a IECLB, dezoito Sínodos. Disponível em: <www.luteranos.com.br/conteudo/constituicao-da-ieclb-1>. Acesso em 19 fev. 2018.

reconhecer sua contribuição às mulheres da IECLB é o objetivo desta dissertação. O Fórum pode ser caracterizado como um movimento que ocorre no âmbito da IECLB, cuja intenção é reunir mulheres luteranas de todo o país. É consenso entre as primeiras coordenadoras do movimento que seu início se deu em 1990, por ocasião da VIII Assembleia da Federação Luterana Mundial, realizada em Curitiba/PR. Portanto, foi delimitado para esta pesquisa o período entre 1985 e 1995 para análise.

Ao perguntar pelas origens do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, outras indagações se apresentam: o que é o Fórum? O que faz? Quem é esta mulher luterana que reflete? Reflete o quê, ou sobre o quê? Já no projeto, percebi que pouco material havia sobre o referido tema, como se nem existisse tal movimento.

Concordo com Ivone Gebara quando ela afirma: “quando as mulheres tentam expressar a sua maneira de pensar o mundo, usam o termo feminista para indicar que há uma maneira de sentir, pensar e expressar a vida a partir da sua própria experiência e das suas contemporâneas.”³ De certa forma, este movimento chamado Fórum tentou refletir sobre a realidade das mulheres de uma maneira que rompeu a lógica do pensamento masculino. Ainda que de uma forma muito ampla, buscava promover a dignidade das mulheres, identificando a discriminação, principalmente amparado por uma hermenêutica feminista da libertação, trazida pelas ministras e teólogas que participaram o movimento.

No campo da historiografia é muito recente falar de uma “história das mulheres” de forma que possuíssem uma definição intrínseca. Geralmente, a experiência das mulheres era vista de forma contextual e em relação aos homens, como esposas, mães, filhas, empregadas, viúvas. De acordo com Joan Scott, “a emergência da história das mulheres como um campo de estudo envolve, nesta interpretação, uma evolução do feminismo para as mulheres e daí para o gênero.”⁴ Mas ainda aí, na representação das “mulheres”, não é possível compreender este sujeito como estável ou definitivo e, no caso das mulheres luteranas, o risco de cristalizar esta imagem numa única forma é grande.

³ GEBARA, Ivone. *Filosofia feminista: uma brevíssima introdução*. São Paulo: Terceira Via, 2017a, p. 9.

⁴ SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 65.

Inspirada pela campanha “Em comunhão com as viDas das mulheres”⁵, promovida pela IECLB, que objetiva resgatar as histórias de mulheres que fizeram a história da igreja, fui motivada a pesquisar e a escrever sobre as origens do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana.

Como diz Michelle Perrot, “para se escrever uma história, são necessários fatos, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história de mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios desfeitos, seus arquivos destruídos.”⁶ Assim, a fim de contribuir para a visibilidade de mulheres que ousaram romper o silêncio centenário, o qual determina o valor das mulheres pela sua capacidade de servir e aceitar até mesmo o desprezo em nome da fé em Jesus Cristo, afirmo a importância de se registrar e analisar este movimento de mulheres na IECLB, como parte de sua história, mesmo que relativamente recente.

Durante muito tempo às mulheres foi destinado o espaço privado e o silenciamento, nos conventos ou nos casamentos. As próprias religiões são ambivalentes, pois “[...] são ao mesmo tempo, poder sobre as mulheres e poder das mulheres”⁷, conforme Perrot. Nesse sentido, o Fórum representa uma mudança de paradigmas, onde as mulheres questionam as algemas e mordidas que as acompanham de geração em geração, para serem capazes de rompê-las.

O primeiro passo metodológico para pesquisar as origens do Fórum, foi descrever o contexto histórico, social e político no qual estavam inseridas aquelas líderes. O recurso utilizado foram as edições do Jornal Evangélico⁸. Por ser um periódico de alcance nacional e meio de comunicação oficial da IECLB com sua membresia, identifiquei nele a legitimidade para trazer a moldura na qual o Fórum seria retratado. Dessa forma, folhee as páginas do jornal de 1985-1995, período que abraça anos anteriores e posteriores à data oficial do nascimento do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana. Foi muito interessante perceber as falas das mulheres, seus questionamentos, suas reflexões e seus posicionamentos. Na coleta deste material, foi possível perceber que muitas mulheres não estavam satisfeitas

⁵ Mais informações sobre a campanha em: IECLB. Campanha “Em Comunhão com as viDas das mulheres”. *Portal Luteranos*, 24 jun. 2014. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres-28700>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

⁶ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2 ed., 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2013. p. 21.

⁷ PERROT, 2013, p. 83.

⁸ O Jornal Evangélico Luterano é o jornal da IECLB que leva mensalmente informação, motivação, reflexão e formação, com o intuito de aproximar luteranos de todo o País. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/jorev/apresentacao>>. Acesso em 06 mar. 2018.

com o modelo histórico de ser mulher luterana e queriam testar outras possibilidades.

A falta de hábito em documentar o que as mulheres fazem e produzem e a pouca valorização da experiência cotidiana contribuem para a destruição da sua memória. Muitas mulheres acabam convencidas de que seus apontamentos e escritos não têm importância e terminam por destruir esta fonte riquíssima de informações sobre elas e sobre seus fazeres. Porém, Vera Liane Roth e Herta Costa Scherer escreveram um livro sobre o Fórum, por ocasião do aniversário de vinte anos do movimento com o título “Mulher, deixa a chama acesa e não tema a transformação: Deus te ama 100%: história dos 20 anos do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana da IECLB”. Este livro contém depoimentos e a reprodução de algumas atas e cartas, material que, junto com as notícias e temáticas trazidas no Jornal Evangélico, auxiliam na memória das origens e motivações do Fórum sendo, portanto, as fontes principais sobre ele.

A partir da pesquisa realizada apresento, no capítulo primeiro, as representações sobre as mulheres luteranas, rejeitando qualquer afirmação essencialista a respeito. Sempre é necessário lembrar que não existe “a mulher luterana”, mas sim, muitas mulheres. Embora sejam em maior número brancas, heterossexuais e de descendência europeia, são estas as mulheres que, basicamente, pertencem ao que denomino mulheres luteranas.

A reflexão sobre essas questões faz parte do segundo capítulo e traz justamente aspectos que perpassam as páginas do Jornal Evangélico em relação às rápidas mudanças da sociedade brasileira nos anos 1980-1990. Apresenta a Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres, que foi uma demanda do Conselho Mundial de Igrejas que entendeu a solidariedade com as mulheres como um dos pontos centrais do ecumenismo. É também feito um resgate da conquista da cátedra de Teologia Feminista. Este capítulo recupera um pouco as diferentes lutas das mulheres, nos mais diversos espaços, muitas motivadas pelas orientações da Federação Luterana Mundial incentivando as mulheres a ocuparem a liderança e espaços decisórios nas igrejas,

Finalmente, o terceiro capítulo descreve e analisa o nascimento do Fórum, quando como é nomeado dessa forma e conhecido até hoje. A visão da heterogeneidade das mulheres luteranas e a falta de articulação levou as líderes a almejarem uma instância que coordenasse todo o trabalho com mulheres que, pela

sua variedade, não poderia ser representado somente por um grupo. A luta por uma Secretaria da Mulher foi motivo para muitas reuniões, escritos e discussões. É o duro momento dos enfrentamentos e posicionamentos antagônicos que geraram ruptura e um novo caminhar para o movimento.

Por fim, esta dissertação almeja resgatar a experiência de mulheres que ousaram sonhar e protagonizaram a realização de um movimento que reunisse mulheres luteranas em toda sua diversidade, num encontro dos mais variados jeitos e realidades de toda a IECLB.

1 DA MULHER LUTERANA

Quem vai contar das nossas lutas por justiça?
 Quem vai contar das nossas lutas por paz?
 Mulheres, quem conta a nossa história?
 Mulheres, quem conta a nossa história?⁹

1.1 Mulher luterana ou mulheres luteranas?

Antes de discorrer sobre o que se poderia caracterizar como “a mulher luterana”, se faz necessário esclarecer que não se pretende aqui trabalhar com uma categoria essencialista¹⁰ que conceitue de forma universal e limitada do modo como são descritas as coisas.

De acordo com Liane Schneider:

De fato, é inquestionável o fato de que as teorias feministas, e principalmente a crítica à política de identidades, já há várias décadas vêm buscando desconstruir o essencialismo que envolve o termo ‘mulher’, bem como todo o sistema de gênero [...] A homogeneidade das categorias tem sido desmascarada e a diferença interna passou a apontar a instabilidade de identidades antes definidas como universais¹¹.

Igualmente Ivone Gebara afirma: “Naturalizar identidades sociais é categorizá-las desde certo determinismo, como se tivéssemos de obedecer a leis pré-estabelecidas sobre papéis e escolhas relativas à vida humana.”¹² É fundamental perceber “as mulheres” numa perspectiva que considere a diversidade e fragmentação dos jeitos de ser, numa relação com outros eixos além do gênero, como etnia, religião, classe social, idade, etc.

Desta forma, o termo mulher não cabe aqui. Além de se referir a uma mulher no singular, prefiro pensar na pluralidade que “mulheres” evoca. São muitas experiências, embora durante muito tempo, relegadas ao privado e ao doméstico.

⁹ De autoria da Pa. Bianca D. Ücker Weber, “Mulheres, quem conta nossa história?”, esta composição foi criada especialmente para o X Fórum Nacional de Reflexão da Mulher Luterana, que aconteceu nos dias 23 a 25 de maio de 2014, na Casa Matriz de Diaconisas em São Leopoldo/RS, com este mesmo tema. A música na íntegra está no artigo: X FÓRUM da Mulher Luterana – Mulheres, quem conta nossa história? *JOREV Luterano*, Porto Alegre, jul. 2014, Atualidade, p. 4. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/_arquivos/todos.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2017.

¹⁰ BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 126. De acordo com este autor, “essencialismo é um termo usado nas obras feministas para denotar a ideia de que o sexo feminino (ou masculino) tem uma natureza essencial que se opõe à noção de que as diferenças entre os sexos se devem a uma variedade de características acidentais ou contingentes que emergem das forças sociais.”

¹¹ SCHNEIDER, Liane. Que fala como mulher na literatura de mulheres? In: CAVALCANTI, Ildeny; LIMA, Ana C.; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *De mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades*. Maceió: EDUFAL, 2006, p. 149-150.

¹² GEBARA, 2017a, p. 11.

Invisibilizadas, marginalizadas, foram tratadas por muito tempo como seres menores, mais próximas às crianças do que dos homens. Joan Scott aponta para a dificuldade em se definir uma única experiência das mulheres¹³, evidenciando o problema de se conceituar de forma universalista:

O termo 'mulheres' dificilmente poderia ser usado sem modificação: negras, trabalhadoras, pobres, mães solteiras (*sic*), lésbicas. Estas modificações desafiavam e desafiam ainda o conceito de 'mulheres' afirmado sob a hegemonia heterossexual, branca e classe média, pois as diferenças fundamentais da experiência tornam impossível reivindicar uma identidade isolada¹⁴.

Assim, é preciso que se considere neste recorte de mulheres luteranas que se retrata, em grande medida, a experiência de mulheres brancas, descendentes de imigrantes alemães em particular ou da Europa em geral, heterossexuais, de classe média e com alguma escolarização.

A pergunta feita na composição da Pa. Bianca D. Ücker Weber, "Mulheres, quem conta nossa história?", conduz à reflexão sobre quem é a autoria, quem registra e quem transmite a história das mulheres. Até bem pouco tempo, a escrita da história foi prerrogativa dos homens, que a apresentavam de forma universal, incluindo as mulheres no "nós" masculino¹⁵.

A história das mulheres é uma história recente. Elas não poderiam escrever as suas experiências se estivessem englobadas em um sujeito único universal, masculino. Tradicionalmente a mulher tem sido ignorada, excluída como objeto histórico¹⁶.

A história que foi contada através dos séculos "[...] foi eminentemente masculina, isto é, aos homens foi dada a tarefa de pensar publicamente o mundo e expressar o seu pensamento"¹⁷, bem como suas memórias. Assim, se faz imperativo aprender a escrever as histórias de mulheres, aliás, aprender a contar as histórias, ouvi-las e registrá-las. Faz parte da tarefa, também, o desconstruir e reconstruir histórias que foram legadas de geração em geração. Procurando nestas histórias as experiências daquelas mulheres em sua luta, resistência e transgressão. Ana Maria Colling afirma que a "[...] história das mulheres elabora uma nova metodologia e

¹³ SCOTT, 1992, p. 93.

¹⁴ SCOTT, 1992, p. 87.

¹⁵ COLLING, Ana M. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história*. Dourados: UFGD, 2014, p. 12.

¹⁶ COLLING, 2014, p. 12.

¹⁷ GEBARA, 2017a, p. 9.

novas categorias de análises conceituais a partir da aplicação dos conceitos elaborados pelo pensamento feminista [...]”¹⁸.

Na segunda metade dos anos 1980 foi desenvolvido o conceito de gênero, que busca “[...] dar conta de relações socialmente constituídas, que partem da contraposição e questionamento dos convencionados gêneros feminino e masculino, suas variações e hierarquização social.”¹⁹ Esta categoria de análise teve bastante repercussão no Brasil a partir de um artigo publicado pela historiadora Joan Scott²⁰, que auxilia as análises a respeito das mulheres, para dar conta das situações que extrapolam definitivamente o privado e o doméstico, à medida que elas adentram ao mercado de trabalho, à educação e à política. Assim, foi possível:

[...] perceber que o universo feminino é muito diferente do masculino, não simplesmente por determinações biológicas, como propôs o século 19, mas, sobretudo, por experiências históricas marcadas por valores, sistemas de pensamento, crenças e simbolizações diferenciadas também sexualmente²¹.

De acordo com Ana Maria Colling, a categoria de gênero traz a relação entre os sexos como algo que é construído o tempo todo, não sendo estático, e possibilitando a sua utilização para:

[...] denunciar a discriminação que a mulher sofria em todos os níveis e teve como objeto principal introduzir na história global a dimensão da relação entre os sexos, com a certeza de que esta relação não é um fato natural, mas uma relação social construída e incessantemente remodelada, efeito e motor da dinâmica social. Esta categoria de análise permite reescrever a história, levando em conta o conjunto das relações humanas, sempre lembrando que a relação entre os sexos produz saberes e verdades [...] Neste sentido, é necessário criticar, desmontar estereótipos universais e valores tidos como inerentes à natureza feminina²².

¹⁸ COLLING, 2014, p. 15-16.

¹⁹ VEIGA, Ana M.; PEDRO, Joana M. Gênero. In: COLLING, Ana M.; TEDESCHI, Losandro A. (Orgs.). *Dicionário Crítico de Gênero*. Dourados: UFGD, 2015, p. 305.

²⁰ Foi em 1986 que a historiadora estadunidense Joan Scott elaborou sua reflexão sobre gênero e sua utilidade para a historiografia. Este artigo só foi publicado no Brasil na década de 1990. Ver: SCOTT, Joan. Gênero como categoria útil para análise histórica. *Educação & Realidade*, vol. 20, no. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

²¹ RAGO, Elisabeth. Descobrimos historicamente gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, no. 11, p. 89-98, 1998, p. 92-93. Disponível em: <http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/118136/1/ppec_8634465-3436-1-SM.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2017.

²² COLLING, 2014, p. 27-28.

Estas relações sociais são construídas a partir da separação e hierarquização de gênero²³ e por isso revelam também “[...] jogos de poder que organizam discursos normativos e estabelecem controles sociais.”²⁴ Assim, a partir destes referenciais, é possível se aproximar das mulheres luteranas que evocamos para ilustrar, ainda que de forma provisória, a identidade destas mulheres no contexto da Igreja Luterana no Brasil.

1.2 A diversidade de mulheres na IECLB a partir de suas experiências

Olhar para o universo das mulheres luteranas na IECLB não é novidade. No artigo “Questões de Gênero e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB”, as autoras Valburga S. Streck e Marcia Blasi analisam como as mulheres trabalharam no processo de construção da Igreja, seus espaços nos diferentes grupos, movimentos, etc., bem como sua contribuição na reflexão teológica²⁵.

A experiência das mulheres que antecederam na caminhada da IECLB é a fonte de conteúdo para uma reflexão acerca da presença destas, dando-lhes visibilidade e voz, superando as ausências da historiografia tradicional, para não dizer patriarcal e androcêntrica.

O conceito de experiência é um elemento-chave dentro da teoria e prática feministas porque reconhece o papel que os eventos de nossas vidas e o nosso envolvimento pessoal têm nas formulações teóricas, sejam elas de cunho histórico, político ou teológico. Nossas experiências definem nossa percepção de Deus, de nós mesmas, das pessoas e do mundo à nossa volta²⁶.

Ao afirmar a experiência como passo metodológico importante para a Teologia Feminista, Wanda Deifelt indica que “a experiência das mulheres – incluindo também as suas experiências de fé – é o ponto de partida da reflexão

²³ KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena *et al* (Orgs.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 67.

²⁴ SAMPAIO, Tânia M. Vieira. Gênero: saberes e sabores a interrogar a vida e a teologia. *Tempo e Presença*, no. 336, p. 33-35, jul.-ago. 2004. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/tpdigital/uploads/8_genero.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2017.

²⁵ STRECK, Valburga S.; BLASI, Marcia. Questões de gênero e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 49, no. 2, p. 222-240, jul./dez. 2009, p. 223. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/84>. Acesso em: 31 jul. 2017.

²⁶ DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e Teologia*. Interpelações e perspectivas. São Paulo/Belo Horizonte: Paulinas/Loyola/SOTER, 2003a, p. 175.

teológica.”²⁷ Rejeita-se a neutralidade científica que pressupõe o distanciamento entre aquela pessoa que pesquisa e seu objeto de estudo. Ao partir da particularidade da experiência, o feminismo, e a Teologia Feminista em particular, questionam também que a única experiência válida seja a dos homens brancos e cristãos e ampliam este espectro buscando incluir outras experiências que considerem questões de sexo, raça/etnia, classe, religião, etc. Independentemente de se utilizar o círculo hermenêutico²⁸ ou a espiral da sabedoria²⁹, o ponto de partida é a experiência.

1.3 Mulheres luteranas: de imigrantes isoladas e esposas de pastores às associações de senhoras e irmandade evangélica

De acordo com Martim Dreher, “luteranos chegariam ao Brasil de forma permanente, no século 19, como imigrantes: soldados, agricultores, artesãos, comerciantes e missionários. Em maio e julho de 1824³⁰, foram instalados imigrantes luteranos em Nova Friburgo/RJ [...] e em São Leopoldo/RS.”³¹

²⁷ DEIFELT, 2003a, p. 174.

²⁸ RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

²⁹ SCHÜSSLER FIORENZA, Elizabeth. *Caminhos da sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009, p. 191.

³⁰ Sobre imigração alemã no Brasil há uma rica e diversa produção. Martim N. Dreher tem produzido extenso material sobre o assunto, como em: DREHER, Martim N. *História do Povo de Jesus: uma leitura latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. Nesta obra, Dreher traz um capítulo sobre a igreja no Brasil nos séculos XIX E XX. Há também: DREHER, Martim N. *História do Povo Luterano*. São Leopoldo: Sinodal, 2005; DREHER, Martim N. *190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças*. São Leopoldo: Oikos, 2014. Algumas outras obras como: WITT, Osmar L. *Igreja na Migração e Colonização: A pregação Itinerante no Sínodo Rio-Grandense*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1996. Traz um panorama da colonização no Rio Grande do Sul e a atuação dos pregadores itinerantes. HUNSCHE, Carlos H. *Pastor Heirich Wilhelm Hunsche e os começos da Igreja Evangélica no Sul do Brasil*. São Leopoldo: Rotermund, 1981. Esta obra é interessante para se analisar a invisibilidade das mulheres que, embora presentes, não são nomeadas. Na mesma linha: FUGMANN, Wilhelm. *Os alemães no Paraná: livro do centenário*. Tradução de Francisco Lothar Paulo Lange. Ponta Grossa: UEPG, 2010. Neste, a narrativa de memórias históricas sobre o processo de imigração e desenvolvimento das comunidades alemãs no Paraná traz interessante material até o ano de 1929. Ainda, para trazer a controvérsia, FLUCK, Marlon R. *Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil: início, missão e identidade*. Curitiba: Calebe, 2005. Fluck desvincula os começos da IECLB com a chegada dos imigrantes alemães a São Leopoldo, em 1824. Ele afirma que a fundação da primeira comunidade da hoje IECLB seria em 20 de agosto de 1819, após a realização de uma assembleia dos 190 imigrantes protestantes com destino a Nova Friburgo/RJ, aprovando os estatutos para uma igreja no Brasil e escolha de um presbitério.

³¹ DREHER, Martim N. (Org.). *Histórias de vida e fé: luteranos e luteranas no Nordeste do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Oikos, 2012, p. 20.

Nunca eu soube por que meu pai veio. Mas me lembro de que, à noite, vivíamos quase sempre quietos e sós, até que certa feita, começaram a aparecer, todas as noites, homens que discutiam muito e conversavam. Cada vez surgiam mais homens. Eu não prestava atenção ao que falavam, mas notava que minha mãe passara a ficar calada e casmurra. Numa certa noite, os homens estavam muito alegres, trouxeram bebidas, cantaram e riram muito, se abraçando. Quando todos se retiraram, ouvi minha mãe, que sempre calava, dizer: 'Não estou gostando dessa história de mudar para tão longe, para lugar que ninguém conhece...' E meu pai responde: 'Já calculamos e conversamos muito, nós homens achamos que é bom. Decidimos ir'³².

O relato acima é de uma menina em seu diário, no tempo da imigração alemã em Minas Gerais, em estudo realizado por Clélia S. Weyrauch, citada por Martin Dreher³³, que completa: "nem as crianças, nem as suas mães foram consultadas pelos patriarcas se e quando pretendiam emigrar. Cabia ao patriarca esta decisão. Todos, porém, pais, mães e crianças fizeram experiências dolorosas também na travessia."³⁴ Altas eram as taxas de mortalidade de parturientes e de bebês, bem como da prepotência de capitães e oficiais em relação às mulheres³⁵.

Elsbeth Jost, em carta para sua família, relata as agruras da viagem junto com seu marido e seus dois filhos e ainda estando grávida do terceiro. O parto foi no navio, três dias antes da chegada ao Brasil, auxiliada por uma parteira, esta uma viúva com seus oito filhos que decidiu emigrar por conta própria³⁶. Elsbeth, em vários trechos, destaca a importância da amizade e da ajuda mútua entre as mulheres nas duras condições de viagem e dos primeiros tempos na nova terra.

No desafio de emigrar para o Brasil, algumas mulheres não chegaram. Numa carta, a imigrante Charlotte Hess, residente em Nova Friburgo/RJ, compartilha com seu sogro e sogra que ficaram na Alemanha:

Hoje, finalmente, estamos tomando posse de nosso lote de terra. Por isso, escrevo a vocês, para contar como foi nossa viagem. Ela não foi o que esperávamos, mas pelo menos não tivemos o infortúnio de perder ninguém da família, o que aconteceu com alguns de nossos patrícios, como foi o caso da família Daudt, que perdeu Johann durante a viagem. O próprio Reverendo Sauerbronn perdeu sua esposa no parto de um filho. E o mais

³² WEYRAUCH, Clélia S. *Pioneiros alemães de Nova Filadélfia: relato de mulheres*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997, p. 256-257.

³³ DREHER, 2014, p. 82.

³⁴ DREHER, 2014, p. 82-83.

³⁵ DREHER, 2014, p. 85.

³⁶ KRÜGER, Eldo; KAPPEL, Mauri; BEIG, Darwin. *Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Rio Claro – SP: 125 anos de história 1883-2008*. Rio Claro: Divisa, 2009, p. 14-15. A carta original encontra-se arquivada em Berna, Suíça. O relato de Elsbeth Jost é muito interessante pelo nível de detalhamento das condições de viagem, a precariedade de sua saúde e os dissabores e preocupações em relação à saúde de sua filha. Na carta, ela conta como foi o deslocamento do porto até a localidade da primeira colônia, Ibicaba, e as primeiras impressões e ações.

triste foi ver nosso pastor fazer a cerimônia de despedida de sua esposa. Apesar de tudo o que vivemos, posso dizer que 'até aqui nos ajudou o Senhor' (1 Sm 7.12)³⁷.

Para muitas esposas que acompanharam seus maridos nesta empreitada, percebendo na chegada que a região era mais inóspita que imaginavam, só restava sentar no baú de viagem e chorar, como o fez *Frau Schelle*, classificando “[...] o marido de ‘verdadeira besta’ por ter tido a infeliz ideia de vir para este lugar onde ‘só se via céu e mato.’”³⁸ Como foi dito antes, muitas mulheres não emigraram por vontade própria e sim conforme a determinação de seus pais ou maridos. Os grupos que chegavam eram assentados nas margens dos rios, “[...] formando uma comunidade isolada que se organizava de modo a garantir a sobrevivência material e cultural”³⁹, de modo que a solidão das mulheres era grande, imersas na lida diária da criação de muitos filhos e muitas filhas e de todas as tarefas da casa, da horta e da lavoura. Nos inícios, havia muito trabalho e eram escassos os registros de lazer.

As famílias viviam exclusivamente de sua produção de alimentos, motivo porque precisavam ter filhos, os quais ajudavam na lavoura. A família apresentava-se como uma pequena empresa e, enquanto os filhos cresciam, o maior número de tarefas repousava sobre os ombros das mães⁴⁰.

Assim como elas, outras mulheres, jovens e meninas, vieram para essas terras no contexto da imigração europeia no século XIX. Essa é uma história que ainda precisa ser escrita, concordando com Scheila dos Santos Dreher⁴¹ e Renate Gierus⁴², que realizaram suas pesquisas relacionadas às mulheres. Esta é uma

³⁷ MASKE, Wilson. Imperialismo e Luteranismo: o embate entre missionários alemães e americanos pelas comunidades luteranas no Brasil (1899-1938). In: *Carta Internacional*, vol. 8, no. 2, jul./dez. 2013, p. 159. Disponível em: <<https://cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/89/69>>. Acesso em: 03 ago. 2017.

³⁸ RENAUX, 1995 *apud* PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: PRIORE, Mary Del (Org.); PINSKY, Carla B. (Coord.). *História das mulheres no Brasil*. 9 ed., 2 reimp. São Paulo: Contexto, 2010, p. 289.

³⁹ ALENCASTRO, Luiz F. de; RENAUX, Maria L. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.); ALENCASTRO, Luiz F. de (Org.). *História da vida privada no Brasil*. vol. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 322.

⁴⁰ ALENCASTRO, 1997, p. 322.

⁴¹ DREHER, Scheila dos Santos. *O pontinho da balança: história do cotidiano de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil, na perspectiva do privado e do público*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2007.

⁴² GIERUS, Renate. *Além das grandes águas: mulheres alemãs imigrantes que vêm ao sul do Brasil a partir de 1850: uma proposta teórico-metodológica de historiografia feminista a partir de jornais e cartas*. [Tese de Doutorado]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2006.

ausência sentida de igual modo na pesquisa com mulheres imigrantes católicas, conforme artigo de Gisela Lermen⁴³.

Como ignorar o protagonismo de Jacobina Maurer, na região de Sapiranga/RS, a qual reunia ao seu redor os pacientes de seu marido, agricultor e curandeiro, entre 1869 e 1874? Com estas pessoas ela realizava o culto doméstico, com leitura e interpretação da Bíblia, cantava hinos e realizava orações⁴⁴.

Ao se contar os primórdios e a história de luteranas que chegaram e fixaram no Brasil, muito foi perdido e muito foi silenciado. Conforme Dreher, “para não se comprometer a ‘imagem’ de uma cidade, omite-se, não se fala sobre oprimidos, a exemplo de indígenas, africanos, mulheres e operários”⁴⁵, ou seja, a historiografia oficial é basicamente construída numa perspectiva androcêntrica, branca e patriarcal.

À medida que os anos foram passando, ainda no século XIX, com as comunidades se organizando e se institucionalizando, as mulheres também passaram a se organizar em grupos, de forma aceitável aos padrões da sociedade da época, e chegando à formalização de sociedades femininas ou associações de senhoras. Pioneira foi a Sociedade de Senhoras Evangélicas de Rio Claro/SP (*Frauenverein*), criada em 15 de agosto de 1899, sendo esta data o marco da criação da OASE (Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas) no Brasil⁴⁶. A formação desta associação foi motivada pela notícia de fundação de uma organização de mulheres evangélicas na Alemanha, lida pelo P. Theodor Kölle, o que “[...] levou-o a fundar um grupo de senhoras na comunidade de Rio Claro.”⁴⁷ Entretanto, a partir da hermenêutica da suspeita, há fortes indícios de que a Sociedade de Senhoras de Rio Claro tenha sido fundada de fato por Julie Kölle, nascida Zink, esposa do pastor.

Martin N. Dreher afirma da seguinte forma:

O primeiro grupo de OASE surgiu na Comunidade de Rio Claro/SP em 1899 e teve como idealizadores Juliana (Júlia) e Theodoro Koelle, casal de

⁴³ LERMEIN, Gisela A. B. Mulheres imigrantes alemãs e igreja no Brasil: dificuldades e possibilidades para uma pesquisa histórica. *Protestantismo em revista*, São Leopoldo, vol. 10, p. 36-48, mai./ago. 2006.

⁴⁴ DREHER, Martin N. *A Religião de Jacobina*. São Leopoldo: Oikos, 2017.

⁴⁵ DREHER, 2012, p. 14.

⁴⁶ BAESKE, Sibyla. *Retalhos no tempo: 100 anos da OASE 1899-1999*. São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 11.

⁴⁷ BAESKE, 1999, p. 20.

pastores da comunidade luterana local. Juliana era também irmã da primeira diaconisa brasileira, Sophie Zink⁴⁸.

Esta primeira associação feminina teve como objetivo inicial angariar recursos em benefício de um fundo para a construção da torre e aquisição de sinos para a igreja em Rio Claro. Em entrevista a Vilma Konflanz Schmidt⁴⁹, Emma e Hertha Kölle, filhas de Julie e Theodor Kölle, contam que no início as reuniões eram somente da diretoria da associação com o pastor, que depois repassava as tarefas para as demais senhoras que realizavam seus trabalhos em casa. A partir de 1930, com a chegada do P. Gerhard Johannes Paul Graetz, foram instituídas reuniões semanais numa sala da escola e na casa das participantes⁵⁰. Conforme relato de Emma, ao retornar dos seus estudos na Alemanha, em 1932, junto veio Erna M. H. Simon, noiva do P. Graetz. Após o casamento, as reuniões semanais de senhoras passaram a ser na casa pastoral⁵¹. É de se questionar até que ponto “as mulheres não decidiram criar o grupo nem definir o seu objetivo, mas aceitaram trabalhar para o que foram chamadas”, conforme Sibyla Baeske⁵².

No início do século passado foram criados muitos grupos e associações de senhoras pelo Brasil, principalmente no sul, cujo objetivo era o atendimento a gestantes, pessoas carentes e pessoas doentes⁵³. Estas associações de mulheres foram inovadoras em muitos lugares, não somente por darem o suporte ao trabalho diaconal e social, mas por serem formadas por mulheres⁵⁴. Entretanto, no âmbito da Igreja, estas associações eram fundadas e presididas pelos pastores⁵⁵, com anuência dos maridos⁵⁶. Contudo, nas diversas fontes pesquisadas, embora a ênfase da criação e fundação de sociedades femininas estivesse na figura dos pastores, é possível perceber a presença constante de suas esposas neste trabalho. À frente e junto das organizações de senhoras estavam as esposas de pastores, ou

⁴⁸ DREHER, 2005, p. 68.

⁴⁹ SCHMIDT, Vilma Konflanz. Lições de Vida. Entrevista com Emma Kölle e Hertha Kölle. In: *Roteiro da OASE 1996*. São Leopoldo: Sinodal, 1995, p. 74-75. A entrevista traz o depoimento das duas irmãs. Herta Kölle destacou a importância da comunicação no grupo de senhoras, pois era o espaço onde as notícias eram compartilhadas.

⁵⁰ BAESKE, 1999, p. 21.

⁵¹ SCHMIDT, 1995, p. 75.

⁵² BAESKE, 1999, p. 21.

⁵³ BAESKE, 1999, p. 21-23.

⁵⁴ FLUCK, Marlon R. Núcleo alemão em Curitiba. In: VITECK, Harto (Org.). *Imigração alemã no Paraná: 180 anos: 1829-2009*. Marechal Cândido Rondon: Germânica, 2011, p. 99.

⁵⁵ FUGMANN, 2010, p.139-140.

⁵⁶ NERING, Edeltraud Fleischmann; ULRICH, Claudete Beise; FANZLAU, Sandra Helena. *Retratos das mulheres da OASE: quem foram e quem são*. Caderno de memórias. Blumenau: Otto Kuhr, 2006, p. 18.

Frau Pfarrer (ou ainda a corruptela: “Fraupasta”), mulheres cuja experiência foi fundamental no trabalho e liderança destas ordens.

Estas mulheres tiveram suas vidas altamente influenciadas pela atividade de seus maridos⁵⁷; em tempos idos se considerava óbvio e adequado que uma mulher, ao casar com um pastor, casava também com a comunidade do marido:

As funções da esposa do pastor na comunidade são abrangentes: ajudar na evangelização, visitar os pobres e doentes, prestar assistência social e serviços médicos básicos, dirigir a escola dominical, envolver-se com a juventude e com a capacitação de adultos, organizar uma biblioteca na comunidade⁵⁸.

Nos breves relatos sobre os primeiros grupos de senhoras é perceptível o protagonismo das esposas dos pastores. Em Rio Claro, em 1899, é Julie Zink Kölle quem está nas origens da Associação Feminina. É significativa a informação que, após o casamento da jovem Erna M. H. Simon com o P. Graetz, as reuniões de senhoras passaram a ser semanais e na casa pastoral. Em Blumenau, a Sociedade Evangélica de Senhoras, na sua fundação, foi liderada por uma enfermeira que havia trabalhado na Cruz Vermelha Inglesa, Mildred Mummelthey, “[...] casada com o pároco local.”⁵⁹ Em Curitiba, o nome de Elizabeth Frank, esposa do fundador da Associação Auxiliadora Feminina, é lembrado no nome do grupo de OASE em atuação até os dias de hoje.

Desde os primeiros pastores que vieram ao Brasil e, mesmo na atualidade, ainda é bastante comum e esperado que a esposa do pastor organize sua vida em função das necessidades do ministério do seu marido⁶⁰. Seja como conselheiras ou assessoras, as esposas dos pastores estiveram muito envolvidas e até comprometidas neste trabalho.

A esposa do pastor, que muitas vezes tinha alguma formação na área de saúde, educação, música e artesanato, era frequentemente solicitada a ajudar no cuidado aos doentes, na formação cristã, no canto, em questões de economia doméstica e habilidades manuais⁶¹.

⁵⁷ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; STRECK, Valburga Schmiedt. A esposa de pastor: identidade entre família, profissão e igreja. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 35, no. 2, p. 133-145, 1995.

⁵⁸ SCHNEIDER-HARPPRECHT; STRECK, 1995, p. 134.

⁵⁹ BAESKE, 1999, p. 21.

⁶⁰ SCHNEIDER-HARPPRECHT; STRECK, 1995, p. 134.

⁶¹ BAESKE, 1999, p. 17.

O papel destas mulheres foi fundamental na liderança e representatividade das demais mulheres nas comunidades. Em grande parte, principalmente nos primórdios, eram também mulheres com um pouco mais de instrução que as demais, ou seja, tinham mais condições de assumir a liderança, favorecidas por causa deste conhecimento, pelas habilidades desenvolvidas nas lidas do ministério e, talvez, por estarem próximas do poder representado pelo pastor⁶².

Neste cenário do início do século XX, a articulação entre mulheres luteranas e esposas de pastores ganhou mais um elemento: as irmãs diaconisas. Com a criação de diversas sociedades femininas, muitas tinham como objetivo o trabalho diaconal e social. Muitas eram as necessidades provocadas pelas mudanças decorrentes da industrialização na Europa, principalmente a miséria das grandes massas. Neste panorama, o movimento feminista teve alguma influência ao suscitar iniciativas que auxiliassem as mulheres atingidas a se autoajudarem⁶³. Este modelo de uma comunidade feminina de vida, de fé e de serviço numa nova forma de trabalho social, logo convenceu pela qualidade do seu trabalho, o que fez com que estas irmãs diaconisas fossem muito solicitadas em hospitais e comunidades⁶⁴.

Entretanto, outro aspecto interessante é que estas irmandades eram uma alternativa interessante para mulheres solteiras⁶⁵, “[...] pela diversidade das formações profissionais qualificadas e pela eficácia e variedade do trabalho social segundo critérios cristãos.”⁶⁶ As características destas irmandades eram o “celibato, os bens em comum, a vida simples e a disponibilidade para a missão”⁶⁷ e inspiraram posteriormente a criação da Casa Matriz de Diaconisas em São Leopoldo. As diaconisas sofriam, naquela época, discriminação de gênero, pois, embora qualificadas, não podiam exercer o ministério eclesiástico ordenado:

⁶² Para aprofundar sobre a realidade de mulheres casadas com pastores, veja: BRUN, Marli. *Redoma de vidro: faces re-veladas do contraponto de mulheres casadas com pastores no ministério eclesiástico*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2003.

⁶³ SCHARFFENORTH, Gerta. Diaconisa. In: GÖSSMANN, Elisabeth (Org). *Dicionário de teologia feminista*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 119.

⁶⁴ SCHARFFENORTH, 1997, p. 119.

⁶⁵ Helena Philippsen, nascida Arendt, saiu da Rússia em 1929 e chegou ao Brasil em 1930. Era minha avó paterna. Ela veio casada com o cunhado, meu avô, pois sua irmã e sobrinho faleceram de tifo. Porém, a crônica familiar relata que ela não queria casar, mas seguir como enfermeira. Já no Brasil, em Wittmarsum/SC, contava meu pai que ela chegou a realizar mais de mil partos e ter, em sua casa, até oito leitos ocupados por pessoas adoentadas em atendimento. Anos mais tarde eles se mudaram para Curitiba/PR e depois para a Colônia Wittmarsum, em Palmeira/PR. Hoje seus instrumentos de trabalho estão expostos no Museu de História de Wittmarsum.

⁶⁶ SCHARFFENORTH, 1997, p. 120.

⁶⁷ SCHARFFENORTH, 1997, p. 121.

As diaconisas eram mulheres com dupla qualificação: tinham uma boa formação profissional e, por participarem de uma comunhão que cultivava a espiritualidade cristã, estavam aptas a exercer um ministério eclesiástico. Esse, no entanto, não tinha lugar oficial na estrutura das Igrejas Territoriais da Alemanha⁶⁸.

Sophie Pauline Zink, nascida em Rio Claro/SP, no ano de 1881, filha do P. Johann Jakob Zink e de Sophie (nascida Höflinger) Zink, foi a primeira diaconisa brasileira, formada em enfermagem, ordenada na Casa Matriz da Ordem Auxiliadora de Senhoras para o Exterior, em Wittenberg, cujo ingresso nesta Casa se deu em 1909⁶⁹. Junto aos movimentos sociais da época, esta era a percepção mais comum do trabalho permitido às mulheres:

‘A vocação da mulher como mãe, educadora dos filhos, tinha como extensão a responsabilidade pela formação religiosa na juventude, pelo trabalho como missionária, pela ação no setor feminino de hospitais e prisões, mas também deveria estender-se à administração de comunidades e sociedades’⁷⁰.

Os anos 1930 foram marcados pela formação de diversas Ligas das Sociedades Auxiliadoras de Senhoras nos Sínodos Evangélicos no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, além de outros estados. Esta organização em Ligas foi importante no processo de integração das comunidades e posterior formação da IECLB⁷¹.

À medida que o trabalho das diaconisas foi ganhando importância, os planos de se criar uma Casa Matriz de Diaconisas no Brasil juntaram-se à construção de um hospital alemão (*sic*) em Porto Alegre, no ano de 1927, o que veio a ser o atual Hospital Moinhos de Vento⁷². Foram as mulheres as grandes impulsionadoras destas obras⁷³.

Corroborando, Scheila dos Santos Dreher afirma que:

⁶⁸ BEULKE, Gisela. A história do ministério diaconal na IECLB. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 47, no. 1, 2007, p. 147. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/470/425>. Acesso em: 10 ago. 2017.

⁶⁹ DREHER, Scheila dos Santos. Mulheres – Em memória delas: a atuação de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil. *Sinos da Comunhão*, Edição especial 130 anos do Sínodo Rio-grandense, São Leopoldo, no. 188, out. 2016, p. 23. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/jornal-sinos-da-comunhao-ano-18-n-188-outubro-2016>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

⁷⁰ BAESKE, 1999, p. 33. [Fala do P. Rudolf Becker].

⁷¹ BAESKE, 1999, p. 34.

⁷² BAESKE, 1999, p. 34.

⁷³ BAESKE, 1999, p. 34.

A OASE foi o primeiro espaço reconhecidamente de atuação feminina no âmbito das comunidades evangélicas no Brasil; mas certamente não foi seu único espaço de atuação e nem mesmo se pode considerar que a atuação das mulheres no âmbito eclesiástico evangélico se deu somente a partir da existência dos grupos de OASE⁷⁴!

De certa forma, se faz necessário dissociar a redução das mulheres luteranas à OASE. A ordem é uma organização bastante diversa, mas não o suficiente para representar com exclusividade as mulheres luteranas.

Esta articulação entre mulheres, esposas de pastores e diaconisas, aponta para as ligações teóricas entre a religião e o gênero e de como “[...] é preciso primeiro reconhecer que os dois são usados para representar, encarnar e distribuir o poder na sociedade, mas também expor as conexões entre esses dois sistemas de divisão de poder.”⁷⁵ Mesmo consolidando a ordem patriarcal e androcêntrica, em algum momento e de alguma forma estratégica, as mulheres luteranas conseguem criar grupos de ajuda feminina e conquistar certo poder ao mesmo tempo religioso e secular⁷⁶. Entretanto, estas organizações não abalam “[...] a ordem dominante, pois para isso deveriam poder questionar a fonte de poder da qual tentam se aproximar.”⁷⁷

Por um bom tempo, as mulheres luteranas foram este universo: as imigrantes, as suas filhas, as casadas com pastores, as integrantes de associações e ordens e a irmandade evangélica. Timidamente, as mulheres foram entrando para o mercado de trabalho, além das atividades permitidas, como aquelas que relacionam com a educação de crianças ou o cuidado. A sociedade foi se modificando, como por exemplo, no ano de 1943, quando a legislação brasileira passou a permitir à mulher casada⁷⁸ trabalhar fora de casa sem que para isso fosse necessário apresentar uma autorização expressa do marido. A partir do ano de 1962, com o Estatuto da Mulher Casada, alguns avanços foram possíveis, entre eles o reconhecimento de sua “[...] condição de companheira, consorte, colaboradora dos

⁷⁴ DREHER, 2007, p. 16.

⁷⁵ WOODHEAD, Linda. As diferenças de gênero na prática e no significado da religião. *Revistas de Estudos de Sociologia*, Araraquara, vol. 18, no. 34, p. 77-100, jan./jun. 2013, p. 79. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/5974>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

⁷⁶ WOODHEAD, 2013, p. 82.

⁷⁷ WOODHEAD, 2013, p. 87.

⁷⁸ SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 23. “Antes disso, a situação da mulher casada, conforme o Código Civil de 1916 era equivalente a de menores, silvícolas e alienados, ou seja, civilmente incapaz.”

encargos da família”⁷⁹, deixando o marido de ser o tutor da esposa⁸⁰ e a mulher, por exemplo, passando a compartilhar o pátrio poder, isto é, tendo direitos sobre seus filhos e suas filhas no caso de uma separação.

1.4 Mulheres luteranas: de catequistas e diáconas a estudantes de Teologia até pastoras e missionárias da IECLB⁸¹

As mulheres adentraram cada vez mais ao mercado de trabalho face às mudanças da sociedade e, embora ainda timidamente, avançaram nas escolhas profissionais além das já tradicionais para as mulheres. Na igreja, a “Educação Cristã caminha ao lado da formação pastoral há muitos anos”⁸², afirmam Edson Ponick, Marta Nörnberg da Silva e Márcia Paixão; “[...] mas durante muitos anos ela foi colocada em segundo ou terceiro plano.”⁸³ A diácona Márcia Paixão também pergunta se há disposição a “refletir simetricamente a partir do ponto de vista da diaconia, da educação cristã e do pastorado.”⁸⁴

O ano de 1952⁸⁵ marca o início da entrada da primeira mulher no estudo de Teologia na FACTEOL⁸⁶, embora a admissão ainda não significasse o exercício do

⁷⁹ BRASIL. *Lei nº. 4.121, de 27 de agosto de 1962*. Dispõe sobre a situação jurídica da mulher casada. Brasília: Presidência da República, 1962. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4121.htm>. Acesso em: 09 ago. 2017.

⁸⁰ MARQUES, Teresa Cristina de N.; MELO, Hildete P. de. Os direitos civis das mulheres casadas no Brasil entre 1916 e 1962 ou como são feitas as leis. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 16, no. 2, p. 448-463, mai./ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000200008>. Acesso em: 09 ago. 2017.

⁸¹ Para uma compreensão mais ampla e detalhada sobre o ministério ordenado na IECLB ver: MANSK, Erli (Org.). *Manual de ordenação e instalação*. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/IECLB, 2011. Também disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/manual-de-ordenacao-e-instalacao>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

⁸² PONICK, Edson; SILVA, Marta Nörnberg da; PAIXÃO, Márcia Eliane L. da. Contribuições da Educação Cristã e da Diaconia para a formação teológica no contexto do Ministério Compartilhado. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 42, no. 1, p. 28-41, 2002, p. 29-30.

⁸³ PONICK; SILVA; PAIXÃO, 2002, p. 36.

⁸⁴ PONICK; SILVA; PAIXÃO, 2002, p. 39.

⁸⁵ MUSSKOPF, André S. *Teologia Feminista e de Gênero na Faculdades EST – a construção de uma área do conhecimento*. São Leopoldo: CEBI, 2014, p. 27.

⁸⁶ Conforme Osmar Witt, ao longo dos anos a instituição teve algumas alterações em seu nome: ela começou em 1946, como Escola Superior de Teologia. Em 1958 recebeu o nome de Faculdade de Teologia, o qual foi mantido até 1984. A partir de 1985 passou a ser Escola Superior de Teologia, responsável pela formação de pastores e pastoras, catequistas, diáconas e diáconos, leigos e leigas, docentes, pesquisadores e pesquisadoras. Atualmente é chamada de Faculdades EST, pois engloba outros cursos como Música, Musicoterapia e Enfermagem, além da Teologia e dos cursos de pós-graduação. Ver em: WITT, Osmar. *Escola Superior de Teologia da IECLB – 60 anos de História e Compromisso*. In: *Anuário Evangélico*, Blumenau: Otto Kuhr, 2006, p. 47-48.

ministério pastoral⁸⁷. Em dezembro de 1970, o Conselho Diretor da IECLB chegou ao consenso de que não era “problema teológico” a admissão regular de estudantes do sexo feminino e que o Estatuto do Ministério Eclesiástico não excluiria as mulheres das funções do pastorado. Assim, muito brevemente, percebe-se que o ingresso de mulheres na teologia e, posteriormente ao ministério, nunca foi barreira que impedisse sua entrada, mas foi preciso transpô-la.

Com a presença de mulheres na Faculdade de Teologia ao longo do tempo, transformações ocorreram no próprio curso, bem como as levaram a serem admitidas ao ministério pastoral da IECLB. Conforme Maristela Freiberg⁸⁸, a criação do Grupo de Mulheres da FACTEOL influenciou a abordagem teológica e a caminhada da Comissão Pró-Teóloga, que desencadeou a implantação da cátedra de Teologia Feminista na faculdade.

A presença das estudantes na FACTEOL marca o início de uma reflexão teológica que procurou resgatar as experiências e a valorização das mulheres. A incorporação de novos sujeitos no fazer teológico sugeriu que as coisas poderiam ser diferentes de como foram. A trajetória de mulheres no estudo de teologia revela conquistas desde o acesso das primeiras estudantes ao curso de teologia, passando pela formalização do ministério pastoral de mulheres, até iniciativas de organização própria e da reivindicação de uma cadeira de teologia feminista⁸⁹.

De acordo com Haidi Jarschel⁹⁰, o Grupo de Mulheres da Faculdade de Teologia foi fundado em 1979 e funcionou por mais de vinte anos. Este grupo, em suas reuniões, refletiam sobre o seu papel como mulheres na FACTEOL, na igreja e na sociedade. Na formação desse grupo está presente a categoria “mulher”. Somente mulheres, estudantes de Teologia, participavam deste grupo na Faculdade de Teologia⁹¹.

Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/editora-otto-kuhr/anuario-evangelico-2006>. Acesso em: 09 ago. 2017.

⁸⁷ FREIBERG, Maristela Livia. *Retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1997, p. 76-77.

⁸⁸ FREIBERG, 1997, p. 93.

⁸⁹ FREIBERG, 1997, p. 104.

⁹⁰ BLASI, Marcia; BRUN, Marli. Sumpfloch, a República das Mulheres. Entrevista com Haidi Jarschel; Regene Lamb; Sílvia Beatrice Genz; Eri Mansk; e Marli Lutz. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, vol. 1, no. 1, p. 94-108, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2487>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

⁹¹ ULRICH, Claudete B. Mulheres e homens luteranos: leituras feministas e identificações com o feminismo em tempos de ditadura militar no Brasil (1964-1989). *História Oral*, Associação Brasileira de História Oral, vol. 12, no. 1-2, p. 59-86, 2009. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=164&path%5B%5D=165>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

O Grupo de Mulheres demonstrou grande força de articulação e reivindicação levantando vários questionamentos, especialmente em relação ao ministério pastoral. Igualmente, ações de solidariedade com mulheres que enfrentavam discriminação, dificuldades diversas e até mesmo casos de violência contra a mulher⁹². A participação em encontros e espaços ecumênicos proporcionou também a circulação de ideias diferentes, bem como a aproximação com o movimento feminista e a participação em encontros com reflexão teológica feminista⁹³.

Posteriormente este grupo impulsionou a criação do Encontro de Pastoras e Estudantes de Teologia da IECLB, cuja primeira edição foi em 1983. O envolvimento e participação em movimentos sociais foi outra atividade que merece destaque pelo apoio, solidariedade e o resgate e presença de mulheres junto aos mesmos. Rita Panke descreve a realidade como pastora pioneira em comunidade:

As pastoras começaram a se fazer visíveis através da própria prática, experiência e vivência, e o desejo por fazê-lo tornou-se tema de artigos em jornais e revistas no início da década de oitenta. Neste sentido as pastoras adotaram a estratégia do feminismo em visibilizar a questão da mulher⁹⁴.

Entre os anos 1980 e 1990 cresceu significativamente o ingresso de mulheres no curso de teologia⁹⁵. Em 1987 houve um encontro de Pastoras, Catequistas e Estudantes de Teologia na FACTEOL, em São Leopoldo, organizado pelo Grupo de Mulheres da EST, com apoio financeiro da FLM. A partir das reflexões deste encontro, perceberam o quanto experimentavam o silenciamento, a submissão e a passividade como valores máximos na Igreja e na sociedade. E o quanto isto tudo estava relacionado com o papel da mulher na conjuntura e na IECLB à percepção de uma igreja machista, que embora não proibisse, desestimulava o trabalho das mulheres no pastorado. De forma semelhante, as catequistas, muitas das quais eram esposas de pastores, tinham dificuldade no reconhecimento do seu trabalho. Foram muitas as questões levantadas, como a realidade do trabalho de casais na atividade pastoral, a necessidade de novas

⁹² FREIBERG, 1997, p. 97.

⁹³ FREIBERG, 1997, p. 98.

⁹⁴ FREIBERG, 1997, p. 112.

⁹⁵ KLIEWER, Gerd Uwe. Ex-alunos e ex-alunas da Escola Superior de Teologia da IECLB. In: HOCH, Lothar Carlos; STRÖHER, Marga Janete; WACHHOLZ, Wilhem (Orgs.). *Estações da formação teológica: 60 anos de história da EST*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008, p. 158.

formas de pastorado⁹⁶, o estudo na “perspectiva da mulher”, a igreja como reprodutora do sistema capitalista, licença maternidade, etc.

Em 1992, Haidi Jarschel e Lori Altmann publicaram “Um esboço do perfil da pastora da IECLB”⁹⁷, atendendo inquietações e descontentamentos manifestados pelas pastoras em suas reuniões anuais. Discriminação por ser mulher, machismos de colegas e patriarcalismo da estrutura são presentes nas percepções que as participantes relatam na pesquisa.

Embora já tenha avançado o século XXI, as ministras ainda percebem as discriminações de tempos idos. Não importa o quanto tenham mudado a sociedade e a cultura, pois conforme Ligiane Fernandes conclui:

[...] percebemos nas cenas do cotidiano que aparecem as ‘pequenas’ nuances que desafiam e discriminam. É no dia-a-dia que as mulheres experimentam a não aceitação plena da sua presença enquanto mulher. Embora não se refira apenas ao trabalho, elas precisam trabalhar bem, sem deixar qualquer margem de erro. A presença deste pode significar fechar esse campo de trabalho para outra mulher. Isso implica muitas vezes em desgaste físico, emocional, corporal e familiar da obreira. É no cotidiano que muitas mulheres não são bem aceitas pelos colegas obreiros, por muitos presbíteros, não se sentem incluídas na estrutura da Igreja. Os desafios são encontrados em sua maioria nas estruturas, seja da Igreja, seja da própria comunidade. Temos a impressão de que as dificuldades são encontradas em sua maioria no lidar com lideranças, com os colegas, com os presbíteros, e ainda, nas questões financeiras⁹⁸.

É a partir da experiência no cotidiano das mulheres ordenadas ao ministério que os maiores desafios têm sido encontrados, que não impedem, mas tornam mais árduo o trabalho. Entretanto, Ligiane Fernandes destaca também a riqueza das experiências desenvolvidas pelas mulheres ministras no desenvolvimento de um pastorado criativo, autônomo, acolhedor e dinâmico, tornando positivos “[...] os valores que historicamente foram atribuídos às mulheres.”⁹⁹

⁹⁶ ENCONTRO de Pastoras e Catequistas e Estudantes de Teologia. *Caderno do Encontro de Pastoras, Catequistas e Estudantes de Teologia* – Novembro de 1987, São Leopoldo, p. 9-11, 1987.

⁹⁷ JARSCHTEL, Haidi; ALTMANN, Lori. *Um esboço do perfil da pastora da IECLB*. São Paulo: Traço a Traço, 1992.

⁹⁸ FERNANDES, Ligiane Taiza Müller. *Mulheres e ordenação (na IECLB): novos modelos e outras possibilidades na vivência cotidiana do ministério ordenado*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2010, p. 103.

⁹⁹ FERNANDES, 2010, p. 104-105.

Atualmente, a IECLB reconhece quatro ministérios específicos: diaconal, catequético, pastoral e missionário¹⁰⁰, e “[...] todos têm a mesma dignidade teológica e espiritual, embora funções diferentes [...] conforme a necessidade e a viabilidade da igreja.”¹⁰¹ Em 1998, no XXI Concílio Geral da Igreja, foi aprovado o ministério missionário da IECLB. A primeira pessoa ordenada foi a Missionária Carla Rosana Schwingel da Silva, em fevereiro de 2002, em Morro Redondo/RS¹⁰².

É fundamental lembrar a experiência de vida até às últimas consequências da Irmã e Missionária Doraci Julita Edinger. De acordo com a Irmã Gisela Beulke:

Doraci, quando jovem, trabalhou em fábrica de calçados em Novo Hamburgo (RS). Depois veio a São Leopoldo (RS), onde estudou Diaconia no Seminário Bíblico-Diaconal. Integrou a Irmandade Luterana. Seu desejo era servir aos pobres e necessitados. Trabalhou na Rondônia no início da colonização desse estado, depois atuou junto a indígenas. Por fim, atendeu ao chamado da IECLB para trabalhar em Moçambique, na África. Ela vivia numa sintonia e dependência muito grande de Deus. Seu trabalho lá foi muito abençoado. Centenas de pessoas conheceram o amor de Deus através dela e deixaram-se batizar¹⁰³.

Irmã Doraci foi violada e brutalmente assassinada em Nampula, Moçambique, no ano de 2004¹⁰⁴. Irmã Doraci chegou a sofrer ameaças à sua vida,

¹⁰⁰ IECLB. Boletim Informativo 141. Posicionamento sobre o Ministério Compartilhado. *Portal Luteranos*, 25 nov. 1994. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/posicionamento-sobre-o-ministerio-compartilhado>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

¹⁰¹ IECLB. *Relatório do Pastor Presidente*: XXI Concílio da Igreja 15 a 18 de outubro de 1998, Rodeio/SC. Porto Alegre: IECLB, 1998, p. 5.

¹⁰² Interessante notar que na pesquisa, a instituição onde a Mis. Carla R. Schwingel da Silva realizou seus estudos, cita em seu histórico a data e o local da ordenação da primeira missionária, porém seu nome é invisibilizado, cfe. em: FATEV – Faculdade de Teologia Evangélica. *História*. Disponível em: <<https://fatev.edu.br/historia/>>. Acesso em: 29 ago. 2017. De sorte que o Relatório da Direção da Igreja 2000-2002 traz o nome desta mulher. IECLB. Relatório da Direção da Igreja – 2000-2002. XXII Concílio da Igreja – Santa Maria de Jetibá/ES. *Portal Luteranos*, 17 out. 2002. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/relatorio-da-direcao-da-igreja-2000-2002>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

¹⁰³ BEULKE, Gisela. João 15.9-17. Auxílio Homilético. In: *Proclamar Liberdade*. Auxílios Homiléticos – Lecionário Comum Revisado da IECLB – Ano B, vol. 33. São Leopoldo: Sinodal/Faculdades EST, 2008/2009. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/jo-o-15-9-17-3>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

¹⁰⁴ O assassinato da Irmã Doraci Julita Edinger foi noticiado nacionalmente, cfe. IGREJA evangélica tenta esclarecer morte de missionária. *ESTADÃO – Portal do Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 fev. 2004, Política. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,igreja-evangelica-tenta-esclarecer-morte-de-missionaria,20040227p32215>>. Acesso em: 29 ago. 2017. A IECLB e a FLM requereram que o crime fosse solucionado e os responsáveis levados à justiça e, junto com a IELM, apresentaram denúncia à Justiça, cfe. ALTMANN, Walter. Assassinato da Irmã Doraci, em Moçambique: Procuradoria de Nampula apresenta denúncia à Justiça. Comunicado da IECLB à imprensa. *Portal Luteranos*, 02 mar. 2005. Disponível em: <<http://www.martimluterano.org.br/noticias/assassinato-da-irma-doraci-em-mocambique-procuradoria-de-nampula-apresenta-denuncia-a-justica>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

pois havia denunciado a possível existência de uma rede de tráfico de órgãos¹⁰⁵ de crianças nas proximidades de onde atuava¹⁰⁶. Ela atuava naquela região desde 1998 e tinha assumido “[...] a tarefa de desenvolver um trabalho diaconal e motivar jovens locais a assumirem futuramente a tarefa em lugar da diaconisa.”¹⁰⁷ Irmã Doraci foi de tamanha importância que a Igreja Luterana em Moçambique chegou a dobrar o número de membros por causa de seu trabalho¹⁰⁸. A missionária brasileira colaborava na construção de escolas, postos de saúde e na perfuração de poços para abastecimento de água¹⁰⁹. Em sua memória, foi criado o “Fundo de Missão no Exterior Irmã Doraci J. Edinger”, para o fortalecimento das igrejas em Moçambique e Angola¹¹⁰.

1.5 Mulheres luteranas de todas as cores e saberes, no campo e na cidade

Cada vez mais as mulheres luteranas se tornaram presentes em diversos espaços. Mas não somente presentes: visíveis e participantes. Começaram a se organizar em grupos a partir de realidades e necessidades específicas, como as “Mulheres Atingidas pelas Barragens, das Mulheres Agricultoras; das Mulheres da Pastoral Popular Luterana (PPL) [...] da Farmácia Caseira, da Alimentação Alternativa...”¹¹¹ As mulheres do meio rural que promovem, a partir de sua

¹⁰⁵ MARTINS, Leonor. Missionária brasileira estuprada e morta em Moçambique. *Pravda.ru*, 27 fev. 2004. Disponível em: <<http://port.pravda.ru/news/cplp/brasil/27-02-2004/4496-0/>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

¹⁰⁶ VIOLÊNCIA: 6 são presos na África por morte de brasileira. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 02 mar. 2004, Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0203200428.htm>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

¹⁰⁷ IECLB, 1998, p. 17.

¹⁰⁸ SPERB, Ulrico. Irmã Doraci, Missionária e Mártir. In: *Anuário Evangélico* – 2009. Blumenau: Otto Kuhr, 2008. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/irma-doraci-missionaria-e-martir>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

¹⁰⁹ ROBERTO, Manuel. Missionária assassinada em Moçambique sabia do tráfico de órgãos humanos. *Público*, Portugal, 27 fev. 2004. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2004/02/27/sociedade/noticia/missionaria-assassinada-em-mocambique-sabia-do-trafico-de-orgaos-humanos-1187119>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

¹¹⁰ IECLB. Fundo de Missão no Exterior Irmã Doraci J. Edinger. Motivação para Oferta Nacional – 1 de janeiro de 2017. *Portal Luteranos*, 01 set. 2016. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/fundo-de-missao-no-exterior-irma-doraci-j-edinger-2>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

¹¹¹ KOCH, Ingelore S. Trabalho de mulheres na IECLB – o leque se abre cada vez mais. In: *Anuário Evangélico* – 2001, vol. 30. São Leopoldo: Sinodal, 2000. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/trabalho-de-mulheres-na-ieclb-o-leque-se-abre-cada-vez-mais>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

experiência e perseverança aliada a assessoria CAPA¹¹², saúde integral e economia solidária¹¹³. A Pastoral Popular Luterana, comprometida com as lutas populares, nasceu “[...] junto às pessoas luteranas exploradas e injustiçadas pela realidade fundiária”¹¹⁴ e a presença das mulheres foi fundamental através da sua colaboração e seu engajamento no movimento social. Em relação às mulheres, encontros sinodais e intersinodais de mulheres foram realizados no âmbito da PPL.

Subsiste na PPL o trabalho das mulheres luteranas. Obreiras e leigas têm realizado encontros, seminários para discutir e aprofundar a questão das relações de gênero dentro e fora da Igreja. Mas também esta é uma caminhada diferente daquela trilhada no passado¹¹⁵.

De acordo com Flávio Schmidt, “a presença das mulheres chamava a atenção para uma infinidade de direitos que a mulher agricultora não desfrutava naquela oportunidade (aposentadoria, auxílio maternidade, etc.)”¹¹⁶ A experiência de mulheres agricultoras se expressa num cotidiano de muito trabalho:

É o tempo, é a colheita, é o inço, é o preço dos produtos, é a infinidade de coisas para fazer... Porque perdem a tarde do estudo, precisam antecipar o serviço na noite e na madrugada anterior ou na noite e na madrugada posterior. E ao meio-dia a mulher agricultora descansa enquanto lava roupa, enquanto amassa o pão, enquanto remenda a roupa, enquanto o pessoal sesteia¹¹⁷.

No meio urbano, outras configurações¹¹⁸ para as mulheres se apresentam à medida que os anos 1980 e 1990 vão avançando. A participação das mulheres aumentou no mercado de trabalho, bem como uma maior presença nas universidades. Com novas possibilidades de trabalho, não somente nas áreas de cuidado e educação, as mulheres passam a almejar carreiras profissionais,

¹¹² CAPA em seu início significava Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, hoje é Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia, ligado à IECLB.

¹¹³ LENZ, Melissa. Sociedade, Bem Viver e Mulheres. In: *O recado da terra*, ano XXI, no. 44, p. 3. [S.l.]: CAPA, abr. 2017. Disponível em: <<http://www.capa.org.br/uploads/pdf/Rec-Terra-outono-2017.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

¹¹⁴ SCHMIDT, Flávio. Pastoral Popular Luterana: o testemunho de uma prática. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, vol. 43, no. 1, p. 59, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2867/pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2017. Neste artigo o autor destaca a origem, proposta e caminhada da PPL.

¹¹⁵ SCHMIDT, 2017, p. 63.

¹¹⁶ SCHMIDT, 2017, p. 61.

¹¹⁷ CHRISTMANN, Louraini. Mulheres Agricultoras. *Proclamar Libertação*, vol. 16. São Leopoldo: Sinodal, 1990. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/mulheres-agricultoras>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

¹¹⁸ PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. Cito a obra como um todo pelo imenso material disponível a partir das pesquisas ali reunidas.

implicando em autonomia financeira, por exemplo. No contexto de rápidas mudanças na sociedade brasileira, novos questionamentos e inquietações ganham a atenção das mulheres, e as mulheres luteranas não deixam de refletir também o tempo no qual estão inseridas.

1.6 Resumo do capítulo

Neste primeiro capítulo busquei desconstruir a ideia essencialista da mulher luterana, suspeitando da homogeneidade de uma identidade apresentada como universal. Desta forma, a mediação da categoria gênero não pode prescindir de outras modificações, que no contexto de trabalho procurei explorar. Não é possível desconsiderar que a IECLB é uma igreja oriunda de processo imigratório, portanto, a marca étnica é forte, com todas as suas consequências. Contar a história das mulheres luteranas a partir da diversidade de suas experiências permite que se pinte com mais detalhes e riqueza o retrato destas mulheres, tantas vezes invisibilizadas, silenciadas e não nomeadas.

Trouxe relatos e registros de mulheres imigrantes, acompanhando seus maridos ou famílias, pouquíssimas de vontade própria, para uma terra com muitos desafios. Mulheres que ao longo dos anos foram se organizando e se associando com outras, juntas com esposas de pastores e diaconisas, formando as primeiras sociedades evangélicas femininas. Da primeira sociedade de senhoras que mais tarde deu origem à OASE, passando pela criação da Casa Matriz de Diaconisas e a Irmandade Evangélica, avanços foram conquistados à medida que mulheres luteranas começaram a ingressar para o estudo de Teologia, em São Leopoldo.

Os ministérios pastoral, catequético, diaconal e missionário, foram conquistados com muito trabalho e dedicação, apesar de estruturas patriarcais e machistas da sociedade, das comunidades e da Igreja também. Destaque especial para a vida e morte da Irmã Doraci J. Edinger, que experimentou a morte no seu trabalho diaconal e missionário.

Para finalizar o capítulo, trouxe as mulheres luteranas dos campos e das cidades, que se tornam um pouco mais visíveis e participantes de diversas lutas, a partir de suas realidades específicas. Estas novas configurações de sociedade

começarão a apresentar novos questionamentos, os quais trarão novas perguntas e reflexões.

2 DE REFLEXÃO

Elas estão chegando / pelas portas e janelas, /
avenidas e vielas. / Elas estão chegando. /
Chegando como um vento forte, / chegando com
vida e norte, / chegando para questionar, /
chegando para mudar¹¹⁹.

2.1 A reflexão das mulheres dentro de um contexto social, político, cultural e religioso

Embora os movimentos de contestação sociocultural tenham tido seu início ainda nos anos 1960, no Brasil eles só teriam eco, numa parcela mais significativa da população, vinte anos mais tarde, principalmente “[...] em função das restrições às liberdades individuais impostas pela ditadura militar implantada em 1964.”¹²⁰ Entretanto, foi a partir desta década que as mulheres conseguiram maiores possibilidades de acesso ao espaço público, já que a empregabilidade feminina cresceu de forma sistemática, constante, intensa e diversificada, de acordo com Maria Izilda Mattos e Andréa Borelli¹²¹. Este aumento de mulheres no mercado de trabalho permitiu maiores possibilidades de expressão e liberdade no espaço público. Com o acúmulo de dupla jornada, certa reorganização social no espaço privado se fez necessária até se poder falar numa libertação das mulheres¹²². Além do incremento financeiro advindo da participação no mercado de trabalho, as

¹¹⁹ PASTORAL Popular Luterana, 1996, p. 136-137. “Elas estão chegando”, de Valdomiro de Oliveira, Marcos Gianelli e Francisco (Xico) Esvael. Transcrevo *ipsis literis* o depoimento de Xico Esvael através de rede social no dia 27/07/17, contando sobre o contexto da composição: “Prezada irmã, esta canção foi composta nos anos 80, em um encontro ecumênico de mulheres na cidade de Campinas-SP. Este evento teve a participação de mulheres de várias partes do país. A letra da canção refere-se à luta das mulheres que, indignadas com o tratamento recebido pela sociedade onde os homens ditam as ordens, partem para a luta reivindicando os seus direitos por cidadania plena. Este movimento cresce ano após ano, e as conquistas vão aparecendo em vários âmbitos da sociedade civil, governamental e eclesial. Embora ainda não tenham conseguido atingir todos os seus objetivos, são incansáveis e já apresentam mudanças e reconhecimento por parte de alguns seguimentos. Elas continuam chegando, avançando e conquistando”.

¹²⁰ AREND, Silvia Fávero. Trabalho, escola e lazer. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 77.

¹²¹ MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andréa. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 142.

¹²² Um clássico deste período foi o livreto, cuja primeira edição foi em 1974, de STUDART, Heloneida. *Mulher objeto de cama e mesa*. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1980. A autora denuncia que a mulher que estava restrita aos afazeres domésticos ficaria “retardada mentalmente” e, acidamente critica a educação de mulheres voltada somente para as tarefas do lar e de agrado ao marido e prole. Heloneida aponta o círculo vicioso da dominação como produtora da debilidade mental e que esta, por sua vez, facilita a dominação, a objetificação do corpo da mulher, a cidadania de segunda classe e desconhecimento de seus direitos civis. Cfe. ULRICH, 2009. A autora identificou nas pessoas entrevistadas várias que tiveram neste livreto uma de suas leituras introdutórias no feminismo.

mulheres passaram, cada vez mais, a serem vistas para além dos papéis familiares, como pessoas capazes intelectual e profissionalmente.

O processo acelerado de urbanização, intensificado nos anos 1970, tornou as mulheres visíveis em diversos espaços públicos. De acordo com Joana Maria Pedro, “a presença feminina aumentou nas universidades e nos empregos formais. Os rostos femininos também eram nítidos nas manifestações de rua, como comprovam as fotos dos jornais da época.”¹²³ As mulheres começaram a se organizar e participar de marchas e passeatas, bem como:

[...] atuaram ainda nos clubes de mães, nos movimentos por creches, nas marchas da ‘panela vazia’ (ou ‘panelaços’), nas reivindicações por anistia política (aos presos e aos perseguidos pelo regime) e no movimento Diretas Já (por eleições diretas). Além disso, criaram associações femininas específicas e ‘casas da mulher’. Nos sindicatos, reivindicaram a existência de seções femininas e exigiram a inclusão de mulheres nos cargos de diretoria; realizaram encontros de trabalhadoras e participaram ativamente da vida sindical¹²⁴.

Em termos de movimento feminista, a partir dos anos 1960, o Brasil viu surgir o feminismo de “Segunda Onda”¹²⁵, o qual, por conta das especificidades da conjuntura política que colocava “[...] obstáculos à liberdade de expressão, levava, como reação, a lutas políticas e sociais com viés de esquerda.”¹²⁶ Neste sentido, a ênfase das pautas feministas estava na questão do trabalho e dos problemas das mulheres trabalhadoras¹²⁷.

A situação das mulheres trabalhadoras atraiu a atenção das teólogas feministas que se debruçam sobre este tema, como por exemplo, na revista

¹²³ PEDRO, Joana Maria. Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 240.

¹²⁴ PEDRO, 2013, p. 240-241.

¹²⁵ O feminismo é um fenômeno social e cultural que assume feições específicas de acordo com o lugar e sujeitos que dele ou nele falam. Mary Wollstonecraft é um dos marcos da reivindicação de igualdade com a publicação dos Direitos da Mulher em 1792. Vide: WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos da mulher*. Edição comentada do clássico feminista. São Paulo: Boitempo, 2016. Classicamente se consideram três ondas: a primeira se concentra na luta por igualdade de direitos contratuais e de propriedade, contra a subordinação ao casamento e maridos e ao direito ao voto das mulheres. A segunda onda vem na esteira das lutas pelos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, em 1960, e é marcada principalmente pela crítica ao etnocentrismo, com o destaque para as feministas negras. A terceira onda, a partir dos anos 1980, se pontua a acentuação dos movimentos e do pensamento social na crítica ao racionalismo essencialista e às categorias de identidade, cfe. descrito com mais detalhes em: CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. *Feminismo/Feminismos*. In: COLLING, Ana M.; TEDESCHI, Losandro A. (Orgs.). *Dicionário Crítico de Gênero*. Dourados: UFGD, 2015, p. 244-245.

¹²⁶ PEDRO, 2013, p. 240.

¹²⁷ PEDRO, 2013, p. 240.

Concilium, edição de 1987, que traz na pauta: Mulher, Trabalho e Pobreza¹²⁸. Elizabeth Schüssler Fiorenza aponta, na introdução deste periódico, que se faz necessário “[...] trazer à tona, para a reflexão teológica, a experiência concreta e a situação social das mulheres.”¹²⁹ A situação das mulheres latino-americanas reflete também a realidade das mulheres de todo o mundo que vivem sob uma divisão dualista androcêntrica entre masculino e feminino, corpo e alma, público e privado, religioso e secular.¹³⁰

Na tentativa de estabelecer um panorama do período em que surgiu o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, diversos fatores podem ser considerados: tem-se uma diversidade de mulheres luteranas, em diversos espaços na sociedade e na igreja naquele período. Os anos que antecederam e sucederam os inícios são marcados por rápidas mudanças na sociedade, economia e política brasileira e mundial. Estas mudanças geraram questionamentos, dúvidas e instabilidades. Novas proposições surgiram, como por exemplo, uma reflexão teológica crítica no contexto da Teologia da Libertação, que apontava a realidade das mulheres. Naqueles anos de 1980 muitas dessas reflexões ainda se chamavam de “teologia da mulher”, “teologia na perspectiva da mulher”, “teologia feminina”. Persistia a dificuldade em se assumir como feminista, levando-se a evitar o termo para não causar escândalo, ou até mesmo por não se perceber desta forma, embora as práticas e anseios assim denunciassessem.

A partir deste breve panorama, as mulheres luteranas, cada vez mais, buscaram refletir sobre si próprias, suas representações, sentimentos, ideias e pensamentos. Para esta dissertação, um dos recursos usados foi a pesquisa nas páginas do Jornal Evangélico¹³¹, entre os anos 1985 e 1995, na expectativa de observar quais eram os questionamentos e reflexões que as mulheres luteranas estavam realizando.

¹²⁸ CONCILIUM – Revista Internacional de Teologia. *Teologia Feminista: As mulheres, o trabalho e a pobreza*. Petrópolis: Vozes, vol. 214, 1987.

¹²⁹ SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. O dia sem fim: introdução. *Concilium – Revista Internacional de Teologia. Teologia Feminista: As mulheres, o trabalho e a pobreza*, Petrópolis, Vozes, vol. 214, 1987, p. 7.

¹³⁰ SCHÜSSLER FIORENZA, 1987, p. 7-8.

¹³¹ Atualmente é denominado Jornal Evangélico Luterano (JOREV), o qual, entre os anos 1971 e 1997, era chamado de Jornal Evangélico somente, resultado da fusão da Folha Dominical e Voz do Evangelho.

2.2 Os questionamentos de mulheres refletidos nas páginas do Jornal Evangélico (1985-1995)

O Jornal Evangélico¹³² é um veículo de comunicação de alcance nacional, dispositivo criado para realizar a política de comunicação da IECLB, “[...] cuja ênfase, no contexto de sua fundação, é a sua unidade nacional.”¹³³ Como meio de comunicação oficial da Igreja proporciona, em seus artigos e notícias, rico e diverso material para análise das indagações das mulheres luteranas no período de 1985-1995¹³⁴. Este foi o recorte temporal usado para a investigação sobre a gênese do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana.

As mulheres que aparecem como autoras nos artigos e notícias do JOREV, são na maioria lideranças comunitárias principalmente oriundas de grupos de OASE (Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas), organização centenária de mulheres da IECLB. Outras são profissionais como jornalistas, psicólogas, professoras, pedagogas, pastoras, catequistas, diaconas e diaconisas da Irmandade Evangélica, e demais mulheres envolvidas e comprometidas com o trabalho voluntário na igreja¹³⁵.

Entre os anos 1985 e 1995, as páginas do JOREV trouxeram alguns assuntos que refletiam questionamentos que as mulheres faziam e que, de alguma

¹³² No Portal Luteranos, ele se apresenta da seguinte forma: “O Jornal Evangélico Luterano é o jornal nacional da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, e leva, mensalmente, aos seus leitores, informação, motivação, reflexão e formação, com o intuito de aproximar luteranos de todo o País. A proposta editorial do JOREV é baseada na crença de que o conhecimento da nossa doutrina, que assumimos ao nos professarmos luteranos, é um dos elementos indispensáveis para que possamos, cada vez mais, expressar e viver a nossa fé e participar ativamente da missão da nossa Igreja, propagando os valores do Evangelho dentro e fora dela.” IECLB. Jornal Evangélico Luterano – Apresentação. *Portal Luteranos*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/jorev/apresentacao>>. Acesso em: 21 set. 2017.

¹³³ FIEGENBAUM, Ricardo Z. Miatização da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil por meio do Jornal Evangélico: Aspectos Históricos. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, vol. 8, p. 57-93, set./dez. 2005, p. 78. Disponível em: <<http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/viewFile/2123/2034>>. Acesso em: 09 jul. 2017. Ricardo Fiegenbaum faz uma análise da gênese do Jornal Evangélico a partir dos jornais regionais e como este veículo se constituiu em dispositivo de comunicação da IECLB.

¹³⁴ Embora o foco seja o que foi escrito por mulheres e para mulheres, chamou a atenção o artigo do então estudante de Teologia João Guilherme Biehl, o qual trouxe, em fevereiro de 1985, um estudo sobre Teologia Feminista. O autor destaca a experiência humana como categoria para interpretação das escrituras, numa releitura dos textos a partir da experiência da mulher. Ele destaca que a experiência de mulheres torna claro o machismo de textos bíblicos e conclui que “a apropriação das mulheres de seu próprio passado de opressão, de resistência e liderança, bem como de participação em comunidades igualitárias, pode servir de fundamento para esta sociedade mais justa que almejamos para todos e todas.” Cfe. BIEHL, João Guilherme. Teologia feminista: Mulheres querem fazer história. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, segunda quinzena, fev. 1985, p. 5.

¹³⁵ PHILIPPSEN, Rosane. As origens do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana e as relações de poder entre mulheres da IECLB. *Anais do Congresso Internacional das Faculdades EST*, São Leopoldo, Faculdades EST, vol. 3, p. 255-261, 2016, p. 257. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/viewFile/768/483>>. Acesso em: 08 fev. 2017.

forma, conseguiram chegar às páginas do referido jornal. Uma delas foi a seção “Nosso Espaço, Nossas Esperanças”, editada desde a primeira quinzena de maio de 1984. Naquela edição, Lilian Lengler, Presidente Nacional da OASE, “[...] informa aos leitores a criação deste espaço, que foi ‘acertado’ no primeiro Congresso Nacional da OASE.”¹³⁶ De acordo com Lilian, a pretensão da página é “[...] auxiliar com notícias e outros assuntos de interesse dos grupos e das mulheres evangélicas.”¹³⁷ O nome desta página foi sugestão de Anna Lange, de Curitiba, então orientadora regional da OASE da Região II¹³⁸.

A importância desta seção, conforme avaliação de Marlene Kirchheim, está no seu objetivo “[...] de auxiliar a mulher em sua vida de fé e no contexto em que vive.”¹³⁹ O conteúdo dos artigos foi muito além das notas comemorativas dos jubileus e encontros de grupos, pois procurou trazer sempre um “[...] profundo e responsável questionamento. Quis ser um lugar onde pudéssemos expressar nossas ansiedades, abrir novos horizontes e prestar solidariedade à luta da mulher.”¹⁴⁰ Corroborando esta afirmação a jornalista do Jornal Evangélico, Ingelore Starke Koch, que escreve:

Pode-se dizer, sem medo de errar, que este novo pensar também influenciou o grupo que planejava os temas da página da mulher no JOREV, criado inicialmente como página da OASE. Na elaboração deste ‘Nosso espaço – nossas esperanças’, como a página foi batizada, eu tinha comigo, como grupo pensante e colaborador, Vera Roth, Regina Malschitzky, Marlene Kirchheim, Elizabeth Fertsch, Ilse Buchweitz¹⁴¹.

Desta forma, esta seção do Jornal Evangélico teve importante papel ao trazer temas considerados “ousados”, além das habituais notícias de congressos e reflexões dos eventos¹⁴². A quantidade de informações contidas na seção “Nosso Espaço – Nossas Esperanças” permitiu a análise do conteúdo de forma objetiva,

¹³⁶ LENGLER, Lilian. Páginas específicas para mulheres e os jovens. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, ago. 1988, Público Alvo, p. 37.

¹³⁷ LENGLER, 1988, p. 37.

¹³⁸ LENGLER, 1988, p. 37.

¹³⁹ KIRCHHEIM, Marlene. Página da mulher completa um ano. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, primeira quinzena, mai. 1985, Nosso Espaço Nossas Esperanças, p. 10.

¹⁴⁰ KIRCHHEIM, 1985, p. 10.

¹⁴¹ KOCH, Ingelore Starke. Primeira década do Fórum no JOREV. In: ROTH, Vera Leane; SCHERER, Hertha Costa (Orgs.). *Mulher, deixa a chama acesa e não tema a transformação*: Deus te ama 100%. História dos 20 anos do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana da IECLB. Porto Alegre: Odisseia, 2010, p. 73.

¹⁴² KOCH, 2010, p. 73.

sistemática e qualitativa, permitindo um estudo descritivo, elaborado mediante contagem de frequência de características do texto¹⁴³.

Do período compreendido entre 1985 e 1995, foram contados os temas relacionados com mulheres que apareceram nas páginas do JOREV e à medida que estes se repetiam, foram agrupados pela afinidade temática. Desta forma, Teologia Feminista, textos sob a ótica da mulher e polêmicas relacionadas apareceram doze vezes, como temática ou como posicionamento de leitores e leitoras.

O segundo tema que mais apareceu neste período foram questões relacionadas à presença das mulheres em cargos de liderança. Não somente na igreja, mas também na sociedade. Foram onze menções. São questionadas as ausências das mulheres das mesas de decisão, embora sejam elas também sustentáculo das igrejas, “urge que elas mesmas sejam conscientizadas para que ocupem seu espaço neste nível.”¹⁴⁴ O próprio Secretário Geral da Federação Luterana Mundial, Gunnar Stalsett, enfatizou a importância das igrejas se perguntarem o que se tem feito no “[...] tocante à formação de mulheres para o exercício de funções de liderança”¹⁴⁵. Ainda em 1986, a constatação que:

No mínimo 50% dos membros da IECLB são mulheres, mas no XV Concílio Geral a representação das mulheres foi de apenas 13,5%. Isso mais uma vez mostra que a participação da mulher nos órgãos decisórios é inexpressiva, apesar da expressão do seu trabalho junto à Igreja.¹⁴⁶

Porém, no XV Concílio Geral da IECLB, a surpresa ficou por conta da eleição de cinco mulheres dentre quatorze vagas para titulares e suplentes leigos ao Conselho Diretor¹⁴⁷. Ingrid Hedel, que foi a pessoa mais votada, junto com Ulrike Wehmeier e Lilian Lengler foram eleitas como titulares, e Ruth Baade e Erci Deckmann como suplentes. Lilian Lengler afirmou, em janeiro de 1987:

¹⁴³ GIL, Antonio C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2016. p. 68.

¹⁴⁴ SCHÜNEMANN, Silvia de Oliveira. Elas não têm assento nas mesas de decisão. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 22 jun./12 jul. 1986, Mulheres Evangélicas, p. 9. Esta foi a constatação unânime que chegaram as participantes do I Encontro de Mulheres Evangélicas, em 17 de maio de 1986, no Rio de Janeiro. Este encontro foi ecumênico, organizado pelas igrejas Metodista, Presbiteriana Unida, Assembleia de Deus e Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Participaram ainda representantes das igrejas Presbiteriana do Brasil, Batista e Pentecostal Nova Vida. Os temas abordados foram A Mulher na Bíblia, A Mulher na Igreja e A Mulher na Sociedade.

¹⁴⁵ STALSETT, Gunnar. Mulher “apita” pouco. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 14-27 set. 1986, p. 3.

¹⁴⁶ MULHER pleiteia representação mais expressiva na Igreja. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 26 out./08 nov. 1986, Concílio Geral da IECLB, p. 11.

¹⁴⁷ BRAKEMEIER eleito presidente. Mas surpresa foram as mulheres. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 26 out./08 nov. 1986, Concílio Geral da IECLB, p. 11.

O que nós, mulheres estamos colhendo na Igreja não nos é dado de graça. É, isto sim, consequência de uma luta que iniciou quando as primeiras mulheres ingressaram na Faculdade de Teologia da IECLB para se preparar ao pastorado. Hoje, por exemplo, os olhos das mulheres brilham, como se dissessem 'nós também somos capazes' quando a pastora Rita Panke sobe ao altar de talar¹⁴⁸.

Em 1988, o II Congresso Geral da OASE teve a presença da Deputada Federal Benedita da Silva, que animou as mulheres dizendo: “precisamos ser mais audaciosas, ter mais coragem de falar nas reuniões de que participamos, seja na comunidade ou onde for.”¹⁴⁹ Este congresso foi coordenado por Dagmar Triska, presidente do Conselho Nacional da OASE, junto com Vera Roth e Ruth Baade, secretária e tesoureira, respectivamente.

A importância da presença de mulheres em cargos de liderança vai muito além do preenchimento de cotas, mas sim da constatação que o universo de que se fala é da metade das pessoas que participam nas igrejas e na sociedade e que são sub-representadas. A visibilidade se faz importante e algumas mulheres percebem isso traduzido na expressão “ocupar espaço”. Uma das primeiras formas de se invisibilizar alguém é com o silêncio, conforme Elizabeth Schüssler Fiorenza afirma: “O silêncio e a invisibilidade das mulheres são gerados pelas estruturas patriarcais da Igreja e sustentados pela teologia androcêntrica, isto é, masculina.”¹⁵⁰

Neste período de 1985-1995, a discriminação contra a mulher, a realidade de estruturas opressoras contra as mulheres do terceiro mundo e os obstáculos à participação das mesmas, foram tópicos que apareceram nove vezes. Num encontro paroquial de mulheres, realizado no Espírito Santo, em Laranja da Terra, lembraram que:

A discriminação contra a mulher já existia nos cultos da época do Antigo Testamento (a mulher não podia ser sacerdote e nem mesmo entrar no templo junto com os homens) [...] ainda hoje existe discriminação contra a mulher, que quase não participa das decisões tomadas no país, na comunidade e no lar [...] O homem foi e é educado para ser durão, forte, para freiar (*sic*) as suas emoções, como o choro. A mulher, ao contrário, é geralmente educada para ser dócil, boa dona de casa, que sabe fazer

¹⁴⁸ LENGLER, Lilian. Mulheres conquistam seu espaço na Igreja através de suas lutas. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 11-31 jan. 1987, p. 16.

¹⁴⁹ MULHERES da IECLB desafiadas por deputada federal negra. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 04-17 dez. 1988, Nosso Espaço – Nossas Esperanças, p. 14.

¹⁵⁰ SCHÜSSLER FIORENZA, Elizabeth. *Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 279.

apetitosos docinhos e salgadinhos; foi educada para ser submissa aos caprichos do parceiro 'até que a morte os separe'¹⁵¹.

As constatações acima se referem não somente às mulheres luteranas das cidades, mas do campo também, porque “apesar de a mulher da roça trabalhar tanto ou mais que o homem, ela não recebe aposentadoria, a não ser como viúva, dependente do marido.”¹⁵² O direito das mulheres do campo, a busca por igualdade de direitos, a luta por ter o nome reconhecido como trabalhadoras e o direito a participar do sindicato eram algumas das aspirações daquelas mulheres¹⁵³.

As mulheres do campo travaram intensas lutas para ter seu reconhecimento como trabalhadoras rurais, tanto pelo Estado como pelos sindicatos. Como afirmou Zenaide Christmann Zarth:

[...] nós também temos o direito de vender os nossos produtos sem os nossos maridos precisarem assinar, tendo o nosso **nome reconhecido**¹⁵⁴ como trabalhadora rural. Até bem pouco tempo atrás, isto não era possível, porque 'quem é o sócio, é o marido' e nós, esposa e filhos(as), os 'pinduricos' (sic) dele, como se fôssemos um trator ou qualquer propriedade¹⁵⁵.

Faz-se necessário lembrar que as mulheres luteranas no campo se juntam a outras mulheres em movimentos que vão além da denominação. Tiveram importantes papéis, nestes anos 1980, as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), a Comissão de Pastoral da Terra (CPT), etc. Nesse contexto, também está inserida a Pastoral Popular Luterana (PPL)¹⁵⁶. Estes movimentos estão localizados no tempo da abertura democrática que ocorre naqueles anos e na consolidação do movimento feminista e de mulheres no Brasil¹⁵⁷.

O movimento de mulheres rurais procurou desenvolver algumas reivindicações básicas: a incorporação de mulheres nos sindicatos e a

¹⁵¹ TRESSMANN, Ismaier. Mulher é discriminada até mesmo em sua casa. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 19 jan./08 fev. 1986, p. 5.

¹⁵² TRESSMANN, 1986, p. 5.

¹⁵³ BIEHL, João Guilherme. Campesina não tem direito à nada. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 13-26 abr. 1986, p. 9.

¹⁵⁴ Grifo meu. A questão de reconhecer o nome das mulheres não é retórica, mas muito concreta. Principalmente para as trabalhadoras rurais, não ter seu nome elencado como trabalhadoras as impediam de muitas atividades, algumas triviais, como poder vender sua produção, pois seu nome não consta como na relação de associados das cooperativas, por exemplo.

¹⁵⁵ ZARTH, Zenaide Christmann. Trabalhadora rural conquista igualdade. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 28 jul./17 ago. 1991, p. 17.

¹⁵⁶ SCHMIDT, 2017, p. 55.

¹⁵⁷ PEREIRA, Nancy Cardoso; JAHN, Elisiane de Fátima. Todas as vidas... Todas as vias camponesas! In: PALUDO, Conceição (Org.). *Mulheres: resistência e luta em defesa da vida*. São Leopoldo: CEBI, 2009, p. 72.

extensão dos benefícios de seguridade social, incluindo licença maternidade paga e aposentadoria para as mulheres trabalhadoras rurais. Mesmo sendo força de trabalho explorada na roça e no trabalho doméstico familiar; as mulheres continuavam excluídas tanto aos olhos do patrão como da maioria dos dirigentes sindicais. Durante a metade da década de 1980, o costume era que somente uma pessoa por família poderia ser membro de sindicato, geralmente o homem chefe de família¹⁵⁸.

As mulheres da PPL, nos seus encontros e seminários, também refletiam estas questões a partir de suas experiências, com o auxílio da reflexão teológica feminista que denuncia o sistema econômico do patriarcado capitalista, o qual se baseia na divisão dualista, binária dos sexos, onde o trabalho e a experiência das mulheres não têm valor algum, salvo se for para reproduzir o sistema. Um dos seminários da PPL, noticiados no jornal, foi assessorado pela Pa. Louraini Christmann, cujo ponto alto foi a aplicação do “Método Feminista de Reconstrução Histórica de Fiorenza” (*sic*). Naquele seminário, foi constatado que o próprio Paulo se contradisse em relação às mulheres, as quais eram muito ativas no Novo Testamento e que suas cartas ainda são usadas para subordinação, omissão, opressão e legitimação de violências contra as mesmas¹⁵⁹.

Na mesma página, os congressos regionais da OASE destacam a atuação determinante das mulheres capixabas, o desafio recebido para fazer a diferença como mulheres sob a expressão “salgar e conservar o mundo”. Os grupos tradicionais, cada vez mais “[...] vão dando lugar a uma OASE moderna, mais participativa, ligada aos problemas da igreja, comunidade e sociedade, não esquecendo o crescimento e fortalecimento na fé cristã.”¹⁶⁰ Entretanto, havia o cuidado em esclarecer que:

Não pretendemos fazer nenhum movimento feminista, nem pretendemos servir só para fazer almoços, cafés e bazares. Mas, sim, levar as mulheres a terem opinião, conhecerem a nossa igreja, participarem em encontros e movimentos de maneira ativa, estando sempre prontas a representar seus grupos e não só fazendo número¹⁶¹.

¹⁵⁸ PEREIRA; JAHN, 2009, p. 72.

¹⁵⁹ SAAR, Edla B. PPL realiza seminário feminino. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 20 out./09 nov. 1991, Nosso Espaço – Nossas Esperanças, p. 17.

¹⁶⁰ POMMÊ, Noêmia Hepp. Grupos tradicionais dão lugar a OASE moderna, participativa. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 20 out. – 9 nov. 1991, Nosso Espaço – Nossas Esperanças, p. 17.

¹⁶¹ POMMÊ, 1991, p. 17.

A própria presidente nacional da OASE, Irmgart Lautert, avaliou que “se as mulheres lutam por mais espaços, também devem assumi-los, a começar pelos que são oferecidos até com certa insistência.”¹⁶²

Ao longo dos anos, os trabalhos realizados em encontros, seminários e congressos da OASE, da PPL ou de mulheres em geral, enfatizaram o quanto Jesus Cristo valorizou, visibilizou e deu voz às mulheres. Ao conhecerem as experiências das mulheres da Bíblia, muitas vezes, numa perspectiva hermenêutica da Teologia Feminista, transparece nos textos noticiados a verdade libertadora de Jesus que reconhece e valoriza as mulheres como por exemplo a meditação da P^a Gládis Gassen com o texto “Jesus e a samaritana são contra a imagem invisível da mulher”¹⁶³

A seção “Nosso Espaço – Nossas Esperanças” trouxe discussões que encorajaram as mulheres a fazerem ouvir suas vozes, a reafirmarem a necessidade da ajuda mútua, de cursos e seminários para capacitação de lideranças, reflexões sobre corpo, casamento e velhice. Também as obreiras¹⁶⁴ da igreja noticiaram seus encontros e questionamentos onde refletiram sobre sua situação e possibilidades, na intenção de resgatar o “jeito mulher” de construir igreja, onde todas as pessoas têm seu espaço. Naquele quarto encontro de obreiras catequistas, obreiras diaconais, diaconisas, pastoras e estudantes de teologia, realizado em 1991, em sua mensagem disseram: “Estivemos reunidas em busca de conhecimento e reconhecimento mútuo e para nesta soma sermos mais fortes, unidas e encorajadas.”¹⁶⁵ A partir de suas experiências, elas buscavam a valorização do seu trabalho, ressaltando “que são chamadas, que estão dispostas, formadas e enviadas a servir”¹⁶⁶.

A partir de março de 1989, a seção “Nosso Espaço – Nossas Esperanças” trouxe com frequência notícias sobre a Década Ecumênica das Igrejas em Solidariedade com as Mulheres, surgida a partir do Conselho Mundial de Igrejas, que abordou aspectos que já eram discutidos, como a necessidade de visibilidade

¹⁶² KOCH, Ingelore Starke. Presidente nacional avalia OASE. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 20 out./09 nov. 1991a, Nosso Espaço – Nossas Esperanças, p. 17.

¹⁶³ GASSEN, Gládis. Jesus e a samaritana são contra a imagem invisível da mulher. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 25 set./8 out. 1988, p. 3.

¹⁶⁴ O termo obreiras e obreiros atualmente está em desuso na IECLB, sendo alterado para o termo ministras e ministros.

¹⁶⁵ KOCH, Ingelore Starke. Obreiras buscam valorização de seu trabalho. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 05-25 mai. 1991b, Geral, p. 15.

¹⁶⁶ KOCH, 1991b, p. 15.

da situação de opressão e a discriminação das mulheres, especialmente as mulheres pobres, os obstáculos para a integral e ativa participação das mulheres na Igreja e na sociedade, e a capacitação de lideranças femininas.

Janete Ludwig, indicada pela OASE para participar da Comissão da Década, destacou as prioridades em relação ao Brasil e afirmou: “O trabalho da mulher na IECLB não é prioridade [...] Se as mulheres querem prioridade, precisam pressionar a estrutura para que não sejam acusadas de omissão e falta de agilidade.”¹⁶⁷ É perceptível na análise das notícias do período do recorte desta pesquisa (1985-1995) que, a partir da Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres, outras questões são apresentadas à discussão, dentre elas a violência contra as mulheres, a justiça de direitos, o fazer teológico das mulheres e a plena participação da mulher na Igreja e na vida da Comunidade¹⁶⁸.

Com a realização da VIII Assembleia da Federação Luterana Mundial, em Curitiba, se teve a percepção da necessidade de maior integração entre as próprias mulheres da IECLB, traduzido na ideia de uma secretaria da mulher. Esta ideia aparecerá como principal reivindicação por lideranças femininas que se encontrarão com frequência nos próximos anos. Estes encontros de lideranças femininas foram resultado destas buscas por integração, visto a diversidade de mulheres da IECLB que foi apresentada no capítulo primeiro. Muitas destas lideranças representaram a igreja em encontros, seminários e consultas, nacionais e internacionais, o que significa que também trouxeram, na volta, novas ideias e questionamentos levados por outras instituições eclesiais ou da sociedade, despertando consciências e abrindo olhares para outros aspectos das vidas das mulheres.

Muitas e rápidas mudanças foram acontecendo na realidade das mulheres da IECLB naquele período e estão retratadas nas páginas do *Jornal Evangélico*, representando a imensa riqueza de questionamentos das mulheres e para as mulheres da igreja luterana.

2.3 A cátedra de Teologia Feminista na EST

¹⁶⁷ DÉCADA Ecumênica prioriza o trabalho da mulher. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 16-29 abr. 1989, Geral, p. 12.

¹⁶⁸ DÉCADA Ecumênica prioriza o trabalho da mulher, 1989, p. 12.

Se houve um tema polêmico nas páginas do Jornal Evangélico nos anos 1985-1995, certamente foi a Teologia Feminista. Foi o tópico que mais menções apresentou na pesquisa, particularmente o ano de 1991 foi bastante agitado¹⁶⁹. Mas o embrião da Teologia Feminista teve origem muito antes, e um dos espaços de luta e construção foi a República de Mulheres, ou *Sumpfloch*. Esta república de alunas da Faculdade de Teologia (FACTEOL) representou “[...] não só um espaço de moradia e convivência, mas um espaço de luta e construção de saberes, da fecundação da Teologia Feminista na Faculdades EST.”¹⁷⁰ Neste artigo, Regene Lamb recorda a importância das discussões, leituras em conjunto, atividades em movimentos sociais, organismos ecumênicos, no movimento de Mulheres, participação da fundação do Grupo de Mulheres da FACTEOL e nos primeiros encontros de estudantes, pastoras e catequistas¹⁷¹.

Márcia Leindecker da Paixão foi professora de Teologia Feminista e traz um excelente panorama da situação que envolvia, além das pastoras, diáconas e catequistas e questões relativas aos ministérios e as relações entre eles. Ela destaca a necessidade de contemplar “[...] as histórias de cada ministério, as articulações, as conquistas, as dores, os impasses, as faltas de acesso, as questões culturais, sociais e eclesiais excludentes.”¹⁷²

O movimento político dos anos 80, chamado de Movimento Pró-Teóloga (1985-1990) e que culminou com a abertura da cadeira de Teologia Feminista na EST em 1991, foi realizado por mulheres e homens que mobilizaram a EST e a IECLB a partir das reflexões acerca da igualdade de gênero e de uma releitura teológica a partir da perspectiva feminista. Semanas Acadêmicas e outros eventos foram organizados nesse período trazendo a temática de gênero para o campo teológico¹⁷³.

O movimento ou Comitê Pró-Teóloga se reuniu durante cinco anos organizando semanas acadêmicas e seminários voltados às questões relacionadas às mulheres, convidando teólogas do Brasil e da América Latina como professoras visitantes. Em 1987, Ivone Gebara assessorou seminário de Teologia Feminista na FACTEOL, hoje Faculdades EST. Em palestra proferida naquele seminário, Ivone

¹⁶⁹ Após veementes críticas ao pensamento da teóloga feminista Dorothee Sölle, publicadas no Jornal Evangélico, o reitor da EST na época, o P. Dr. Martin Dreher, traz esclarecimentos sobre a Teologia Feminista e a respectiva vaga na EST, cfe. DREHER, Martin Norberto. Teologia Feminista. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 14 abr./04 mai. 1991, Malote, p. 2.

¹⁷⁰ BLASI; BRUN, 2015, p. 94.

¹⁷¹ BLASI; BRUN, 2015, p. 103.

¹⁷² PAIXÃO, Márcia Leindecker da. Cátedra de Teologia Feminista na EST: pelos meus olhos. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, vol. 1, no. 1, p. 30-39, jul./dez. 2015, p. 33.

¹⁷³ PAIXÃO, 2015, p. 32.

trouxe desafios à sociedade e às Igrejas, lançados pelo movimento feminista e a Teologia Feminista. Na sua proposta de reflexão, buscou “[...] alargar a proposta feminista para além dos problemas da mulher, embora seja ela seu ponto inicial.”¹⁷⁴

A primeira professora a ocupar a cadeira de Teologia Feminista foi Wanda Deifelt, retornando de seu doutoramento nos Estados Unidos. Conforme ela descreveu, a cadeira deveria:

[...] tornar as mulheres mais visíveis no currículo teológico, ensinar e pesquisar sobre os avanços da Teologia Feminista (como estava sendo elaborada em outras partes do mundo), ajudar na conscientização dos estudantes sobre a realidade das mulheres nas comunidades (considerando que a maior parte da membresia das igrejas é feminina) e manter um vínculo com os movimentos de mulheres, tanto seculares como eclesiais¹⁷⁵.

Na época, a proposta oficial era que se adotasse o nome de teologia feminina, teologia da mulher ou teologia na ótica da mulher, visto que qualificar-se como feminista trazia um peso e um estigma relacionado com fanatismo, preconceito e misandria, conforme relata Marga Janete Ströher:¹⁷⁶

A articulação estudantil, de forma protagônica, persistiu no nome feminista pelo seu caráter político, e por estar em consonância com o movimento feminista e com a nomenclatura usada em outros contextos de formação teológica [...] que, em votação unânime, fez a opção pelo nome Teologia Feminista para essa cátedra¹⁷⁷.

A teóloga feminista alemã Dorothee Sölle esteve presente na EST em 1991 e, numa palestra aberta ao público com o tema “Deus, mãe de todos nós”, explicou a pertença da Teologia Feminista à Teologia da Libertação e garantiu: “Não há libertação sem libertação das mulheres e não há teologia da libertação sem feminismo.”¹⁷⁸ Ao afirmar a necessidade de desvincular Deus do símbolo masculino como uma reivindicação mínima, despertou paixões que foram expressas em

¹⁷⁴ GEBARA, Ivone. Desafios que o movimento feminista e a teologia feminista lançam à sociedade e às Igrejas. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 27, no. 2, 1987, p. 153.

¹⁷⁵ DEIFELT, Wanda. Educação teológica para mulheres: um passo decisivo à cidadania eclesial. In: SOTER (Org.). *Gênero e Teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo/Belo Horizonte: Paulinas/Loyola/Soter, 2003b, p. 279.

¹⁷⁶ STRÖHER, Marga Janete. A história de uma história – o protagonismo das mulheres na Teologia Feminista. *História Unisinos*, São Leopoldo, Unisinos, vol. 9, no. 2, p. 116-123, mai./ago. 2005, p. 117. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/6417>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

¹⁷⁷ STRÖHER, 2005, p. 118.

¹⁷⁸ KOCH, Ingelore Starke. Teóloga feminista diz que é preciso desvincular Deus do símbolo masculino. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 24 mar./13 abr. 1991c, Nosso Espaço – Nossas Esperanças, p. 17.

diversas páginas do Jornal Evangélico naquele ano, culminando com um texto elaborado pelo Grupo de Mulheres da instituição, com o título, “Afinal, o que é teologia feminista?”¹⁷⁹

Ocupando dois terços da página do jornal, as autoras contextualizaram as perguntas feitas pela ONU (Organização das Nações Unidas) e CMI (Conselho Mundial de Igrejas), passando pela Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres, mas que vinha desde muito antes, sobre as condições, as discriminações, as desvalorizações, as violências sofridas pelas mulheres, etc. Explicaram a opção pela definição “feminista”, por considerar “feminina” pouco abrangente e estereotipada – ainda não aparece a categoria “gênero”, embora já se intuísse. Esclarecendo termos, apontando a contribuição das mulheres que permaneceram invisíveis e silenciadas ao longo dos séculos, na igreja e na sociedade. Apontaram as contribuições que a Teologia Feminista poderia oferecer para a Teologia em geral, não só questionando ideias, mas também repensando conceitos teológicos, considerando que:

As mulheres são criadas à imagem e semelhança de Deus, assim como os homens. Acredita [a Teologia Feminista] que Deus chama pessoas (mulheres e homens) a testemunharem a fé em Cristo e a viverem em comunidade. É, pois uma teologia preocupada em assegurar que as mulheres possam encontrar espaço dentro da igreja para a vivência autêntica de sua fé de forma condizente com o Evangelho – como discípulas de Jesus Cristo¹⁸⁰.

2.4 A Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres

A Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com a Mulher (1988-1998) foi uma demanda do setor de trabalho denominado “Mulheres na Igreja e na Sociedade”, do Conselho Mundial de Igrejas e, no Brasil, foi acolhida pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs no Brasil. A Década também foi uma resposta do CMI à Década da Mulher (1976-1985), promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU).¹⁸¹

¹⁷⁹ GRUPO de mulheres da Escola Superior de Teologia. Afinal, o que é teologia feminista? *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 07-27 jul. 1991, Espaço Livre, p. 18.

¹⁸⁰ GRUPO de mulheres da Escola Superior de Teologia, 1991, p. 18.

¹⁸¹ BAESKE, 1999, p. 14.

Em 1985, ocorreu a Conferência Mundial para Revisar e Avaliar as Conquistas da Década da Mulher das Nações Unidas: Igualdade, Desenvolvimento e Paz, em Nairobi¹⁸². Os resultados foram considerados desanimadores. “A situação das mulheres tinha se agravado no decênio anterior, com o aumento das despesas militares e das crises das dívidas externas de muitos países.”¹⁸³

Em 1988, quando o Conselho Mundial de Igrejas lançou a Década em âmbito internacional, evidenciou-se que “a solidariedade com a mulher deveria constituir um dos pontos centrais do ecumenismo.”¹⁸⁴ Durante dez anos, mulheres cristãs de diferentes denominações buscaram saber sobre as formas de opressão que as mulheres sofrem dentro e fora das igrejas, bem como as formas e possibilidades de superá-las.

De acordo com Wanda Deifelt:

A Década deu oportunidade à membresia das igrejas de tomar consciência da realidade de vida e não-vida das mulheres ao redor do mundo, denunciando situações sociais desfavoráveis ou injustas e anunciando que a comunidade cristã propõe a inclusão plena das mulheres dentro da comunidade. A Década deu oportunidade de reafirmar que, mediante o batismo em Jesus Cristo, já não há mais discriminação. Homens e mulheres são filhos e filhas de Deus e, como tal, devem se tratar com respeito mútuo, estabelecendo relações de parceria e companheirismo¹⁸⁵.

No mesmo ano de 1988, houve o III Encontro Nacional de Teologia na Perspectiva da Mulher¹⁸⁶, no Rio de Janeiro, discutindo a relação mulher-homem-terra, mulher e poder e a força e espiritualidade que movem a mulher¹⁸⁷. Neste encontro estiveram presentes pessoas católicas, luteranas, metodistas, presbiteriana e episcopal. Dentre elas, leigas, religiosas e pastoras e dois homens.

¹⁸² Fanny Tabak apresentou interessante trabalho de avaliação e balanço: TABAK, Fanny. *A Década da Mulher como Forma de Participação e Pressão Política: avaliação e balanço*. Trabalho apresentado na IX Reunião Anual da ANPOCS, GT Mulher e Política, 1985. Disponível em: <<https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/9-encontro-anual-da-anpocs/gt-10/gt21-6/6147-fannytabak-decada/file>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

¹⁸³ BAESKE, Sibyla, Dez anos despertando solidariedade. In: BAESKE, Sibyla (Org.). *Mulheres desafiam as igrejas cristãs: Década ecumênica de solidariedade das igrejas com a mulher (1988-1998)*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 14-15.

¹⁸⁴ BAESKE, 2001, p. 12.

¹⁸⁵ DEIFELT, Wanda. Uma década de visibilidade. In: BAESKE, Sibyla (Org.). *Mulheres desafiam as igrejas cristãs: Década ecumênica de solidariedade das igrejas com a mulher (1988-1998)*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 7.

¹⁸⁶ CAVALCANTI, Tereza. Produzindo teologia no feminino plural. A Propósito do III Encontro Nacional de Teologia na perspectiva da mulher. *Perspectiva Teológica*, vol. 20, no. 52, p. 359-370, 1988. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1672/2000>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

¹⁸⁷ ALBUQUERQUE, Janice Marie S. A mulher na Igreja da América Latina depois do Concílio Vaticano II. *Paralellus*, Recife, UNICAP, ano 1, no. 2, p. 53-77, jul./dez. 2010, p. 56.

Os objetivos da Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres foram os seguintes:

Capacitar as mulheres para que se oponham às estruturas opressoras que existem na comunidade mundial, em seus países e em suas igrejas. Afirmar as contribuições decisivas das mulheres em suas igrejas e comunidades, compartilhando o trabalho de direção e a tomada de decisões, a reflexão teológica e a espiritualidade. Tornar conhecidas as perspectivas e ações das mulheres em esforços e luta pela justiça, a paz e a integridade da criação. Capacitar as igrejas para que se liberem do racismo, do sexismo e do classismo, e para que abandonem as práticas discriminatórias para com as mulheres. Estimular as igrejas para que empreendam atividades de solidariedade com as mulheres¹⁸⁸.

Acolhida pelo CONIC, a Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com a Mulher foi viabilizada por mulheres indicadas pelas igrejas integrantes do Conselho. Vera Roth fez parte da primeira Comissão Nacional, junto com mulheres das outras denominações participantes do CONIC, formada em 10 de março de 1989. Ao final da Década, Regina Malschitzky juntou-se ao grupo e, com Vera Roth, representou as luteranas¹⁸⁹.

Implantar a Década pareceu um desafio assustador para aquelas mulheres da Comissão Nacional. No início, as integrantes se reuniam mensalmente, pois a maioria residia em Porto Alegre, sede do CONIC à época. Eram planejados “[...] seminários, encontros, painéis e celebrações que visavam promover o diálogo ecumênico sobre as várias formas de discriminação existentes na Igreja e no mundo.”¹⁹⁰

A partir da Década “as igrejas resolveram celebrar, de forma ecumênica, o Dia Internacional da Mulher, no dia 08 de março.”¹⁹¹ Para esta ocasião, a Comissão Nacional editava anualmente uma proposta litúrgica. A Semana de Oração pela Unidade Cristã (SOUC) e o Dia Mundial de Oração (DMO) foram dois eventos que ganharam apoio, divulgação e participação nas celebrações anuais, de caráter ecumênico, incorporando-se às agendas das comunidades de várias igrejas¹⁹².

No período correspondente à Década Ecumênica, mulheres comprometidas com esta proposta escreveram artigos e mensagens, tanto no JOREV como em

¹⁸⁸ BAESKE, 2001, p. 12.

¹⁸⁹ BAESKE, 2001, p. 19.

¹⁹⁰ BAESKE, 2001, p. 20.

¹⁹¹ BAESKE, 2001, p. 22.

¹⁹² BAESKE, 2001, p. 23.

outros periódicos, como o Roteiro de Trabalho da OASE e Anuário Evangélico, estes dois de tiragem anual.

A primeira notícia relativa à Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres no Jornal Evangélico traz a pergunta: “Quem removerá a pedra?”¹⁹³ Nesta mensagem de Páscoa, a partir do testemunho da ressurreição de Jesus, as “Igrejas divulgam uma caminhada de fé em solidariedade com as mulheres.”¹⁹⁴ Embora muitas pedras sejam encontradas pelo caminho, elas deverão ser removidas.

Há práticas e ensinamentos nas Igrejas que são obstáculos para a criatividade teológica, espiritual e contribuição decisiva da mulher na Igreja e na sociedade. Há estruturas e padrões de liderança e ministério que bloqueiam a parceria entre homens e mulheres¹⁹⁵.

O Grupo Coordenador da Década Ecumênica do CMI, responsável pelo texto, afirmou a necessidade de se reconhecer, como Igreja, que as mulheres são aquelas que sofrem as piores consequências de situações como: a pobreza, o racismo, a injustiça econômica, o sistema de castas, o militarismo, a não concessão de terras e os direitos de minoridade.

As mulheres são as mais pobres dos pobres, sempre com acesso limitado à comida, educação e trabalho remunerado. Os corpos das mulheres são usados abusivamente pela medicina tecnológica e vendidos na prostituição. As mulheres são vítimas de várias formas de violência¹⁹⁶.

Após a denúncia, a mensagem celebrou a visão e o comprometimento de mulheres nas lutas por justiça, paz e integridade e o desejo de que durante a Década houvesse o crescimento e identificação dos obstáculos que impedem e dificultam a participação integral das mulheres na Igreja e na sociedade¹⁹⁷.

Nas notícias e temáticas do Jornal Evangélico, nestes anos compreendidos pela Década Ecumênica, é possível perceber a movimentação de diversas organizações e entidades com questionamentos relacionados à situação das mulheres. As igrejas reagem às demandas do CMI em geral e da FLM em particular que, por sua vez, também são eco da sociedade, a partir de organizações como a

¹⁹³ GRUPO coordenador da Década Ecumênica da Mulher do CMI. Mensagem de Páscoa: quem removerá a pedra? *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 01-18 mar. 1989, p. 14.

¹⁹⁴ GRUPO coordenador da Década Ecumênica da Mulher do CMI, 1989, p. 14.

¹⁹⁵ GRUPO coordenador da Década Ecumênica da Mulher do CMI, 1989, p. 14.

¹⁹⁶ GRUPO coordenador da Década Ecumênica da Mulher do CMI, 1989, p. 14.

¹⁹⁷ GRUPO coordenador da Década Ecumênica da Mulher do CMI, 1989, p. 14.

ONU, mas também dos próprios movimentos de contestação sociocultural e do feminismo.

A comissão da Década publicou, ao longo do período, um informativo com o nome “Mulheres Agora”¹⁹⁸ e alguns artigos destes informativos também eram publicados no Jornal Evangélico e em Roteiros de Trabalho da OASE. Desta forma, as reflexões sobre as mulheres, suas participações nas Igrejas e na sociedade, temas como valorização, crescimento, ética e relação de gênero, foram também colocadas nas pautas dos grupos de OASE, nas comunidades, encontros e seminários de mulheres em geral, estudantes e ministras em particular.

2.5 Resumo do capítulo

Neste segundo capítulo, para melhor ilustrar a caminhada reflexiva das mulheres luteranas, procurei traçar de forma breve e sucinta um panorama da situação das mulheres na sociedade brasileira dos anos 1960 até chegar ao recorte temporal desta pesquisa, situado entre 1985 e 1995. As mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas aliadas à rapidez cada vez maior alavancada pelos meios de comunicação de massa, aumentaram a presença e a visibilidade das mulheres nos espaços públicos. Junto com isso, suas vozes começaram a ser ouvidas, embora isto não significasse necessariamente concordância. Porém, algumas relações começam a se modificar. O movimento feminista trouxe muitos questionamentos relativos a hábitos, costumes e representações do que significa ser mulher numa sociedade androcêntrica e patriarcal e ajudou a entender alguns problemas destas relações.

Um dos veículos que optei para mostrar o que as mulheres luteranas estavam questionando foi o Jornal Evangélico. Reunindo, compilando e analisando a seção “Nosso Espaço – Nossas Esperanças” no recorte temporal definido anteriormente, junto com outros textos do jornal referentes às mulheres, foi possível

¹⁹⁸ A página do CONIC tem alguns exemplares em seus arquivos. Cfe. CONIC – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs no Brasil. *Mulheres*. Disponível em: <<https://www.conic.org.br/portal/mulheres>>. Acesso em: 02 out. 2017.

perceber, ao longo daquela década, que havia uma efervescência de perguntas, de buscas, de anseios e de críticas também.

As mulheres luteranas continuavam celebrando os jubileus de seus grupos de OASE ou de mulheres, seus encontros, mas algo mais começou a aparecer. Mulheres começaram a perguntar por seu espaço nas diversas instâncias de liderança da igreja. E não só na igreja, mas na família e na sociedade também. As mulheres luteranas, cada vez mais, podiam saber-se valorizadas por serem mulheres, e não apesar de serem mulheres. E isto faz uma enorme diferença que impacta na autoestima e na condição de se verem capazes de assumir cada vez mais cargos e funções de liderança, e não somente o serviço comumente atribuído às mulheres, de longa data tarefa das mulheres na igreja cristã.

As mulheres ousaram na busca por igualdade de direitos, pelo reconhecimento de seu nome, do seu trabalho, de sua visibilidade e de sua voz. Perceberam discriminações contra as mulheres nos campos, nas cidades e nos espaços eclesiais, bem como começaram a denunciar as dificuldades e obstáculos que as mulheres sentem, vivem e sofrem ao longo de suas vidas.

A experiência e o cotidiano das mulheres passaram a ser considerados em outros patamares, auxiliadas pela Teologia Feminista que emerge e se torna uma realidade na formação de ministros e ministras da IECLB, ajudando a dar mais visibilidade às mulheres no campo teológico, auxiliando na percepção das realidades das mulheres das comunidades luteranas, bem como o diálogo como movimentos de mulheres e o movimento ecumênico.

Nesse sentido, a Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres impactou de forma significativa junto às mulheres luteranas à medida que muitas lideranças estiveram à frente dos objetivos propostos pela Década, oriunda de um espaço mais amplo, que foi o do Conselho Mundial de Igrejas. Ao mesmo tempo, outros órgãos como a Federação Luterana Mundial também estavam promovendo encontros e consultas relativos às mulheres.

Este período foi de uma riqueza muito grande, certamente porque muito estava represado ainda em nosso país, visto que se estava saindo de um tempo político silenciado por uma ditadura militar. As mulheres, ao acessarem o espaço público, começaram também a trazer consigo questões do privado que precisavam ser denunciadas, e foi quando se começou a falar da violência doméstica, quando na família o poder patriarcal, o machismo e a misoginia começam a ser visibilizados

e denunciados. Reconhecer a violência contra as mulheres dentro de casa foi o primeiro passo e a Década Ecumênica foi inequívoca ao afirmar a eliminação da violência em todas as suas formas (sexual, religiosa, psicológica, estrutural, física, espiritual, militar) e da cultura da violência, principalmente da forma como interferem na dignidade e na vida das mulheres¹⁹⁹.

Nas páginas do Jornal Evangélico foi possível perceber a diversidade de mulheres luteranas buscando, reivindicando, lutando por voz e espaço. Mulheres com muita ou com pouca instrução, jovens, idosas ou de meia idade, estudantes ou profissionais, ministras e esposas de pastores, luteranas desde sempre ou por adesão, que a partir de suas experiências refletem sobre sua condição. Assim, algumas mulheres luteranas também percebem a importância de sua participação, responsabilidade e a necessidade de maior articulação entre as mulheres, entre grupos e organizações para a construção de um mundo mais justo para mulheres e homens, conforme a vontade de Deus expressa em Jesus Cristo, no qual confessam sua fé no jeito luterano de ser Igreja.

¹⁹⁹ SINGH, Priscilla. *As Igrejas dizem 'não' à violência contra a mulher: plano de ação para as Igrejas*. Tradução de Paul Tornquist e Brunilde Arend Tornquist. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 9.

3 FÓRUM

Eu creio que as mulheres têm as mesmas capacidades que o homem; Eu creio que só porque minha mãe aceitou um papel subserviente, isso não significa que eu deva fazê-lo também; Eu creio que, se eu não lutar pelos direitos de minhas irmãs, então sempre seremos oprimidas; Eu creio que horizontes sem limites se estendem diante de minha filha, não somente umas poucas opções tradicionais; Eu creio que tenho muito a contribuir para o mundo e eu somente tenho os meus talentos e capacidades particulares. Eu creio que cada mulher é um indivíduo e não um estereótipo²⁰⁰.

Fórum é, antes de tudo, um espaço. Nas antigas cidades romanas, era a praça pública, onde se localizavam os edifícios mais importantes e essenciais para o funcionamento das cidades, onde se trocavam bens e serviços. Para este trabalho, o conceito de fórum está relacionado ao espaço de troca de saberes, à liberdade de expressão e à possibilidade de discussão de um tema comum²⁰¹.

3.1 Questionamentos e demandas

Os anos compreendidos entre 1988-1998 foram muito férteis na geração de novas organizações de mulheres. Ivone Gebara lembra a Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres, que tanto insistiu na necessidade da participação ativa das mulheres nas igrejas, bem como na sociedade.

[...] sobretudo para dar respaldo às reivindicações das mulheres das periferias, das mulheres negras e indígenas, das mulheres lésbicas e transexuais. Não faltou o florescimento de reflexões riquíssimas que revelaram de maneira especial o pluralismo de nossa humanidade assim como a urgência do respeito a essa diversidade²⁰².

Da mesma forma havia a percepção de que se havia conquistado uma nova posição em relação à fé e aos estudos teológicos, ao tomarem como exemplo o modo como Jesus tratava as mulheres²⁰³, embora o fizessem ainda com algum receio.

²⁰⁰ PARMAR, René. Sou Mulher. Adaptado da Revista “Prayers & Poems & Songs & Stories – Ecumenical Decade 1988-1998 – Churches in Solidarity with Women”. Tradução de Anna Lange. In: *Anuário Evangélico 1991*. São Leopoldo: Sinodal, 1990, p. 48.

²⁰¹ HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 1379.

²⁰² GEBARA, 2017a, p. 97.

²⁰³ STÖFFLER, Erika. Década de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres – 1988-1998. In: *Roteiro de Trabalho OASE 1993*. São Leopoldo: Sinodal, 1993, p. 30.

Entre as mulheres luteranas, Vera Roth junto com a Ir. Hildegart Hertel, iniciaram um trabalho de assistência social na comunidade de Novo Hamburgo/RS, o projeto Roselândia, onde Vera se defrontou com uma realidade de “mulheres paupérrimas, doentes e cansadas da vida”²⁰⁴. Longe de paralisá-la, essa realidade a impulsionou a outros desafios na IECLB. Atuou na OASE em diversos níveis: Conselho Diretor da Igreja, delegada em Concílio Geral da IECLB e Assembleia da FLM, coordenadora da Década Ecumênica lançada pelo CMI e acolhida pelo CONIC no Brasil, coordenadora da Mulher na Igreja e na Sociedade (MEIS) do Conesul.

Hildegart Hertel, diaconisa e psicóloga, a partir de sua prática diaconal em projetos sociais, percebia a “[...] necessidade de iniciar um movimento feminino que pudesse atrair mulheres profissionais para um engajamento social organizado e acompanhado.”²⁰⁵ Dentre os vários projetos diaconais nos quais atuou, destacam-se a criação do Centro Cristão Feminino, em Novo Hamburgo/RS, e a direção por quinze anos do Departamento de Diaconia da IECLB²⁰⁶. Ir. Hildegart foi uma das cinco mulheres homenageadas pela Federação Luterana Mundial, “[...] pelo seu trabalho junto às bases, em especial, junto às mulheres marginalizadas na sociedade”²⁰⁷, na Consulta Internacional sobre Mulheres da Federação Luterana Mundial, realizada em Genebra, em 1995.

Junto com elas, outras mulheres questionavam a situação discriminatória vivida pelas mulheres, como a falta de acesso aos espaços de poder na igreja, a necessidade de capacitar as mulheres para a liderança, o desejo pela troca de experiências de outras mulheres, a constatação da desarticulação entre os “[...] setores de trabalho e organizações de mulheres na IECLB.”²⁰⁸

²⁰⁴ A FÉ nos move a nos dispormos ao serviço da Igreja sempre. *Jorev Luterano*, Porto Alegre, jul. 2010, p. 10.

²⁰⁵ HERTEL, Hildegart. A minha história a Caminho do Fórum da Mulher Luterana. In: ROTH, Vera Leane; SCHERER, Hertha Costa. *Mulher, deixa a chama acesa e não tema a transformação: Deus te ama 100%: história dos 20 anos do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana da IECLB*. Porto Alegre: Odisseia, 2010, p. 12.

²⁰⁶ BRAKEMEIER, Ruthild. Falecimento da Irmã Hildegart Hertel. *Portal Luteranos*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/falecimento-da-irma-hildegart-hertel>>. Acesso em: 19 out. 2017.

²⁰⁷ KOCH, Ingelore Starke. Mulher homenageada é obreira da IECLB. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 01-15 mar. 1996a, p. 6.

²⁰⁸ ROTH, Vera Leane; SCHERER, Hertha Costa. *Mulher, deixa a chama acesa e não tema a transformação: Deus te ama 100%: história dos 20 anos do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana da IECLB*. Porto Alegre: Odisseia, 2010, p. 17-18.

Uma destas mulheres foi a Irmã Ruthild Brakemeier, diretora da Casa Matriz de Diaconisas no período de 1987-1997²⁰⁹. Por muitos anos foi redatora do Roteiro de Trabalho da OASE, autora de inúmeros textos questionadores sobre a realidade das mulheres, bem como outros relacionados com a diaconia, que era seu campo específico de atuação. Ela também foi presidente do Conselho Nacional do Dia Mundial de Oração, entidade ecumênica cujo programa é organizado por mulheres de todo mundo²¹⁰.

Assim como o Jornal Evangélico, conforme escrito anteriormente, os Roteiros de Trabalho da OASE também foram espaço para alguns questionamentos e algumas vozes dissonantes. No Roteiro de 1988 já aparece a imagem símbolo da Década Ecumênica das Igrejas em Solidariedade com a Mulher, mas sozinha, sem qualquer texto além desta chamada²¹¹. É perceptível o aumento da autoria de mulheres nos temas e reflexões à medida que os anos 1980 vão passando. Certamente é material a ser analisado em pesquisas futuras, pois apresenta o incremento da participação das mulheres nos seus posicionamentos e questionamentos.

A edição de 1990 apresenta a arte de uma mulher, Karin Rosenbaum, com o calendário “Pao e Pedra” a cada mês e, na contracapa, o “Credo da Mulher”, de Rachel C. Wahlberg. Os textos passam a ser redigidos, na sua maioria, por mulheres, salvo um ou outro estudo bíblico. De Cora Coralina a Elza Tamez, textos comprometidos com uma visão a partir do Brasil e da América Latina. Este comprometimento também é visível nas capas dos roteiros neste período entre 1988 a 1994: mulheres, crianças indígenas e afrodescendentes. A proposta do Roteiro de 1994, “Mulher – Dignidade – Valorização”, era o de “[...] encorajar a mulher a buscar os seus direitos e, de maneira muito especial, resgatar a sua dignidade.”²¹² Esta edição foi o ápice dos questionamentos sobre direitos fundamentais das mulheres, e trouxe artigos de diversas autoras, que se frisaram, “[...] a respeito de direitos

²⁰⁹ CREUTZBERG, Alfred M. Ruthild Brakemeier (*1938): obra e biografia. *Portal Luteranos*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/ruthild-brakemeier-1938>>. Acesso em: 19 out. 2017.

²¹⁰ Conforme o site do DMO Brasil, “O DIA MUNDIAL DA ORAÇÃO é um movimento que reúne mulheres cristãs, de muitas tradições, em todo o mundo, para observar um dia comum de oração por ano. Em muitos países esse contato tem continuidade em reuniões de oração e trabalho. É um movimento iniciado por mulheres e realizado em mais de 170 países e regiões.” DMO Brasil – Dia Mundial de Oração. *DMO: o que é?* Disponível em: <<http://www.dmoracao.comunidades.net/dia-mundial-de-oracao-o-que-e>>. Acesso em: 23 out. 2017.

²¹¹ ROTEIRO da OASE 1988. São Leopoldo: Sinodal, 1987, p. 119.

²¹² ROTEIRO da OASE 1994. *Mulher: Dignidade – Valorização*. São Leopoldo: Sinodal, 1993, p. 10.

específicos: fraternidade, justiça, verdade, liberdade e vida.”²¹³ São ecos do I Encontro de Mulheres Ecumênicas Latino-Americanas (MELA) e do I Encontro Latino-Americano de Mulheres Luteranas, onde representantes da OASE participaram e trouxeram “[...] o desafio em favor dos direitos da mulher.”²¹⁴

A edição de 1994 foi primorosamente estruturada desde a chancela do P. Presidente Dr. Gottfried Brakemeier, com o texto sobre a dignidade da mulher e os aspectos de um velho desafio até o compromisso das mulheres na sociedade e na igreja, assinado pela Pa. Haidi Jarschel. Direitos como educação e capacitação com a Pa. Rita M. Panke, à fraternidade com a Diácona Ingrid Vogt, à justiça com Seny L. Dockhorn Tesche, à verdade com Elsbeth Schütz de Oliveira, à liberdade com Dorothea E. Wulfhorst, à vida com a jornalista Ingelore Starke Koch, liberdade cristã e obediência a Deus com Ruth T. Baade, à luta pela sobrevivência com Rosane M. Tünnermann. Todos estes artigos entremeados com estudos de mulheres da Bíblia como a samaritana, a escrava Agar, as parteiras do Egito, a juíza Débora, e outros textos relacionados.

Neste crescendo temático no contexto da hermenêutica de suspeita, de desconstrução e construção, algo acontece e o roteiro de 1995 – assim como os demais – passará a tratar de outras temáticas, especialmente ligadas à espiritualidade e vida cristã. O roteiro de 1995 teve o tema: “Eu sou... Jesus se apresenta”²¹⁵, o de 1996: “Guiados pelo Espírito de Deus”²¹⁶, o de 1997: “Livres para servir”²¹⁷, o de 1998: “Caminhando com Jesus”.²¹⁸ A mudança reflete a nova direção do Conselho Nacional da OASE, presidido por Gudrun Braun, eleita em 1994²¹⁹.

3.2 A VIII Assembleia da Federação Luterana Mundial

Foi nos dias 31 de janeiro a 8 de fevereiro de 1990 que se realizou a VIII Assembleia da Federação Luterana Mundial, em Curitiba/PR. Os clamores que se

²¹³ ROTEIRO da OASE 1994, 1993, p. 10.

²¹⁴ ROTEIRO da OASE 1994, 1993, p. 10.

²¹⁵ ROTEIRO da OASE 1995. *Eu sou... Jesus se apresenta*. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

²¹⁶ ROTEIRO da OASE 1996. *Guiados pelo Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

²¹⁷ ROTEIRO da OASE 1997. *Livres para servir*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

²¹⁸ ROTEIRO da OASE 1998. *Caminhando com Jesus*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

²¹⁹ GRAF, Adélia; SCHÜNEMANN, Helga. História de vida de Gudrun Braun. Em *Comunhão com as viDas das mulheres*. Portal Luteranos. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-gudrun-braun>>. Acesso em: 23 out. 2017.

faziam na ocasião estavam relacionados com a situação do Leste Europeu, da África do Sul, da Namíbia e da América do Sul. A dívida externa dos países do terceiro mundo e a ecologia eram temas importantes, bem como a reestruturação da FLM e as eleições. Mas a participação de mulheres e jovens era também um anseio e clamor persistentemente expressos por estruturas e políticas eclesiais participativas e incluídas²²⁰. Nas assembleias anteriores a de 1990, a FLM já havia adotado resoluções para dar maior visibilidade e participação às mulheres nas assembleias²²¹.

Para a VIII Assembleia procurou-se garantir as recomendações de Budapeste para que houvesse a representação de 40% de mulheres. O tema “Ouvi o clamor do meu povo” obteve boa resposta, com 43% de delegadas representando suas igrejas na assembleia realizada em Curitiba e muitas outras mulheres como visitantes. As mulheres começaram a ter consciência da sua presença e quanto de diferença isto faria se estivessem representando, ou seja, qual o impacto e o compromisso das mulheres na FLM teriam em longo prazo.

Nesta assembleia, Lilian Fleck Lengler foi eleita para representar a IECLB no Conselho da FLM e foi vice-presidente da Comissão de Comunicação, setor responsável pela política de comunicação da FLM²²². Ela era uma liderança da OASE, em diversas instâncias, chegando ao cargo de presidenta nacional. Foi eleita ao Conselho Diretor da Igreja em 1986, numa época onde seis mulheres eleitas foram a “surpresa”²²³. Conforme Lilian:

Como presidente da OASE, também participei de alguns conselhos e iniciativas, dentre os quais o Conselho de Diaconia, da OGA e da Fundação Luterana de Diaconia. Também fui membro da Associação Pella Bethania, do Conselho de fundação do CONIC, da criação do programa radiofônico “Conversando Com Você” e do Fórum da Mulher Luterana²²⁴.

²²⁰ ALTMANN, Walter. Quais os clamores que terão eco em Curitiba?. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 01-31 jan. 1990, Geral, p. 12.

²²¹ THE LUTHERAN WORLD FEDERATION. *A gallery of portraits: the women who made the LWF at assemblies*. Disponível em: <https://www.lutheranworld.org/sites/default/files/lwf_women_since_1947.pdf>. Acesso em: 24 out. 2017.

²²² LENGLER, Lilian Fleck. Confiante no Senhor, sinto-me forte. In: *Roteiro de Trabalho da OASE 1992*. São Leopoldo: Sinodal, 1991, p. 18.

²²³ BRAKEMEIER eleito presidente. A surpresa foram as mulheres, 1986, p. 11.

²²⁴ LENGLER, Lilian Fleck. História de vida de Lilian Fleck Lengler. Em *comunhão com as viDas das mulheres*. *Portal Luteranos*, 2016. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-lilian-fleck-lengler>>. Acesso em: 24 out. 2017.

3.3 O “Recanto”

Com a chegada e realização da VIII Assembleia da FLM em Curitiba, em 1990, havia a preocupação com as muitas mulheres que estariam participando pela primeira vez de um evento de tamanha importância, desconhecendo, inclusive, como se davam as formas de encaminhamento das questões. Para isso, a secretária executiva da Comissão Igreja e Sociedade da FLM, Musimbi Kanyoro, teve a ideia de separar três salas para o encontro com as delegadas durante os intervalos. A decisão foi acertada, porque de todas as delegadas, somente duas haviam participado de uma assembleia da FLM anteriormente. O “Recanto” foi muito além de ser um espaço para reuniões para troca de ideias e debate de temas e assuntos que vinham sendo tratados na assembleia²²⁵. O “Recanto” foi espaço de articulação, descanso e troca de experiências.

Anna Lange, de Curitiba, fazia parte da comissão local e explicou ao *Jornal Evangélico* que toda a programação oferecida na assembleia para as mulheres tinha o objetivo de promover um encontro entre as mulheres de outros países e as mulheres luteranas brasileiras²²⁶. O “Recanto” foi, portanto, o espaço físico onde sugestões da VIII Assembleia da FLM foram acolhidas pelas mulheres luteranas presentes na ocasião, entre elas Lilian Lengler, Vera Roth, Anna Lange, Dagmar Triska e Ruth Baade. Como jornalista do *Jornal Evangélico*, Ingelore S. Koch relata:

Particpei de boa parte da VIII Assembleia da Federação Luterana Mundial de 1990, em Curitiba. Foi de lá que vieram a sugestão e a motivação para que na IECLB se achasse uma forma de promover uma maior integração entre os diversos grupos ativos de mulheres na IECLB, como a Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE), mulheres da Pastoral Popular Luterana (PPL), obreiras diaconais, catequistas, pastoras, entre outras²²⁷.

No culto celebrativo dos 25 anos do Fórum, Vera Roth relembra:

Em 1990, quando aconteceu em Curitiba a Assembleia da Federação Luterana Mundial - FLM, nós mulheres da IECLB ali presentes, não poderíamos imaginar a importância que este acontecimento teria em nossas vidas. A FLM desafiou as mulheres ali presentes, a se colocarem junto aos homens nas decisões do luteranismo em cargos decisivos em seus respectivos países. Então foi no RECANTO, espaço destinado às mulheres

²²⁵ KOCH, Ingelore Starke. Mulheres se organizam e falam entre si sobre temas tratados. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 01-24 mar. 1990, Nosso Espaço – Nossas Esperanças, p. 14.

²²⁶ MULHERES aumentam sua representação no CD. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 21 out.-10 nov. 1990, Concílio Geral, p. 5.

²²⁷ KOCH, 2010, p. 73.

da IECLB, que despertamos para um novo olhar de atividades junto a nossos grupos²²⁸.

3.4 As primeiras reuniões

Findada a Assembleia, um grupo de mulheres decidiu realizar um encontro com as diversas organizações de mulheres existentes na IECLB. Lilian Lengler enviou correspondência e convidou para um encontro, nos dias 26 e 27 de maio, na Casa Matriz de São Leopoldo, mulheres dispostas a refletir sobre a mulher na IECLB; as organizações ou grupos e sua integração; anseios e lutas comuns e sua articulação, etc.²²⁹.

Nove mulheres participaram deste encontro: Lilian Fleck Lengler, Isclair Radtke, Norma Krumreich²³⁰, Ruth Leonora Winkler Musskopf, Ruth Thereza Baade, Vera Leane Roth, Ir. Ruthild Brakemeier, Ir. Arleti G. Mattner e Ir. Hildegart Hertel²³¹. Todas elas fortemente comprometidas com os trabalhos relacionados às mulheres luteranas: mulheres da IECLB, OASE, Irmandade Evangélica, estudante de Teologia, Mulheres Agricultoras, etc.

O propósito deste encontro reflete o compromisso assumido por Lilian Lengler, representante da IECLB na FLM, eleita na assembleia realizada em Curitiba: “[...] batalhar por uma maior integração das mulheres e das igrejas como

²²⁸ 25 ANOS do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana. *Portal Luteranos*, 24 mai. 2015. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/forum-de-reflexao-da-mulher-luterana/25-anos-do-forum-de-reflexao-da-mulher-luterana>. Acesso em: 25 out. 2017.

²²⁹ ROTH; SCHERER, 2010, p. 19.

²³⁰ A mulher agricultora é Norma Krumreich, ligada ao programa do CAPA (Centro de Apoio e Promoção à Agroecologia), uma das primeiras agricultoras atendidas pela organização que teve seus inícios pelo ano de 1978. WACHHOLZ, Rocheli. *Aniversário de 35 anos do CAPA tem duas comemorações na zona Sul do RS*. Disponível em: <<http://www.fld.com.br/blog/aniversario-de-35-anos-do-capa-tem-duas-comemoraco/>>. Acesso em: 25 out. 2017. “O CAPA é um serviço da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) que, como igreja de Cristo, tem o compromisso de não se conformar com injustiças sociais e a agressão à Natureza. O CAPA foi colocado à disposição das agricultoras e dos agricultores familiares para, em conjunto, e com base nos princípios da agroecologia e da cooperação, desenvolver experiências de produção, beneficiamento, industrialização e comercialização, de formação e capacitação, de saúde comunitária, que sirvam de sinais de que o meio rural pode ser um espaço de vida saudável e de realização econômica para todas e todos.” CAPA – Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia. *Missão*. Disponível em: <<http://www.capa.org.br/page/missao/>>. Acesso em: 25 out. 2017.

²³¹ ROTH; SCHERER, 2010, p. 18.

um todo na América Latina.”²³² Um dos primeiros passos seria se empenhar na realização de seminários e encontros em nível de América Latina.

Então temos Lilian Lengler, integrante do Conselho Diretor da IECLB e membro do Conselho da FLM, e Vera Roth, Coordenadora da Comissão Nacional da Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres e, ainda naquele ano, também eleita suplente para o Conselho Diretor²³³. A Casa Matriz de Diaconisas, na pessoa da sua diretora na época, a Ir. Ruthild Brakemeier, foi importante por ter disponibilizado e favorecido os encontros entre as mulheres e, posteriormente, a proximidade com a Faculdade de Teologia, suas estudantes, o Grupo de Mulheres e a futura Cátedra de Teologia Feminista possibilitaram vários encontros.

Do primeiro encontro, em maio de 1990, resultou uma carta enviada aos membros do Conselho Diretor da IECLB e Secretaria Geral. O teor informa do encontro, das motivações a partir da Assembleia da FLM. As conclusões que o grupo teve a partir das reflexões sobre a atuação de mulheres na IECLB foram:

a) Temos necessidade de uma maior integração entre os setores e organizações de mulheres. b) Sentimos a falta de informações e trocas de experiências entre as diversas iniciativas. c) Precisamos de assessoria e maior articulação para vencer dificuldades. d) É necessário formar lideranças de mulheres, capacitando-as para a participação em todos os níveis²³⁴.

Na sequência, aquelas mulheres reunidas enviaram também correspondência para a Presidenta Nacional da OASE, Presidentes Regionais, mulheres do Conselho Diretor, às candidatas mulheres ao Conselho Diretor, às representantes da Comunhão de Obreiros Diaconais, da Casa Matriz de Diaconisas, das Catequistas, das Pastoras, da Pastoral Popular Luterana, do Trabalho da Mulher no Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor. Nesta carta, resumem a motivação e a reflexão realizada no encontro de maio e convidam para um próximo encontro em setembro daquele ano²³⁵.

O segundo encontro deste grupo de “lideranças femininas” da IECLB aconteceu em setembro de 1990, na Casa Matriz, com a presença de dezesseis mulheres, entre representantes da OASE, ministras, estudantes de teologia,

²³² DELEGADA da IECLB avalia o encontro. 8ª Assembleia da FLM. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 08-21 abr. 1990, Nosso Espaço – Nossas Esperanças, p. 14.

²³³ MULHERES aumentam sua representação no CD, 1990, p. 8.

²³⁴ ROTH; SCHERER, 2010, p. 20.

²³⁵ ROTH; SCHERER, 2010, p. 9.

diaconisas, jornalista, etc.²³⁶ Nesta ocasião, por demanda do Conselho Diretor que questionou a liderança e objetivos do grupo, refletiu-se sobre os mesmos.

No intuito de capacitar e encorajar as mulheres a participarem de eventos internacionais pela IECLB, propunha um curso de inglês a partir de projeto a ser submetido à FLM, pois havia verba disponível que poderia ser utilizada pelas mulheres da América Latina para seu trabalho²³⁷.

Garantir a participação das mulheres em todas as instâncias decisórias da IECLB foi outro assunto bastante debatido e foi decidido encaminhar uma moção ao Concilio Geral, solicitando que aprovasse e se empenhasse no cumprimento dos 40% de representatividade das mulheres em instâncias eletivas e administrativas, de acordo com o que já era sugerido pelo CMI e pela FLM²³⁸.

É neste encontro que aparece, pelo Fórum, a sugestão da criação de uma Secretaria da Mulher, cujos objetivos seriam:

- a) Integrar mulheres profissionais, dando-lhes um espaço na IECLB;
- b) congregar vários setores de trabalho e organizações de mulheres da IECLB;
- c) motivar a participação da mulher em todas as instancias;
- d) favorecer a troca de ideias, fortalecimento e o adquirir segurança – grupo-apoio;
- e) espaço para discussão, análise e ação em prol da causa e espaço da mulher na IECLB e na sociedade²³⁹.

Havia a percepção da necessidade de um trabalho que atingisse um número maior de mulheres junto com o trabalho da OASE. Neste encontro o grupo indicou Lilian Lengler para ser a representante e pessoa de contato com o Conselho Diretor, FLM e outros. Novo encontro foi marcado para junho de 1991²⁴⁰.

Oito foram as participantes da reunião de junho e o baixo número levantou a necessidade de um “fórum” que congrega todos os segmentos de atuação da mulher na IECLB, já que ninguém é “dono” do encontro²⁴¹. Falava-se da necessidade de que “alguém ou um órgão que assuma e leve toda essa preocupação adiante.”²⁴² Na ata deste encontro se reafirma que este grupo tem como objeto de preocupação o papel e a função das mulheres dentro da IECLB e que a “[...] reflexão vai no sentido

²³⁶ ROTH; SCHERER, 2010, p. 22.

²³⁷ ROTH; SCHERER, 2010, p. 23.

²³⁸ ROTH; SCHERER, 2010, p. 23

²³⁹ ROTH; SCHERER, 2010, p. 23-24.

²⁴⁰ ROTH; SCHERER, 2010, p. 24.

²⁴¹ ROTH; SCHERER, 2010, p. 24.

²⁴² ROTH; SCHERER, 2010, p. 26.

da necessidade de termos uma Secretária da Mulher na IECLB, para auxiliar nos assuntos que preocupam os mais diversos segmentos da comunidade.”²⁴³

Por ocasião deste encontro, estava acontecendo a polêmica sobre as afirmações da teóloga feminista alemã, Dorothee Sölle, que participou de seminários e palestras durante o mês de março de 1991. Suas colocações geraram polêmicas que foram muito debatidas nas páginas do *Jornal Evangélico* por vários meses. É também neste período que a cadeira de Teologia Feminista, resultado da atuação do Grupo de Mulheres da Faculdade de Teologia “[...] que organizou e realizou seminários tratando do tema da Teologia Feminista de 1985-1990.”²⁴⁴

É neste contexto que o terceiro encontro de mulheres líderes da IECLB procura entender e buscar esclarecimento sobre a Teologia Feminista e, para tal, chamam a Prof^a. Dr^a Wanda Deifelt, titular da cadeira de Teologia Feminista, a integrar o encontro. Lilian Lengler coloca a barreira que percebe dentro da OASE quanto ao termo “feminista”. Wanda destaca a importância deste desafio e de ter subsídios para o mesmo e, ter assim, condições de envolver outros movimentos dentro da IECLB²⁴⁵. Também falou dos objetivos da Teologia Feminista e “da necessidade de, como mulher, estar atenta às necessidades, apoiar e capacitar mulheres para estarem representadas com mais segurança nas atividades da igreja.”²⁴⁶

Para a maioria das mulheres e de líderes de mulheres, identificar-se como feminista estava fora de cogitação. Mesmo que no fundo a reflexão fosse feminista, como afirmou Suely Munck Kappel ao comentar sobre o nono²⁴⁷ objetivo da OASE: “Não queremos ser feminista, nem contra os maridos, acho que podemos levar as mulheres a se libertarem da tarefa de ‘rainha do lar’ para uma ação evangélica dentro deste nosso mundo.”²⁴⁸

²⁴³ ROTH; SCHERER, 2010, p. 24.

²⁴⁴ MUSSKOPF, 2014, p. 30.

²⁴⁵ ROTH; SCHERER, 2010, p. 26.

²⁴⁶ LIDERANÇAS femininas realizam 3º encontro. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 28 jul.-17 ago. 1991, *Nosso Espaço – Nossas Esperanças*, p. 17.

²⁴⁷ “Oferecer à mulher condições para perceber a realidade que a cerca e incentiva-la para uma ação responsável no presente, visando, também, as novas gerações.” Cfe. ORDEM AUXILIADORA DE SENHORAS EVANGÉLICAS. *OASE – Por quê? Como? Para quê?*. Guia de Comunhão – Testemunho – Serviço. 4 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2012, p. 6.

²⁴⁸ KAPPEL, Suely Munck. De “rainha do lar” para ação no mundo. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 16 jun.-06 jul. 1991, *Nosso Espaço – Nossas Esperanças*, p. 13.

3.5 Por uma secretaria da mulher

Num artigo com o título “Quem não se modifica – se trumbica!”, a psicóloga Dorothea E. Wulfhorst aponta a rapidez das mudanças socioculturais, econômicas e religiosas que exigem “passos de gigante” para as mulheres que, “[...] além disso ainda está a mil [passos] para recuperar o atraso de milênios de dominação e repressão.”²⁴⁹

Dorothea afirma o quanto as mulheres ainda estão atadas a antigos modelos de submissão e silenciamento e apresenta o quanto Jesus valorizou e ampliou o espaço de ação das mulheres²⁵⁰. O artigo tem por finalidade fazer um levantamento e avaliar a caminhada das mulheres dentro da OASE, mas também apresenta sugestões de trabalho muito semelhantes ao que se estava discutindo nos encontros de lideranças de mulheres que estavam ocorrendo na Casa Matriz. Sugere repensar a forma de trabalho, principalmente visando mulheres mais jovens. Igualmente fala da importância das mulheres poderem desenvolver suas capacidades e interesses que deixaram para trás. Sugere, inclusive, que a OASE ofereça um curso de inglês.

Dorothea realmente propunha expandir o leque de ofertas, criando espaços de diálogo e de convívio e, de sugestão em sugestão, chega à proposta de:

[...] uma SECRETARIA DA MULHER, que reunisse todos seus segmentos (obreiras, OASE, diaconisas, mulheres de barragens, do CAPA, etc.). Poderíamos sonhar mais alto e dar passos mais acertados e maiores, ganharíamos mais força de expressão e de reivindicação no nosso contexto brasileiro, poderíamos expressar mais clara e firmemente nossas aspirações²⁵¹.

E ainda arremata: “Certamente uma tal secretaria também deveria ter uma abertura ecumênica forte.”²⁵² Chega a questionar a sigla OASE, onde aponta o caráter antiquado e arcaico dos termos “Ordem” “Auxiliadora”, que frisa o aspecto assistencial em detrimento do aspecto do crescimento pessoal, renovação e mudança. “Senhoras” como parecendo “damas” em vez de mulheres que “[...] vão à luta.”²⁵³ Sabe-se que o assunto de uma Secretaria da Mulher já tinha sido discutido

²⁴⁹ WULFHORST, Dorothea E. Quem não se modifica – se trumbica!. In: *Roteiro da OASE 1993*. Permanecem a Fé, a Esperança e o Amor. São Leopoldo: Sinodal, 1992, p. 30.

²⁵⁰ WULFHORST, 1992, p. 30.

²⁵¹ WULFHORST, 1992, p. 32.

²⁵² WULFHORST, 1992, p. 32.

²⁵³ WULFHORST, 1992, p. 33.

no Seminário Nacional para Diretorias Regionais da OASE, em Panambi, em 1992²⁵⁴.

Outra defensora da Secretaria da Mulher foi a Ir. Ruthild Brakemeier, que escreveu artigo publicado no Roteiro de Trabalho da OASE de 1994 com o seguinte título: “Precisamos de uma Secretaria da Mulher?”. Ela argumenta que o tempo da uniformidade passou e que há diversos trabalhos realizados por mulheres na IECLB. Pensando nas mulheres no mercado de trabalho, “as catequistas, pastoras, diaconisas e diáconas constituem grupos de mulheres com identificação própria, ainda que sua identificação primeira seja a de ‘mulheres ativas da IECLB’ tal qual as mulheres da OASE.”²⁵⁵ Ir. Ruthild lembra que havia muitos outros grupos de mulheres na IECLB com muitas possibilidades de engajamento.

Conhecemos outros grupos de mulheres? Mulheres agricultoras; mulheres do CAPA (Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor); mulheres solteiras; mulheres voluntárias para determinadas tarefas; mulheres profissionais, que se identificam com a causa do evangelho, mas não têm condições de participar de um grupo de OASE, ou de outro grupo; mulheres da Pastoral Popular Luterana (PPL); estudantes²⁵⁶.

Assim como Dorothea Wulfhorst, Ir. Ruthild Brakemeier pergunta pela Secretaria da Mulher: “Seria importante haver um órgão que ligasse entre si todas as mulheres na IECLB?”²⁵⁷ Ao final das considerações, diz:

* A Secretaria da Mulher não será uma organização ao lado da OASE, quem sabe com intenções de competir com ela, e sim, sua *extensão* até o lugar onde também se reflete e se vive Igreja, mas as mulheres até agora não têm acesso direto. * A Secretaria da Mulher quer *facilitar a comunicação* entre as mulheres na IECLB, assim como também quer facilitar a comunicação dos órgãos diretivos da Igreja com as mulheres e vice-versa. * A Secretaria da Mulher pretende estar *a serviço da unidade* em meio à diversidade de dons, tarefas e funções. Pretende estar a serviço da vida²⁵⁸.

Em junho de 1994 foi realizada reunião de comissão “[...] para dar continuidade à reflexão sobre a viabilidade e necessidade da criação, ou não, de uma Secretaria da Mulher na IECLB.”²⁵⁹ Esta comissão foi organizada por ocasião

²⁵⁴ BAESKE, 1999, p. 64.

²⁵⁵ BRAKEMEIER, Ruthild. Precisamos de uma Secretaria da Mulher? In: *Roteiro de Trabalho da OASE 1995*. Eu sou... Jesus se apresenta. São Leopoldo: Sinodal, 1994, p. 19-20.

²⁵⁶ BRAKEMEIER, 1994, p. 20.

²⁵⁷ BRAKEMEIER, 1994, p. 20.

²⁵⁸ BRAKEMEIER, 1994, p. 20.

²⁵⁹ O OBJETIVO é estar a serviço da unidade. Secretaria da Mulher. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 01-15 jun. 1994, Nosso Espaço – Nossas Esperanças, p. 9.

da reunião anual do Conselho Nacional da OASE, realizada em março daquele ano para debater o assunto, e Ir. Ruthild Brakemeier foi indicada para convocá-la. Nesta reunião do CNO foi eleita Gudrun Braun nova presidente, sucedendo Irmgart Lautert²⁶⁰. O restante daquele ano foi dedicado à discussão sobre a Secretaria da Mulher²⁶¹.

Na reunião de outubro de 1994, constatou-se “[...] que uma Secretaria da Mulher não teria aceitação, neste momento, por parte de todas as mulheres da IECLB.”²⁶²

Mas também foi constatado também que todas querem ser membros responsáveis da Igreja, têm aspirações e necessidades que poderiam ser compartilhadas. Por isso a decisão de criar o Fórum, explicou, ainda em novembro, a comissão de coordenação, formada pro Marianne Korndoerfer, Neusa Nunes Götz e Ir. Ruthild Brakemeier²⁶³.

Na tese de doutorado de Gabriele dos Anjos sobre a participação de mulheres em organizações religiosas no Rio Grande do Sul, a autora afirma que “em algum momento da discussão da implantação dessa secretaria, da qual participaram também outras obreiras da IECLB, a OASE abandonou esse espaço.”²⁶⁴ De acordo com depoimento de uma doutoranda em Teologia, “o Fórum surgiu porque a secretaria da mulher nunca teve êxito porque a OASE não queria.”²⁶⁵ É possível perceber que havia tensão entre modos distintos de ação, chegando a uma polarização, onde dois lados tiveram contato com formas distintas de protagonizar sua ação e reflexão no espaço dos grupos e organizações de mulheres e na igreja em si.

²⁶⁰ KOCH, Ingelore Starke. OASE elege novo Conselho Nacional. Mulheres. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 16-30 abr. 1994, Nosso Espaço – Nossas Esperanças, p. 9.

²⁶¹ Conforme registrado no “Livro Rosa”, que mantém o registro de presença das participantes do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana desde sua abertura em 26 de maio de 1990, pela Ir. Hildegart Hertel. Este livro ainda está ativo e fica sob os cuidados da Secretária da Coordenação do Fórum, atualmente Miriam Buss, de Porto Alegre.

²⁶² LUTERANAS criam fórum de reflexão. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 01-31 jan. 1995, Nosso Espaço – Nossas Esperanças, p. 9. De acordo com o Livro Rosa estavam presentes 17 pessoas: Marianne Korndoerfer, Ir. Ruthild Brakemeier (coordenação); Dornalli Purper (PPL); P. Rui Bernhard (Secretário de Missão); Ruth Harbes (ESBD); Pa. Lori Altmann; Erica Beulke (GPC); Wally Dummer; Lory Hoernig; Lisane Z. Bublitz (RE V); Leila Schwingel (COD); Neusa N. Götz; Inês M. Emke (RE VII); Gudrun Braun (CNO); Ir. Hildegart Hertel (Casa Matriz de Diaconisas); Karen Bergesh (estudante EST); Mara Parlow (PPL).

²⁶³ LUTERANAS criam fórum de reflexão, 1995, p. 9.

²⁶⁴ ANJOS, Gabriele dos. *Mulheres todas santas: participação de mulheres em organizações religiosas e definições de condição feminina em igrejas cristãs do Rio Grande do Sul*. [Tese de Doutorado]. Porto Alegre: FEE, 2009, p. 344. Disponível em: <http://cdn.fee.tche.br/teses/teses_fee_11.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2014.

²⁶⁵ ANJOS, 2009, p. 344.

Com as rápidas mudanças sociais dos anos 1980 em diante, muitas mulheres líderes e participantes das OASE têm dificuldades em acompanhar os questionamentos e anseios de novas gerações de mulheres, muitas em atividade profissional, independentes e autônomas. Sybila Baeske percebe estas mudanças:

Entre as mulheres ativas na IECLB dos anos 90 não existem só as diaconisas e as integrantes da OASE, parceiras desde o início de sua história. Em número crescente, há pastoras, catequistas e diáconas, que refletem sobre seu papel específico como elemento feminino na Igreja. As próprias diaconisas procuram outra forma de viver o seu ministério. Entre as evangélicas luteranas que entraram para o mercado de trabalho, no campo e na cidade, igualmente há interesse por um espaço de atuação eclesial²⁶⁶.

Nos vários segmentos de mulheres dentro da IECLB se percebia a necessidade de que as várias frentes de trabalho tivessem alguma forma de reunião, para em conjunto, “[...] dar mais representatividade às mulheres.”²⁶⁷ Porém, naquela reunião de outubro de 1994, a Secretaria da Mulher, com o apoio da OASE, não mais avançou, e nasceu, então, o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana.

3.6. Alguns nós nas relações

Há claramente uma ruptura de propósitos, embora, segundo a comissão do Fórum, “poderão participar todas as mulheres que o quiserem, seja da OASE, ou de outros segmentos de trabalho ou também de nenhum segmento específico. Entendemos que as várias opções de trabalho e comunhão na Igreja não devem nos separar.”²⁶⁸ Na perspectiva de continuar refletindo sobre as oportunidades de colocar sinais do Reino de Deus, a comissão propôs um encontro para o dia 7 de abril de 1995, convidando todas as interessadas e, também, via nota no *Jornal Evangélico*²⁶⁹.

Nesse meio tempo as ações da Década Ecumênica também se desenrolavam, sob a coordenação de Vera Roth, além das demandas da Federação Luterana Mundial através de Lilian Lengler. Igualmente a Teologia Feminista, através das estudantes e ministras, bem como os questionamentos advindos das mulheres inseridas no mercado de trabalho, como profissionais nas mais diversas

²⁶⁶ BAESKE, 1999, p. 63-64.

²⁶⁷ BAESKE, 1999, p. 64.

²⁶⁸ LUTERANAS criam fórum de reflexão, 1995, p. 9.

²⁶⁹ IECLB realiza Fórum da Mulher. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 01-15 abr. 1995, Nosso Espaço – Nossas Esperanças, p. 9.

áreas traziam uma especificidade, bem como os recortes geográficos entre mulheres luteranas das cidades e do campo.

Gabriele dos Anjos afirma a ambiguidade do Fórum sobre ser uma instância de representação das mulheres luteranas ou espaço que promoveria o “[...] crescimento da mulher”²⁷⁰, embora para Lilian Lengler:

A intenção sempre foi possibilitar que todas as mulheres tivessem lugar e espaço para alimentar sua fé, compartilhar conhecimentos e ter comunhão na nossa igreja. Não só para mulheres da OASE, mas também para as mulheres profissionais e demais grupos que estavam se organizando nas Comunidades pelo país²⁷¹.

De qualquer forma, o que determinou os novos rumos do Fórum foi a decisão tomada pelo Conselho Nacional da OASE, reunido na Chapada dos Guimarães, em março de 1995:

Após ser explanado e discutido amplamente os relatórios sobre o parecer de cada Região, chegou-se à conclusão que nós, como Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas – OASE, deveríamos nos posicionar definitivamente sobre o assunto. Concluiu-se que a OASE não se opõe à criação do ‘Fórum de Reflexão da Mulher Luterana’, mas não fará parte do mesmo; continuaremos no trabalho da OASE, seguindo seus objetivos: ‘Comunhão, Testemunho e Serviço’²⁷².

Esta carta e a decisão nela contida foi muito dolorosa para aquelas mulheres líderes que desejavam “[...] continuar refletindo sua realidade, sem nunca pensar em abrir mão da sua igreja, da sua fé.”²⁷³ Muitas eram também participantes e lideranças de grupos de OASE, e sentiram o impacto da retirada de apoio na caminhada conjunta até então. Gabriele dos Anjos afirma que “o antigo conflito entre pastoras feministas e senhoras líderes da OASE teve seu lugar no Fórum e mesmo na criação deste.”²⁷⁴

As relações com o feminismo são múltiplas e nuançadas. Trata-se, para algumas, da recusa do mesmo, como no caso das lideranças da OASE ou das pastorais católicas, do distanciamento, como no caso das mulheres leigas que participam do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana [...] É entre as pastoras e/ou teólogas luteranas que se encontra o feminismo como recusa de uma natureza feminina e como busca de igualdade com os

²⁷⁰ ANJOS, 2009, p. 346.

²⁷¹ LENGELER, 2016.

²⁷² ROTH; SCHERER, 2010, p. 27.

²⁷³ ROTH; SCHERER, 2010, p. 31.

²⁷⁴ ANJOS, 2009, p. 344

homens, o que está relacionado com seu investimento profissional na Igreja e quase nunca implica na recusa de uma vida familiar ou a maternidade²⁷⁵.

No entender da pesquisadora, o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana é resultado da sua oposição à OASE, da polarização entre mulheres que são da OASE e as mulheres que estão no mercado de trabalho, entre senhoras com pouca escolarização e mulheres com curso superior. Entre o trabalho abnegado de quem “fala e faz” e que “[...] tem como fonte de legitimidade o trabalho voluntário e desinteressado, que não onera, mas financia a Igreja, em oposição ao Fórum”²⁷⁶; que propunha “[...] mais uma estrutura para onerar a Igreja”²⁷⁷, referindo-se à criação da Secretaria da Mulher e a auxílios financeiros para realização de seminários e palestras.

Desta forma, apesar da decisão da OASE de não fazer parte do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, este continuou “sonhando” com o propósito de “[...] promover maior integração entre os diversos grupos ativos de mulheres, como OASE, mulheres da Pastoral Popular Luterana, obreiras diaconais, catequistas e pastoras, entre outros.”²⁷⁸

Da ideia inicial de congregar mulheres representantes dos grupos e movimentos de mulheres na IECLB, o “[...] Fórum de abril²⁷⁹ [1995] foi o primeiro a reunir mulheres que atenderam ao ‘convite aberto’ como ‘representantes de si mesmas’, independente de integrarem algum grupo ou não.”²⁸⁰ Mas a afirmação que surpreende é a de Anna Lange, quando diz: “O Fórum, na realidade, está exercendo o papel de uma Secretaria da Mulher”, junto com Seny Tesche, que vê “[...] a necessidade de queimar etapas. Já dormimos tempo demais em berço esplêndido.”²⁸¹ Certamente são reações à carta da OASE que, lida neste encontro, informava que não se opunham a formação do Fórum, mas que não iriam fazer parte do mesmo²⁸². Reações frente à falta de perspectiva futura de caminhada conjunta.

Frente a esta realidade, o Fórum manifestou então seus “sonhos”, como “[...] poder participar de questões que ‘devem merecer da IECLB uma séria atenção e

²⁷⁵ ANJOS, 2009, p. 362

²⁷⁶ ANJOS, 2009, p. 352.

²⁷⁷ ANJOS, 2009, p. 352.

²⁷⁸ KOCH, Ingelore Starke. “Sonho” de participação decidida. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 16-21 mai. 1995, Nosso Espaço – Nossas Esperanças, p. 9.

²⁷⁹ Neste encontro estiveram presentes 24 mulheres, cfe. presenças registradas no Livro Rosa.

²⁸⁰ KOCH, 1995, p. 9.

²⁸¹ KOCH, 1995, p. 9.

²⁸² ROTH; SCHERER, 2010, p. 27.

uma participação decidida' como a violência contra a mulher, a luta pelo pacifismo e pela abolição do sistema militar."²⁸³ Ficaram definidos quatro pontos como tarefas do Fórum: "a formação da mulher; sua participação nas funções sociais (como integrantes de Conselhos Tutelares e atividades políticas, por exemplo); a questão do gênero (sexualidade) e o 'lobby' para a nova Constituição da Igreja."²⁸⁴ Neste encontro, os debates indicaram a necessidade de regionalizar o Fórum e privilegiar assuntos como mulher, cidadania e autoestima. Uma nova coordenação foi escolhida e composta por: Marlene Kircheim, Vera Roth e Seny D. Tesche.

Em 11 e 12 de agosto de 1995²⁸⁵ foi realizado então o I Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, em Porto Alegre/RS. Além da coordenação já citada, foi convidada especialmente Lilian Lengler, "[...] que muito lutou para a junção dos segmentos femininos da IECLB."²⁸⁶ O fórum foi assessorado pela Pa. Rita Panke, Ir. Hildegart Hertel, Dorothea Wulfhorst, Hannelore Weber, Cristina Kircheim e Herta Costa Scherer. O tema foi "Cidadania e Autoestima"²⁸⁷. Da mensagem final destaca-se que "foi consenso de que o Fórum não é um grupo de trabalho de mulheres, mas é um espaço de debate que quer congrega diversos grupos de mulheres."²⁸⁸ Sibyla Baeske descreve que:

O Fórum de Reflexão da Mulher Luterana é um espaço aberto a quem deseja participar. Serve para troca de informações, articulações e capacitação, ajudando as mulheres a enfrentar a discriminação em casa, na Igreja, na sociedade e a desenvolver uma autoestima sadia²⁸⁹.

O II Fórum de Reflexão da Mulher Luterana foi realizado em Curitiba, em setembro de 1996. Seu tema era: "O que significa ser mulher luterana hoje?" Os enfoques eram: mulher e fonte de geração de renda; mulher luterana e a política; o papel da mulher na família; saúde da mulher. Neste encontro foram assessoradas

²⁸³ KOCH, 1995, p. 9.

²⁸⁴ KOCH, 1995, p. 9.

²⁸⁵ ROTH; SCHERER, 2010, p. 32.

²⁸⁶ ROTH; SCHERER, 2010, p. 32.

²⁸⁷ Ivone Gebara lembra que nos anos 1990 era muito utilizada a expressão autoestima. Para alguns setores ela foi demonizada, pois se considerava uma forma de "[...] alienação política das mulheres na linha da autoajuda." Entretanto, muitos grupos de mulheres cresceram em consciência justamente "[...] a partir da valorização da sua pessoa e do reconhecimento de seu potencial transformador." GEBARA, 2017a, p. 53-54.

²⁸⁸ ROTH; SCHERER, 2010, p. 33.

²⁸⁹ BAESKE, Sibyla. Cidadania requer responsabilidade. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 16-30 set. 1995, Nosso Espaço – Nossas Esperanças, p. 6.

por Wanda Deifelt, que foi a palestrante principal²⁹⁰, Elizabeth Schwarz Wippel, Isabel Mendes Kugler, Dagmar S. Triska, Ana Cristina Kirchheim e Herta Costa Scherer²⁹¹. Pelos anos seguintes o Fórum continuou almejando uma Secretaria da Mulher, conforme um boletim publicado pelo Fórum, em 1997²⁹².

Após a realização do Primeiro Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, houve uma maior organização e avanço no papel das mulheres. Todas as propostas discutidas nestes fóruns canalizam para o objetivo de encorajar, desafiar mulheres para assumirem efetivamente o seu lugar na igreja e na sociedade. Nesse sentido ficou evidente que a capacitação e formação de liderança feminina são fundamentais. É necessária a criação de uma estrutura, de uma coordenação a nível nacional, que viabilize a participação e a congregação de todos os segmentos femininos da IECLB²⁹³.

Ainda em 1997, a Presidência da Igreja se reuniu com lideranças do Fórum, da OASE e outros segmentos femininos em busca de um consenso na perspectiva da reestruturação da Igreja. “Todos os grupos salientaram a necessidade da IECLB de fato dar espaço às mulheres e motivá-las a participar dos grêmios decisórios.”²⁹⁴

O quarto fórum, realizado em Campinas, reafirmou o caráter de espaço aberto para que se reúnam mulheres de todos os segmentos da IECLB, representando, algumas vezes, o único elo entre diferentes grupos e organizações de mulheres da Igreja. Neste fórum foi aprovada uma moção solicitando ao XXI Concílio Geral da IECLB que a Igreja viabilizasse a criação²⁹⁵ de um “[...] Departamento da Mulher em âmbito nacional, auxiliando a articulação política das mulheres da IECLB.”²⁹⁶

De acordo com Ivone Gebara, “a consciência crítica está vinculada a uma experiência de que algo não está bem ou algo não está funcionando como deveria ou de que a continuidade de uma situação de opressão está no limite do suportável.”²⁹⁷ Nesse sentido, os anos 1980 e 1990 foram muito ricos no despertar de consciência crítica para as mulheres luteranas, a percepção de que não havia

²⁹⁰ KOCH, Ingelore Starke. Evento quer ser espaço para o diálogo. 2º Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, *Jornal Evangélico*, 01-15 nov. 1996b, Nosso Espaço – Nossas Esperanças, p. 9.

²⁹¹ ROTH; SCHERER, 2010, p. 33-34.

²⁹² KOCH, Ingelore Starke. 3º Fórum pede a criação da Secretaria da Mulher na IECLB. Mulher Luterana, *Jornal Evangélico*, 01-15 nov. 1997a, Nosso Espaço – Nossas Esperanças, p. 13.

²⁹³ ROTH; SCHERER, 2010, p. 33.

²⁹⁴ KOCH, Ingelore Starke. Presidência reúne lideranças femininas. *Jornal Evangélico*, 01-15 jun. 1997b, Nosso Espaço – Nossas Esperanças, p. 13.

²⁹⁵ Decorrerá ainda uma década até a efetivação da Coordenação de Gênero, Geração e Etnias em 2008, criada em 2005, subordinada à Secretaria de Ação Comunitária.

²⁹⁶ O FÓRUM continua. Conclusões. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, suplemento de nov. 1998, Fórum da Mulher Luterana, [s.p.].

²⁹⁷ GEBARA, 2017a, p. 16.

uma unidade em torno de uma só sigla ou uma só organização, mas sim, uma diversidade de mulheres, com experiências diferentes e igualmente válidas e importantes.

Entretanto, isso não foi e, continua não sendo, suficiente. Faz-se necessário forças, internas e externas, estratégias e táticas, capacitação e educação para se pensar e se fazer mudanças no modo como se vive a igreja como mulheres. Perceber que “as mulheres continuam sendo as maiores colaboradoras para a manutenção das instituições de poder patriarcal, acreditando ser este o caminho que mais corresponde à vontade dos senhores representantes do Senhor Deus.”²⁹⁸

É possível que esta tenha sido uma das maiores dificuldades em se concretizar um Fórum de Mulheres Luteranas. Não perceber o quanto se colabora para que as coisas permaneçam como sempre foram, com o espaço destinado às mulheres de acordo com o que o poder patriarcal mesmo define. Quando a OASE se retira do Fórum ela demonstra sua força e seu poder, legitimado na antiguidade e no número de mulheres que representa. Desta forma, reproduz a submissão a uma identidade que não permite grandes mudanças, num tempo em que estas estão ocorrendo muito rapidamente. A OASE, na sua organização desde a base comunitária até a instância nacional máxima, permite às suas associadas uma clara e objetiva possibilidade de ascensão. Conforme Sisi Blind, para as mulheres, “o lugar onde se pratica o poder é o lugar onde a cultura as colocou”²⁹⁹, ao analisar como as mulheres da OASE exercem suas possibilidades de poder no interior da vida comunitária.

A ideia de um Fórum modifica esta visão e amplia as possibilidades de poder e articulação com outras mulheres, grupos e segmentos dentro da IECLB. Certamente a novidade pareceu ameaçadora e gerou a seguinte solicitação ao Concílio Geral da Igreja de 1998, de que a OASE “[...] seja nominalmente mencionada no regimento interno, entre os convidados do pastor presidente, com direito a voto, nos concílios gerais da Igreja. O mesmo foi solicitado aos conselhos e assembleias sinodais.”³⁰⁰ O Concílio de Rodeio 12 aprovou a solicitação. Na prática, significa que as mulheres que não fazem parte de alguma OASE não estão

²⁹⁸ GEBARA, 2017a, p. 17.

²⁹⁹ BLIND, Sisi; BOBSIN, Oneide. *Ecos de uma história silenciosa: grupos de OASE da IECLB*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2009, p. 80. Disponível em: <http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=139>. Acesso em: 14 set. 2015.

³⁰⁰ BAESKE, 1999, p. 65.

representadas como mulheres. Portanto, dizer que a OASE representa as mulheres da IECLB é dizer que ela representa em quantidade, mas não em diversidade.

De qualquer forma, o Fórum continuou insistindo em encontrar, reunir e refletir as questões que atingem as mulheres luteranas, tentando contemplar a diversidade e respeitando a caminhada de todas.

3.7 Resumo do capítulo

É fundamental compreender que o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana foi concebido como espaço de troca de saberes e experiências entre a diversidade de mulheres que fazem parte da IECLB. Que os anos 1980 e 1990 foram especialmente fecundos em novas possibilidades para as mulheres, e muitas se arriscaram além do espaço doméstico de suas casas e das comunidades.

Essas mulheres foram incentivadas pelo CMI a partir da Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres e também pela Federação Luterana Mundial, especialmente a partir da VIII Assembleia, realizada em Curitiba, em 1990. A presença de mulheres na Faculdade de Teologia, as primeiras pastoras e a concretização da Cátedra de Teologia Feminista refletiram nos questionamentos e demandas das mulheres. As ações diaconais na sociedade despertaram para realidades muitas vezes distantes ou ocultas, tanto fora como dentro da Igreja. Nos materiais de estudo e nos periódicos transparecem o desejo de representatividade e decisão.

Foi a VIII Assembleia da FLM que proporcionou às mulheres luteranas a percepção de sua diversidade e falta de articulação. No “Recanto” foi concebida a ideia de um fórum que representasse todas as mulheres da IECLB e, tais conversas foram se ampliando e acontecendo ao longo do tempo. O objetivo era integrar mulheres de diferentes grupos, bem como aquelas que não tinham grupo algum, favorecer a troca de experiências, adquirir experiência, fortalecer-se mutuamente e motivar a participação das mulheres em todas as instâncias da IECLB.

Aquelas mulheres entenderam que uma forma de se fazer isso seria reivindicando uma Secretaria da Mulher que congregasse e articulasse os vários setores de trabalho e organizações de mulheres na IECLB. Várias reuniões se sucederam até que, em certo momento, não houve consenso sobre a existência de

um departamento que abrigasse todas as mulheres e a OASE se retirou do grupo de lideranças de mulheres que discutiam o assunto. Sem alternativa, a partir daí, nasceu o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana que, além dos objetivos anteriormente colocados, procurou trabalhar inúmeras outras questões relacionadas às mulheres.

Desde 1995 são realizados fóruns nacionais, abertos a todas as interessadas, procurando compartilhar experiências e saberes na diversidade representada pelas mulheres que participam na IECLB.

CONCLUSÃO

Enfim, algumas acordaram de um longo sono e contaram umas às outras seus sonhos atrevidos e até desavergonhados. Algumas estavam com um pé fora da ordem estabelecida, outras quase o corpo todo...³⁰¹

O Fórum de Reflexão da Mulher Luterana é um movimento de mulheres surgido nos anos 1990, por ocasião da VIII Assembleia da Federação Luterana Mundial, em Curitiba. Seu principal objetivo foi articular e compartilhar a experiência das mulheres da IECLB a partir da percepção de sua diversidade.

Esta diversidade de mulheres é a primeira constatação quando afirmo que não existe a mulher luterana, e sim, as mulheres luteranas. Mulheres que experimentaram a emigração para um país completamente diferente de sua terra natal, em condições duríssimas, sem apoio, sem assistência, sem escolha e, muitas vezes, sem alternativa. Elas eram trazidas pelo patriarca da família ou pelo esposo, vinham acompanhando seus maridos pastores. Sem recursos médicos, mesmo assim, a vida não espera, e parteiras muitas se tornaram e outras foram trazidas. Como irmandade evangélica, mulheres atuaram no cuidado, na saúde e na educação de tantas pessoas.

Trabalhando no campo, como auxiliares ou como as principais responsáveis, ainda sem direitos, muitas vezes sem nome, meramente com o de seu esposo, as mulheres foram conquistando espaços. Isso ocorreu mesmo para as mulheres donas de casa, o reconhecimento do seu trabalho como digno e o direito de se reunir em comunidade, em espaço próprio para testemunhar, servir e comungar de sua amizade.

Nas cidades, o acesso à educação se fez antes, possibilitando novos campos de trabalho, profissões as mais diversas, abrindo cada vez mais o espaço público como legítimo para as mulheres também, e não somente para os homens, e ampliando as oportunidades de trabalho e desenvolvimento de capacidades.

À medida que a categoria gênero como instrumento de análise foi surgindo, nos anos 1990 em diante, algumas mulheres começaram a perceber as discriminações que sofriam por serem mulheres. Nesse sentido, o trabalho é um dos principais espaços onde a separação e a hierarquização por gênero se fazem

³⁰¹ GEBARA, Ivone. *Mulheres, religião e poder: ensaios feministas*. São Paulo: Terceira Via, 2017b, p. 15.

presentes. Na igreja não é diferente: ainda há uma clara divisão sexual de trabalho, no qual às mulheres são destinados os trabalhos de cuidado e manutenção do cotidiano e, aos homens, as funções de liderança e produção de conhecimento.

Entretanto, com a educação teológica ao alcance das mulheres, algumas mudanças começaram a ocorrer. Foram conquistados novos espaços e frentes ministeriais: estudantes, teólogas e ministras. Mulheres representando mulheres em instâncias cada vez mais superiores e cada vez mais em outras instituições às quais a IECLB está ligada, bem como organismos ecumênicos e internacionais.

Reafirmo que se faz necessário desconstruir a definição essencialista de mulher luterana, e o cuidado, principalmente quando se anuncia que determinado setor de trabalho representa as mulheres luteranas. Assim como expressão numérica importa, representatividade também e, nesta diversidade, está a riqueza e o potencial das mulheres luteranas.

O Fórum de Reflexão da Mulher Luterana quis ser, na sua concepção original, espaço de articulação e troca de experiências entre os diversos grupos, organizações e movimentos de mulheres dentro da IECLB. O Fórum nasceu na VIII Assembleia da Federação Luterana Mundial, em 1990, mas foi concebido muito antes. As páginas do Jornal Evangélico, Roteiros de Trabalho da OASE e outros veículos, testemunharam as inquietações e os murmúrios das mulheres luteranas de que as coisas tinham que ser diferentes. O Conselho Mundial de Igrejas, com o lançamento da Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres, e as recomendações da Federação Luterana Mundial, tiveram importante papel nestes questionamentos e reflexões que as lideranças de mulheres luteranas, nos mais diversos segmentos da IECLB, foram fazendo naqueles anos.

E muitas questões se apresentavam ao escrutínio e à revisão. Amparadas pela Teologia Feminista, através de estudantes, professoras, ministras pastoras, ministras catequistas e ministras diáconas, bem como irmãs diaconisas e esposas de ministros, novas formas de ler a realidade e uma nova hermenêutica bíblica foram introduzidas. A consciência crítica elaborada a partir das experiências das mulheres, que refletiam sobre seu cotidiano a partir de suas realidades como mulheres, descortinou um novo horizonte e significou reavaliar práticas e obediências e estabelecer novas relações.

A percepção do quanto estavam desarticuladas e o desejo de um instrumento que possibilitasse o fortalecimento mútuo voltou-se para a criação de

uma Secretaria da Mulher e, neste ponto, depois de alguns anos de reflexão e discussão entre aquelas líderes de mulheres, chegou-se a uma situação onde não conseguiram mais caminhar em conjunto e a OASE se retirou do Fórum. Ivone Gebara diz que “quando refletimos sobre nós mesmas, a primeira constatação que salta aos nossos olhos parece ser a diferença e não a igualdade, a diversidade e não a unidade.”³⁰² Naquele momento, o projeto comum não resistiu.

Fica uma nova pergunta sobre as referências teológicas que a OASE tinha naquele período que não conseguiram dar conta das relações com outros grupos e movimentos de mulheres. Por que a amizade não prevaleceu nem alianças foram tecidas na construção de cumplicidade e solidariedade entre as mulheres? Marcia Blasi afirma que “estabelecer vínculos sororais é vital para as mulheres. O sistema patriarcal conseguiu se manter e ser repassado para as gerações futuras pois ensinou as mulheres a não confiar em si mesmas e nem confiar umas nas outras.”³⁰³ Neste sentido, aponto o patriarcalismo como elemento que estimula e reforça o antagonismo entre as mulheres.

A partir desta situação pode-se dizer que se deu o batismo, quando se assume o nome “Fórum de Reflexão da Mulher Luterana”, para aquela reunião de mulheres luteranas que desejavam continuar lutando por uma Secretaria da Mulher, um órgão que reunisse e articulasse todas as mulheres da IECLB. A partir deste momento são convocados fóruns nacionais, tanto para as representações de grupos e movimentos, como para mulheres “representantes de si mesmas”.

Uma das primeiras contribuições do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana foi chamar a atenção para a diversidade de mulheres presentes na IECLB e que não era mais possível elencá-las num modelo único e rígido. Visibilizar as diferentes contribuições das mulheres nos mais diferentes espaços, bem como incentivar as mulheres a assumirem cada vez mais funções e cargos de liderança, não somente na igreja em particular, mas também na sociedade.

O Fórum contribuiu para a percepção da falta de articulação entre as mulheres da IECLB fora de seus grupos e, embora negativa, a constatação da dificuldade em construir cumplicidade em torno de um objetivo comum maior. Procurou trazer a reflexão sobre temas que iam além dos temas abordados

³⁰² GEBARA, 2017b, p. 146.

³⁰³ BLASI, Marcia. *Por uma vida sem vergonha: vulnerabilidade e graça no cotidiano das mulheres a partir da teologia feminista*. [Tese de Doutorado]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017, p. 129.

usualmente, como cidadania, autoestima, o papel da mulher luterana na família, na igreja e na sociedade. Proporcionou um espaço para tratar de temas incômodos, como a discriminação e a violência contra as mulheres, quando pouco se abordava estes assuntos na Igreja.

O Fórum de Reflexão da Mulher Luterana evidenciou a necessidade de adequação por parte dos grupos às novas realidades das mulheres luteranas que estão no mercado formal de trabalho e que buscam alternativas de encontros e reuniões. As mulheres puderam ousar querer refletir e pensar de forma autônoma sobre assuntos e questionamentos das mulheres. Ousaram buscar e solicitar mulheres para falar com e para as mulheres. Ousaram questionar o porquê de se colocar como condição, *a priori*, de servir e também denunciaram o quanto a força de trabalho das mulheres é explorada na família, na sociedade e também na igreja.

A grande maioria das mulheres na IECLB continua suas tarefas domésticas na igreja, limpando, organizando e cozinhando e, ainda, com pouco acesso aos espaços de poder, refletindo uma divisão injusta de trabalho e desigualdade no exercício de poder. E infelizmente, quando conquistam poder, muitas vezes continuam refletindo a ordem patriarcal e machista, sendo algozes de suas semelhantes. Como afirma Gebara: “as mulheres continuam sendo as maiores colaboradoras para a manutenção das instituições de poder patriarcal, acreditando ser este o caminho que mais corresponde à vontade dos senhores representantes do Senhor Deus.”³⁰⁴

Dando um salto no tempo, dez fóruns nacionais foram realizados e muito se aprendeu ao longo da caminhada. Uma nova geração de mulheres luteranas chegou para fazer parte do Fórum, novas coordenações, novos pensamentos. Retomada de rumo, enfrentamento e perdão mútuo também foram vivenciados.

O Fórum pôde experimentar os 500 anos da Reforma celebrando o Encontro Nacional de Mulheres da IECLB. Junto com ministras, OASE e Juventude Evangélica, realizado em Foz do Iguaçu/PR, em março de 2017, articuladas pela Secretaria de Ação Comunitária através de sua Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias³⁰⁵. Por ocasião daquele encontro, Elaine Neuenfeldt afirmou:

³⁰⁴ GEBARA, 2017b, p. 17.

³⁰⁵ A Coordenação de Gênero, Geração e Etnias está subordinada a Secretaria de Ação Comunitária criada conforme aprovação do Conselho da Igreja (18 e 19 de mar. de 2005) cujo objetivo é agilizar o funcionamento da Secretaria Geral no seu desempenho de executora da administração

As mulheres sempre estiveram e estão nas igrejas. Sem elas as igrejas estariam vazias, ou ainda mais vazias em quase todos os espaços. Os bancos das igrejas estão cheios de presença de mulheres. Estar sentada nos bancos, fazer a comida, limpar, o serviço diaconal sempre foi lugar cheio de presença de mulheres. Outra coisa é participação. Participação envolve voz, poder de decisão, autonomia de trabalhos; esta é uma coisa que ainda é um desafio em muitos lugares³⁰⁶.

De certa forma, a fala da P^a. Dr^a Elaine sintetizou bem a vocação do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, o qual sempre desejou exercitar voz, decisão e autonomia das mulheres. Não somente estar presentes, mas também, e principalmente, participantes. O Fórum continua chamando à reflexão todas as mulheres luteranas.

Da mesma forma, esta dissertação também é resultado das reflexões que o Fórum da Mulher Luterana desencadeou em mim, enquanto coordenadora. Novas questões surgiram ao longo da pesquisa, como: quais as referências teológicas que a OASE tinha naquele período e que não conseguiram dar conta das relações com outros grupos e movimentos de mulheres? Por que a amizade não prevaleceu nem alianças foram tecidas na construção de cumplicidade e solidariedade entre as mulheres? Relações de poder indicariam uma luta para manutenção do status de representante hegemônico das mulheres luteranas? São questões que poderiam ser exploradas numa pesquisa futura e carecem de resposta.

Em certo momento, o Fórum foi acusado de não fazer nada de concreto em contraposição à OASE que “fala e faz”³⁰⁷. Wanda Deifelt escreveu em 1996:

[...] há que procurar por outras palavras, aquelas que evocam o poder criativo e transformador, que retoma a vida e burla a morte. Há que investir em novas metáforas. Não as palavras que perderam o gosto, o sabor, a corporeidade, mas as palavras que têm a ver com a história concreta das pessoas: o prazer e a dor, a alegria e a tristeza, as coisas da vida³⁰⁸.

A palavra de Deus cria, transforma e recria. Em Jesus, ele mesmo a própria Palavra, usava das palavras e do cotidiano para levar as pessoas à reflexão e ao conhecimento da verdade. Que as mulheres luteranas também possam se servir da palavra: não somente para ouvir, mas também para refletir e ter voz.

central. Disponível em: <<http://luteranos.com.br/conteudo/nova-estrutura-dinamiza-as-atividades-na-secretaria-geral>>. Acesso em 27 de fev. de 2018.

³⁰⁶ NEUENFELDT, Elaine Gleci. *Mulheres Luteranas celebrando os 500 anos*. Foz do Iguaçu, Rafain Palace Hotel & Convection, 18 mar. 2017. Palestra ministrada às mulheres participantes do encontro.

³⁰⁷ BAESKE, 1999, p. 63-64.

³⁰⁸ DEIFELT, Wanda. Palavras e outras palavras: a teologia, as mulheres e o poder. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 36, no. 1, 1996, p. 15.

REFERÊNCIAS

25 ANOS do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana. *Portal Luteranos*, 24 mai. 2015. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/forum-de-reflexao-da-mulher-luterana/25-anos-do-forum-de-reflexao-da-mulher-luterana>. Acesso em: 25 out. 2017.

A FÉ nos move a nos dispormos ao serviço da Igreja sempre. *Jorev Luterano*, Porto Alegre, jul. 2010.

ALBUQUERQUE, Janice Marie S. A mulher na Igreja da América Latina depois do Concílio Vaticano II. *Paralellus*, Recife, UNICAP, ano 1, no. 2, p. 53-77, jul./dez. 2010.

ALENCASTRO, Luiz F. de; RENAUX, Maria L. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.); ALENCASTRO, Luiz F. de (Org.). *História da vida privada no Brasil*. vol. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ALTMANN, Walter. Quais os clamores que terão eco em Curitiba?. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 01-31 jan. 1990, Geral.

ALTMANN, Walter. Assassinato da Irmã Doraci, em Moçambique: Procuradoria de Nampula apresenta denúncia à Justiça. Comunicado da IECLB à imprensa. *Portal Luteranos*, 02 mar. 2005. Disponível em: <<http://www.martimluterano.org.br/noticias/assassinato-da-irma-doraci-em-mocambique-procuradoria-de-nampula-apresenta-denuncia-a-justica>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

ANJOS, Gabriele dos. *Mulheres todas santas: participação de mulheres em organizações religiosas e definições de condição feminina em igrejas cristãs do Rio Grande do Sul*. [Tese de Doutorado]. Porto Alegre: FEE, 2009, p. 344. Disponível em: <http://cdn.fee.tche.br/teses/teses_fee_11.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2014.

AREND, Silvia Fávero. Trabalho, escola e lazer. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

BAESKE, Sibyla. Cidadania requer responsabilidade. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 16-30 set. 1995, Nosso Espaço – Nossas Esperanças.

_____. *Retalhos no tempo: 100 anos da OASE 1899-1999*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

_____. Dez anos despertando solidariedade. In: BAESKE, Sibyla (Org.). *Mulheres desafiam as igrejas cristãs: Década ecumênica de solidariedade das igrejas com a mulher (1988-1998)*. Petrópolis: Vozes, 2001.

BEULKE, Gisela. A história do ministério diaconal na IECLB. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 47, no. 1, 2007. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/470/425>. Acesso em: 10 ago. 2017.

_____. João 15.9-17. Auxílio Homilético. In: *Proclamar Libertação*. Auxílios Homiléticos – Lecionário Comum Revisado da IECLB – Ano B, vol. 33. São Leopoldo: Sinodal/Faculdades EST, 2008/2009. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/jo-o-15-9-17-3>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

BIEHL, João Guilherme. Teologia feminista: Mulheres querem fazer história. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, segunda quinzena, fev. 1985.

_____. Campesina não tem direito à nada. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 13-26 abr. 1986.

BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BLASI, Marcia; BRUN, Marli. Sumpfloch, a República das Mulheres. Entrevista com Haidi Jarschel; Regene Lamb; Sílvia Beatrice Genz; Erli Mansk; e Marli Lutz. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, vol. 1, no. 1, p. 94-108, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2487>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

BLASI, Marcia. *Por uma vida sem vergonha: vulnerabilidade e graça no cotidiano das mulheres a partir da teologia feminista*. [Tese de Doutorado]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017.

BLIND, Sisi; BOBSIN, Oneide. *Ecos de uma história silenciosa: grupos de OASE da IECLB*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2009, p. 80. Disponível em: <http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=139>. Acesso em: 14 set. 2015.

BRAKEMEIER eleito presidente. Mas surpresa foram as mulheres. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 26 out./08 nov. 1986, Concílio Geral da IECLB.

BRAKEMEIER, Ruthild. Precisamos de uma Secretaria da Mulher? In: *Roteiro de Trabalho da OASE 1995*. Eu sou... Jesus se apresenta. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

BRAKEMEIER, Ruthild. Falecimento da Irmã Hildegart Hertel. *Portal Luteranos*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/falecimento-da-irma-hildegart-hertel>>. Acesso em: 19 out. 2017.

BRASIL. *Lei nº. 4.121, de 27 de agosto de 1962*. Dispõe sobre a situação jurídica da mulher casada. Brasília: Presidência da República, 1962. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4121.htm>. Acesso em: 09 ago. 2017.

BRUN, Marli. *Redoma de vidro: faces re-veladas do contraponto de mulheres casadas com pastores no ministério eclesiástico*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2003.

CAPA – Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia. *Missão*. Disponível em: <<http://www.capa.org.br/page/missao/>>. Acesso em: 25 out. 2017.

CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. Feminismo/Feminismos. In: COLLING, Ana M.; TEDESCHI, Losandro A. (Orgs.). *Dicionário Crítico de Gênero*. Dourados: UFGD, 2015.

CAVALCANTI, Tereza. Produzindo teologia no feminino plural. A Propósito do III Encontro Nacional de Teologia na perspectiva da mulher. *Perspectiva Teológica*, vol. 20, no. 52, p. 359-370, 1988. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1672/2000>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

CHRISTMANN, Louraini. Mulheres Agricultoras. *Proclamar Libertação*, vol. 16. São Leopoldo: Sinodal, 1990. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/mulheres-agricultoras>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

COLLING, Ana M. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história*. Dourados: UFGD, 2014.

CONCILIUM – Revista Internacional de Teologia. *Teologia Feminista: As mulheres, o trabalho e a pobreza*. Petrópolis: Vozes, vol. 214, 1987.

CONIC – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs no Brasil. *Mulheres*. Disponível em: <<https://www.conic.org.br/portal/mulheres>>. Acesso em: 02 out. 2017.

CREUTZBERG, Alfred M. Ruthild Brakemeier (*1938): obra e biografia. *Portal Luteranos*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/ruthild-brakemeier-1938>>. Acesso em: 19 out. 2017.

DÉCADA Ecumênica prioriza o trabalho da mulher. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 16-29 abr. 1989, Geral.

DEIFELT, Wanda. Palavras e outras palavras: a teologia, as mulheres e o poder. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 36, no. 1, 1996.

_____. Uma década de visibilidade. In: BAESKE, Sibyla (Org.). *Mulheres desafiam as igrejas cristãs: Década ecumênica de solidariedade das igrejas com a mulher (1988-1998)*. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e Teologia. Interpelações e perspectivas*. São Paulo/Belo Horizonte: Paulinas/Loyola/SOTER, 2003a.

_____. Educação teológica para mulheres: um passo decisivo à cidadania eclesial. In: SOTER (Org.). *Gênero e Teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo/Belo Horizonte: Paulinas/Loyola/Soter, 2003b.

DELEGADA da IECLB avalia o encontro. 8ª Assembleia da FLM. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 08-21 abr. 1990, Nosso Espaço – Nossas Esperanças.

DMO Brasil – Dia Mundial de Oração. DMO: o que é? Disponível em: <<http://www.dmoracao.comunidades.net/dia-mundial-de-oracao-o-que-e>>. Acesso em: 23 out. 2017.

DREHER, Martin N. *A Religião de Jacobina*. São Leopoldo: Oikos, 2017.

_____. Teologia Feminista. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 14 abr./04 mai. 1991, Malote.

_____. *História do Povo Luterano*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

_____. (Org.). *Histórias de vida e fé: luteranos e luteranas no Nordeste do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Oikos, 2012.

_____. *História do Povo de Jesus: uma leitura latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

_____. *190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças*. São Leopoldo: Oikos, 2014.

DREHER, Scheila dos Santos. *O pontinho da balança: história do cotidiano de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil, na perspectiva do privado e do público*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2007.

_____. Mulheres – Em memória delas: a atuação de mulheres teuto-brasileiras evangélicas no sul do Brasil. *Sinos da Comunhão*, Edição especial 130 anos do Sínodo Rio-grandense, São Leopoldo, no. 188, out. 2016. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/jornal-sinos-da-comunhao-ano-18-n-188-outubro-2016>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

ENCONTRO de Pastoras e Catequistas e Estudantes de Teologia. *Caderno do Encontro de Pastoras, Catequistas e Estudantes de Teologia – Novembro de 1987*, São Leopoldo, p. 9-11, 1987.

FATEV – Faculdade de Teologia Evangélica. *História*. Disponível em: <<https://fatev.edu.br/historia/>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

FERNANDES, Ligiane Taiza Müller. *Mulheres e ordenação (na IECLB): novos modelos e outras possibilidades na vivência cotidiana do ministério ordenado*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2010.

FIGENBAUM, Ricardo Z. Miatização da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil por meio do Jornal Evangélico: Aspectos Históricos. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, vol. 8, p. 57-93, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/viewFile/2123/2034>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

FLUCK, Marlon R. *Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil: início, missão e identidade*. Curitiba: Calebe, 2005.

_____. Núcleo alemão em Curitiba. In: VITECK, Harto (Org.). *Imigração alemã no Paraná: 180 anos: 1829-2009*. Marechal Cândido Rondon: Germânica, 2011.

FREIBERG, Maristela Livia. *Retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1997.

FUGMANN, Wilhelm. *Os alemães no Paraná: livro do centenário*. Tradução de Francisco Lothar Paulo Lange. Ponta Grossa: UEPG, 2010.

GASSEN, Gládis. Jesus e a samaritana são contra a imagem invisível da mulher. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 25 set.- 8 out. 1988, Meditação.

GEBARA, Ivone. Desafios que o movimento feminista e a teologia feminista lançam à sociedade e às Igrejas. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 27, no. 2, 1987.

_____. *Filosofia feminista: uma brevíssima introdução*. São Paulo: Terceira Via, 2017a.

_____. *Mulheres, religião e poder: ensaios feministas*. São Paulo: Terceira Via, 2017b.

GIERUS, Renate. *Além das grandes águas: mulheres alemãs imigrantes que vêm ao sul do Brasil a partir de 1850: uma proposta teórico-metodológica de historiografia feminista a partir de jornais e cartas*. [Tese de Doutorado]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2006.

GIL, Antonio C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2016.

GRAF, Adélia; SCHÜNEMANN, Helga. História de vida de Gudrun Braun. Em *Comunhão com as vidas das mulheres*. *Portal Luteranos*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres/historia-de-vida-de-gudrun-braun>>. Acesso em: 23 out. 2017.

GRUPO coordenador da Década Ecumênica da Mulher do CMI. Mensagem de Páscoa: quem removerá a pedra? *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 01-18 mar. 1989.

GRUPO de mulheres da Escola Superior de Teologia. Afinal, o que é teologia feminista? *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 07-27 jul. 1991, Espaço Livre.

HERTEL, Hildegart. A minha história a Caminho do Fórum da Mulher Luterana. In: ROTH, Vera Leane; SCHERER, Hertha Costa. *Mulher, deixa a chama acesa e não tema a transformação: Deus te ama 100%: história dos 20 anos do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana da IECLB*. Porto Alegre: Odisseia, 2010.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUNSCHE, Carlos H. *Pastor Heirich Wilhelm Hunsche e os começos da Igreja Evangélica no Sul do Brasil*. São Leopoldo: Rotermond, 1981.

IECLB. Boletim Informativo 141. Posicionamento sobre o Ministério Compartilhado. *Portal Luteranos*, 25 nov. 1994. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/posicionamento-sobre-o-ministerio-compartilhado>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

_____. *Relatório do Pastor Presidente: XXI Concílio da Igreja 15 a 18 de outubro de 1998*, Rodeio/SC. Porto Alegre: IECLB, 1998.

_____. Relatório da Direção da Igreja – 2000-2002. XXII Concílio da Igreja – Santa Maria de Jetibá/ES. *Portal Luteranos*, 17 out. 2002. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/relatorio-da-direcao-da-igreja-2000-2002>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

_____. Campanha “Em Comunhão com as vidas das mulheres”. *Portal Luteranos*, 24 jun. 2014. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/campanha-em-comunhao-com-as-vidas-das-mulheres-28700>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

_____. Fundo de Missão no Exterior Irmã Doraci J. Edinger. Motivação para Oferta Nacional – 1 de janeiro de 2017. *Portal Luteranos*, 01 set. 2016. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/fundo-de-missao-no-externio-irma-doraci-j-edinger-2>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

_____. Jornal Evangélico Luterano – Apresentação. *Portal Luteranos*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/jorev/apresentacao>>. Acesso em: 21 set. 2017.

IECLB realiza Fórum da Mulher. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 01-15 abr. 1995, Nosso Espaço – Nossas Esperanças.

IGREJA evangélica tenta esclarecer morte de missionária. *ESTADÃO* – Portal do Estado de São Paulo, São Paulo, 27 fev. 2004, Política. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,igreja-evangelica-tenta-esclarecer-morte-de-missionaria,20040227p32215>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

JARSCHEL, Haidi; ALTMANN, Lori. *Um esboço do perfil da pastora da IECLB*. São Paulo: Traço a Traço, 1992.

KAPPEL, Suely Munck. De “rainha do lar” para ação no mundo. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 16 jun.-06 jul. 1991, Nosso Espaço – Nossas Esperanças.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena *et al* (Orgs.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

KIRCHHEIM, Marlene. Página da mulher completa um ano. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, primeira quinzena, mai. 1985, Nosso Espaço Nossas Esperanças.

KLIEWER, Gerd Uwe. Ex-alunos e ex-alunas da Escola Superior de Teologia da IECB. In: HOCH, Lothar Carlos; STRÖHER, Marga Janete; WACHHOLZ, Wilhem (Orgs.). *Estações da formação teológica: 60 anos de história da EST*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

KOCH, Ingelore Starke. Mulheres se organizam e falam entre si sobre temas tratados. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 01-24 mar. 1990, Nosso Espaço – Nossas Esperanças.

_____. Presidente nacional avalia OASE. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 20 out./09 nov. 1991a, Nosso Espaço – Nossas Esperanças.

_____. Obreiras buscam valorização de seu trabalho. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 05-25 mai. 1991b, Geral.

_____. Teóloga feminista diz que é preciso desvincular Deus do símbolo masculino. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 24 mar./13 abr. 1991c, Nosso Espaço – Nossas Esperanças.

_____. OASE elege novo Conselho Nacional. Mulheres. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 16-30 abr. 1994, Nosso Espaço – Nossas Esperanças.

_____. “Sonho” de participação decidida. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 16-21 mai. 1995, Nosso Espaço – Nossas Esperanças.

_____. Mulher homenageada é obreira da IECLB. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 01-15 mar. 1996a.

_____. Evento quer ser espaço para o diálogo. 2º Fórum de Reflexão da Mulher Luterana. *Jornal Evangélico*, 01-15 nov. 1996b, Nosso Espaço – Nossas Esperanças.

_____. 3º Fórum pede a criação da Secretaria da Mulher na IECLB. Mulher Luterana. *Jornal Evangélico*, 01-15 nov. 1997a, Nosso Espaço – Nossas Esperanças.

_____. Presidência reúne lideranças femininas. *Jornal Evangélico*, 01-15 jun. 1997b, Nosso Espaço – Nossas Esperanças.

_____. Trabalho de mulheres na IECLB – o leque se abre cada vez mais. In: *Anuário Evangélico – 2001*, vol. 30. São Leopoldo: Sinodal, 2000. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/trabalho-de-mulheres-na-ieclb-o-leque-se-abre-cada-vez-mais>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

_____. Primeira década do Fórum no JOREV. In: ROTH, Vera Leane; SCHERER, Hertha Costa (Orgs.). *Mulher, deixa a chama acesa e não tema a transformação*:

Deus te ama 100%. História dos 20 anos do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana da IECLB. Porto Alegre: Odisseia, 2010.

KRÜGER, Eldo; KAPPEL, Mauri; BEIG, Darwin. *Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Rio Claro – SP: 125 anos de história 1883-2008*. Rio Claro: Divisa, 2009.

LENGLER, Lilian. Mulheres conquistam seu espaço na Igreja através de suas lutas. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 11-31 jan. 1987.

_____. Páginas específicas para mulheres e os jovens. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, ago. 1988, Público Alvo.

_____. Confiante no Senhor, sinto-me forte. In: *Roteiro de Trabalho da OASE 1992*. São Leopoldo: Sinodal, 1991.

_____. História de vida de Lilian Fleck Lengler. Em comunhão com as vidas das mulheres. *Portal Luteranos*, 2016. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/historia-de-vida-de-lilian-fleck-lengler>>. Acesso em: 24 out. 2017.

LENZ, Melissa. Sociedade, Bem Viver e Mulheres. In: *O recado da terra*, ano XXI, no. 44, p. 3. [S.l.]: CAPA, abr. 2017. Disponível em: <<http://www.capa.org.br/uploads/pdf/Rec-Terra-outono-2017.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

LERMEN, Gisela A. B. Mulheres imigrantes alemãs e igreja no Brasil: dificuldades e possibilidades para uma pesquisa histórica. *Protestantismo em revista*, São Leopoldo, vol. 10, p. 36-48, mai./ago. 2006.

LIDERANÇAS femininas realizam 3º encontro. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 28 jul.-17 ago. 1991, Nosso Espaço – Nossas Esperanças.

LUTERANAS criam fórum de reflexão. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 01-31 jan. 1995, Nosso Espaço – Nossas Esperanças.

MANSK, Erli (Org.). *Manual de ordenação e instalação*. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/IECLB, 2011. Também disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/manual-de-ordenacao-e-instalacao>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

MARQUES, Teresa Cristina de N.; MELO, Hildete P. de. Os direitos civis das mulheres casadas no Brasil entre 1916 e 1962 ou como são feitas as leis. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 16, no. 2, p. 448-463, mai./ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000200008>. Acesso em: 09 ago. 2017.

MARTINS, Leonor. Missionária brasileira estuprada e morta em Moçambique. *Pravda.ru*, 27 fev. 2004. Disponível em: <<http://port.pravda.ru/news/cplp/brasil/27-02-2004/4496-0/>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

MASKE, Wilson. Imperialismo e Luteranismo: o embate entre missionários alemães e americanos pelas comunidades luteranas no Brasil (1899-1938). In: *Carta Internacional*, vol. 8, no. 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/89/69>>. Acesso em: 03 ago. 2017.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andréa. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

MULHER pleiteia representação mais expressiva na Igreja. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 26 out./08 nov. 1986, Concílio Geral da IECLB.

MULHERES da IECLB desafiadas por deputada federal negra. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 04-17 dez. 1988, Nosso Espaço – Nossas Esperanças.

MULHERES aumentam sua representação no CD. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 21 out.-10 nov. 1990, Concílio Geral.

MUSSKOPF, André S. *Teologia Feminista e de Gênero na Faculdades EST – a construção de uma área do conhecimento*. São Leopoldo: CEBI, 2014.

NERING, Edeltraud Fleischmann; ULRICH, Claudete Beise; FANZLAU, Sandra Helena. *Retratos das mulheres da OASE: quem foram e quem são*. Caderno de memórias. Blumenau: Otto Kuhr, 2006.

NEUENFELDT, Elaine Gleci. *Mulheres Luteranas celebrando os 500 anos*. Foz do Iguaçu, Rafain Palace Hotel & Convention, 18 mar. 2017. Palestra ministrada às mulheres participantes do encontro.

O FÓRUM continua. Conclusões. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, suplemento de nov. 1998, Fórum da Mulher Luterana.

O OBJETIVO é estar a serviço da unidade. Secretaria da Mulher. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 01-15 jun. 1994, Nosso Espaço – Nossas Esperanças.

ORDEM AUXILIADORA DE SENHORAS EVANGÉLICAS. *OASE – Por quê? Como? Para quê?*. Guia de Comunhão – Testemunho – Serviço. 4 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

PAIXÃO, Márcia Leindecker da. Cátedra de Teologia Feminista na EST: pelos meus olhos. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, vol. 1, no. 1, p. 30-39, jul./dez. 2015.

PARMAR, René. Sou Mulher. Adaptado da Revista “Prayers & Poems & Songs & Stories – Ecumenical Decade 1988-1998 – Churches in Solidarity with Women”. Tradução de Anna Lange. In: *Anuário Evangélico 1991*. São Leopoldo: Sinodal, 1990.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: PRIORE, Mary Del (Org.); PINSKY, Carla B. (Coord.). *História das mulheres no Brasil*. 9 ed., 2 reimp. São Paulo: Contexto, 2010.

PEREIRA, Nancy Cardoso; JAHN, Elisiane de Fátima. Todas as vidas... Todas as vias camponesas! In: PALUDO, Conceição (Org.). *Mulheres: resistência e luta em defesa da vida*. São Leopoldo: CEBI, 2009.

_____. Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2 ed., 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2013.

PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

PHILIPPSEN, Rosane. As origens do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana e as relações de poder entre mulheres da IECLB. *Anais do Congresso Internacional das Faculdades EST*, São Leopoldo, Faculdades EST, vol. 3, p. 255-261, 2016.

Disponível em:

<<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/viewFile/768/483>>. Acesso em: 08 fev. 2017.

POMMÊ, Noêmia Hepp. Grupos tradicionais dão lugar a OASE moderna, participativa. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 20 out. – 9 nov. 1991, Nosso Espaço – Nossas Esperanças.

PONICK, Edson; SILVA, Marta Nörnberg da; PAIXÃO, Márcia Eliane L. da. Contribuições da Educação Cristã e da Diaconia para a formação teológica no contexto do Ministério Compartilhado. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 42, no. 1, p. 28-41, 2002.

RAGO, Elisabeth. Descobrimo historicamente gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, no. 11, p. 89-98, 1998. Disponível em:

<http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/118136/1/ppec_8634465-3436-1-SM.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2017.

ROBERTO, Manuel. Missionária assassinada em Moçambique sabia do tráfico de órgãos humanos. *Público*, Portugal, 27 fev. 2004. Disponível em:

<<https://www.publico.pt/2004/02/27/sociedade/noticia/missionaria-assassinada-em-mocambique-sabia-do-trafico-de-orgaos-humanos-1187119>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

ROTEIRO da OASE 1988. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

ROTEIRO da OASE 1994. *Mulher: Dignidade – Valorização*. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

ROTEIRO da OASE 1995. *Eu sou...* Jesus se apresenta. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

ROTEIRO da OASE 1996. *Guiados pelo Espírito Santo*. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

ROTEIRO da OASE 1997. *Livres para servir*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

ROTEIRO da OASE 1998. *Caminhando com Jesus*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

ROTH, Vera Leane; SCHERER, Hertha Costa. *Mulher, deixa a chama acesa e não tema a transformação: Deus te ama 100%: história dos 20 anos do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana da IECLB*. Porto Alegre: Odisseia, 2010.

RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

SAAR, Edla B. PPL realiza seminário feminino. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 20 out./09 nov. 1991, Nosso Espaço – Nossas Esperanças.

SAMPAIO, Tânia M. Vieira. Gênero: saberes e sabores a interrogar a vida e a teologia. *Tempo e Presença*, no. 336, p. 33-35, jul.-ago. 2004. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/tpdigital/uploads/8_genero.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2017.

SCHARFFENORTH, Gerta. Diaconisa. In: GÖSSMANN, Elisabeth (Org). *Dicionário de teologia feminista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

SCHMIDT, Flávio. Pastoral Popular Luterana: o testemunho de uma prática. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, vol. 43, no. 1, p. 59, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/2867/pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

SCHMIDT, Vilma Konflanz. Lições de Vida. Entrevista com Emma Kölle e Hertha Kölle. In: *Roteiro da OASE 1996*. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

SCHNEIDER, Liane. Que fala como mulher na literatura de mulheres? In: CAVALCANTI, Ildeney; LIMA, Ana C.; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *De mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades*. Maceió: EDUFAL, 2006.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; STRECK, Valburga Schmiedt. A esposa de pastor: identidade entre família, profissão e igreja. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 35, no. 2, p. 133-145, 1995.

SCHÜNEMANN, Sílvia de Oliveira. Elas não têm assento nas mesas de decisão. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 22 jun./12 jul. 1986, Mulheres Evangélicas.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. O dia sem fim: introdução. *Concilium – Revista Internacional de Teologia. Teologia Feminista: As mulheres, o trabalho e a pobreza*, Petrópolis, Vozes, vol. 214, 1987.

_____. *Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. *Caminhos da sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Orgs.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.

_____. Gênero como categoria útil para análise histórica. *Educação & Realidade*, vol. 20, no. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

SINGH, Priscilla. *As Igrejas dizem 'não' à violência contra a mulher: plano de ação para as Igrejas*. Tradução de Paul Tornquist e Brunilde Arend Tornquist. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

SOSA, Pablo. Bênção. Tradução de Jaci Maraschin. In: KIRST, Nelson. (Org.). *Cantos Litúrgicos da América Latina: Cantos Litúrgicos de América Latina*. [Miriã; 2]. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Centro de Recursos Litúrgicos, 2006.

SPERB, Ulrico. Irmã Doraci, Missionária e Mártir. In: *Anuário Evangélico – 2009*. Blumenau: Otto Kuhr, 2008. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/irma-doraci-missionaria-e-martir>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

STALSETT, Gunnar. Mulher “apita” pouco. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 14-27 set. 1986.

STÖFFLER, Erika. Década de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres – 1988-1998. In: *Roteiro de Trabalho OASE 1993*. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

STRECK, Valburga S.; BLASI, Marcia. Questões de gênero e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 49, no. 2, p. 222-240, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/84>. Acesso em: 31 jul. 2017.

STRÖHER, Marga Janete. A história de uma história – o protagonismo das mulheres na Teologia Feminista. *História Unisinos*, São Leopoldo, Unisinos, vol. 9, no. 2, p. 116-123, mai./ago. 2005. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/6417>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

STUDART, Heloneida. *Mulher objeto de cama e mesa*. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

TABAK, Fanny. *A Década da Mulher como Forma de Participação e Pressão Política: avaliação e balanço*. Trabalho apresentado na IX Reunião Anual da ANPOCS, GT Mulher e Política, 1985. Disponível em: <<https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/9-encontro-anual-da-anpocs/gt-10/gt21-6/6147-fannytabak-decada/file>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

THE LUTHERAN WORLD FEDERATION. *A gallery of portraits: the women who made the LWF at assemblies*. Disponível em: <https://www.lutheranworld.org/sites/default/files/lwf_women_since_1947.pdf>. Acesso em: 24 out. 2017.

TRESSMANN, Ismaier. Mulher é discriminada até mesmo em sua casa. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 19 jan./08 fev. 1986.

ULRICH, Claudete B. Mulheres e homens luteranos: leituras feministas e identificações com o feminismo em tempos de ditadura militar no Brasil (1964-1989). *História Oral*, Associação Brasileira de História Oral, vol. 12, no. 1-2, p. 59-86, 2009. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=164&path%5B%5D=165>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

VEIGA, Ana M.; PEDRO, Joana M. Gênero. In: COLLING, Ana M.; TEDESCHI, Losandro A. (Orgs.). *Dicionário Crítico de Gênero*. Dourados: UFGD, 2015.

VIOLENCIA: 6 são presos na África por morte de brasileira. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 02 mar. 2004, Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0203200428.htm>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

WACHHOLZ, Rocheli. *Aniversário de 35 anos do CAPA tem duas comemorações na zona Sul do RS*. Disponível em: <<http://www.fld.com.br/blog/aniversario-de-35-anos-do-cap-a-tem-duas-comemoraco/>>. Acesso em: 25 out. 2017.

WEYRAUCH, Clélia S. *Pioneiros alemães de Nova Filadélfia: relato de mulheres*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

WITT, Osmar L. *Igreja na Migração e Colonização: A pregação Itinerante no Sínodo Rio-Grandense*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1996.

WITT, Osmar. Escola Superior de Teologia da IECLB – 60 anos de História e Compromisso. In: *Anuário Evangélico*, Blumenau: Otto Kuhr, 2006. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/editora-otto-kuhr/anuario-evangelico-2006>. Acesso em: 09 ago. 2017.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos da mulher*: Edição comentada do clássico feminista. São Paulo: Boitempo, 2016.

WOODHEAD, Linda. As diferenças de gênero na prática e no significado da religião. *Revistas de Estudos de Sociologia*, Araraquara, vol. 18, no. 34, p. 77-100, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/5974>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

WULFHORST, Dorothea E. Quem não se modifica – se trumbica!. In: *Roteiro da OASE 1993*. Permanecem a Fé, a Esperança e o Amor. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

X FÓRUM da Mulher Luterana – Mulheres, quem conta nossa história? *JOREV Luterano*, Porto Alegre, jul. 2014, Atualidade, p. 4. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/_arquivos/todos.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2017.

ZARTH, Zenaide Christmann. Trabalhadora rural conquista igualdade. *Jornal Evangélico*, São Leopoldo, 28 jul./17 ago. 1991.